



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LUCIENE FREITAS MOTA

**MULHERES QUE EDUCAM: EXPERIÊNCIAS DE CONTADORAS
DE HISTÓRIAS**

Salvador

2017

LUCIENE FREITAS MOTA

**MULHERES QUE EDUCAM: EXPERIÊNCIAS DE CONTADORAS
DE HISTÓRIAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mary de Andrade Arapiraca.

Salvador

2017

LUCIENE FREITAS MOTA

MULHERES QUE EDUCAM - EXPERIÊNCIAS DE CONTADORAS DE HISTÓRIAS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Banca Examinadora

Mary de Andrade Arapiraca - Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia(UFBA)
Professora Titular da Universidade Federal da Bahia

Lícia Maria Freire Beltrão
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professora Associada I da Universidade Federal da Bahia

Luciene Souza Santos
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Professora Assistente da Universidade Estadual de Feira de Santana

Maria Antônia Ramos Coutinho
Doutora em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Às três mulheres responsáveis pela minha inserção no universo da contação de histórias: Ceverina Barbosa de Freitas Mota, minha mãe, Prof^a Dr^a Luciene Souza Santos, minha amiga, Prof^a Dr^a Mary de Andrade Arapiraca, minha orientadora.

Era uma vez uma voz.
Um fiozinho à-toa. Fiapo de Voz.
Voz de mulher. Doce e Mansa.
De rezar, ninar criança,
Muitas histórias contar.
(MACHADO, 2006)

AGRADECIMENTOS

“Eu não ando só, só ando em boa companhia”...
(Toquinho e Vinícius de Moraes).

Na tessitura desse tapete de palavras, contei com vários tipos de ajuda. Algumas de longe, outras de perto, algumas energéticas, outras práticas; todas de grande valia. Assim, só me resta agradecer a todos aqueles que não me deixaram andar só;

ao universo na sua infinita abundância e generosidade que permite a minha história; a minha orientadora Prof^a Dr^a Mary de Andrade Arapiraca, que desde 2013 tem me ensinado, com muita paciência, a contar histórias, a escrever e a ser professora;

à Prof^a Dr^a Luciene Souza Santos, por ter me mostrado que eu posso contar histórias, com a minha voz, com o meu ritmo, do meu jeito... e diante das minhas dúvidas e incertezas me falar: *Lule, você vai conseguir*;

ao meu marido, Dieter Kahl, meu apoiador nas contações de histórias, leitor crítico dos meus textos... meu parceiro de vida;

a minha família pela torcida, minha mãe, Ceverina, ao meu pai Deusdedite (*in memoriam*), minha irmã Lu Mota, meus irmãos, Mario e Marcone e minhas sobrinhas, as meninas dos meus olhos, Vitória, Samara, Mainara e Isabela;

à família Kahl, pela torcida e orações, representada pelos meus sogros Doris e Christian;

às contadoras de histórias que doaram, generosamente, suas experiências para que esta dissertação se concretizasse: Danielle Andrade, Keu Apoema, Regina Alfaia, Regina Campana, e Vovó Cici;

ao GELING - Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem, representado pela Prof^a Dr^a Dinéia Maria Sobral Muniz, pelo acolhimento e orientações no fazimento desta dissertação;

à minha banca de qualificação, representada pela Prof^a Dr^a Maria Antônia Ramos Coutinho, pelas leituras e sugestões ao meu texto dissertativo;

à Prof^a Dr^a Lícia Maria Freire Beltrão que supervisionou o meu estágio docente me *ensinando a ensinar*;

ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, representado pela Prof^a Dr^a Maria Helena Bonilla, pelo acolhimento e todo o serviço prestado no percurso da minha pesquisa de mestrado;

à UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana, que me recebeu, literalmente, como uma mãe, ao me dar educação, casa e alimentação, quando saí de Capim

Grosso para Feira de Santana, carregando apenas o sonho de cursar a universidade;

ao Núcleo de Leitura da UFES, representado pela Profª Drª Maria Helena Besnosik, pelo acolhimento desde a minha graduação;

à AEC-TEA Associação, responsável por parte da minha base formativa.
às minhas colegas de Mestrado, representadas aqui por Adriana Santana, Joana Lopes e Silvana Echer;

aos meus colegas da Especialização em Docência do Ensino Superior da Faculdade de Ciências e Tecnologias - FTC, representados por Leila Pinheiro, pela torcida e apoio;

ao grupo de Estudo em História Cultural, representado pela Profª. Ma. Rita Brêda, pelas trocas, conversas e disponibilidade para escuta;

e a todos os amigos irmãos que torceram, vibraram e me aguentaram nos momentos difíceis, Zane, Fran, Alex, Eliana, Ló, Fabi, Rosy...

MOTA, Luciene Freitas. Mulheres que educam: experiências de contadoras de histórias. 2017. 140 f. il. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2017.

Esta dissertação tem como objetivo apresentar contribuições para continuidade do movimento de valorização da mulher contadora de histórias na contemporaneidade através de sentidos educacionais atribuídos a esse ofício por algumas delas. Tendo a minha história de vida como pano de fundo, foi empreendida uma pesquisa em duas etapas, orientada pela seguinte questão: que sentidos educacionais contadoras contemporâneas de história atribuem ao seu ofício? A primeira etapa constituiu-se de uma investigação bibliográfica sobre a história secular da mulher contadora de histórias, a contextualização da contação de histórias, de sua origem, na tradição oral a suas transformações na contemporaneidade. A segunda etapa, desenvolveu-se a partir de entrevistas narrativas com cinco mulheres contadoras de histórias, as quais narraram suas memórias de vida-formação-profissão mostrando como a contação de histórias se alinhava em suas vidas da infância à idade adulta. Ao relatarem suas experiências, demonstraram os sentidos educacionais que elas atribuem à contação de histórias. Dessa forma, em diálogo com os sujeitos de pesquisa, com teóricos e estudiosos, como Warner (1999), Zumthor (1993), Matos (2005), Bosi (2004), Vygotsky (2000) e Bakhtin (2011), esta pesquisa intentou mostrar que educar é intrínseco à contação de histórias. Dentre os muitos sentidos educacionais que se pode atribuir a ela, as contadoras destacaram: ensino-aprendizagem pelo exemplo; mediação de conflitos; educação da sensibilidade; formação de leitores. Tais sentidos são circulares e interativos, ou seja, ouvintes e contadoras de histórias, cada um a seu modo, são tocados e retocados em sua contínua formação, por meio da arte de contar histórias.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação. Memória. Mulher. Oralidade.

Abstract

This dissertation seeks to present contributions towards the continuity of the female storyteller appreciation movement in contemporaneity through the educational senses that they attribute to their office. Using my life story as a backdrop, a two-step study was undertaken, guided by the following question: What contemporary educational senses of history do you attribute to your craft? The first stage consisted of a bibliographical investigation about the history of female storytellers, the contextualization of storytelling, its origin, the oral tradition and its transformations in contemporary times. The second stage was developed from narrative interviews with five female storytellers, who narrated their memoirs of life, education and profession, showing how storytelling aligned with their lives from childhood to adulthood. In reporting their experiences, they demonstrated the educational meanings they attribute to storytelling. Thus, in a dialogue with the research of theoreticians and scholars such as Warner (1999), Zumthor (1993), Matos (2005), Bosi (2004), Vygotsky (2000) and Bakhtin (2011), this study shows that educating is intrinsic to storytelling. Among the many educational senses that can be attributed to it, the storytellers highlighted: teaching-learning by example; conflict mediation; sensitivity education; training of readers. Such senses are circular and interactive, that is, listeners and storytellers, each in their own way, are touched and retouched in their continuous education through the art of storytelling.

Keywords: Storytelling. Education. Memory. Woman. Orality

SUMÁRIO

1	A COSTURA DE UM TAPETE COLORIDO – TROCANDO PANOS POR PALAVRAS	14
2	A CONFECÇÃO DO TAPETE	21
3	O SALGUEIRO E O SAPO – A PERSEVERANÇA ANCESTRAL DA MULHER COM ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	27
3.1	A MULHER NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA – UM OFÍCIO SECULAR	29
4	A DISPUTA DAS PALAVRAS E ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS	36
4.1	A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA ÓTICA DE PESQUISADORAS CONTADORAS DE HISTÓRIA	39
5	O TAPETE COSTURADO NAS NARRATIVAS DE CONTADORAS CONTEMPORÂNEAS DE HISTÓRIAS	44
5.1	POR QUE TENHO TANTAS HISTÓRIAS NA MINHA MEMÓRIA?	45
5.1.1	A princesa da cara de pau	47
5.1.2	Quer ser contadora de histórias?	53
5.1.3	Depois daquele dia ganhei segurança	60
5.2	CONTAR HISTÓRIAS É REINVENTAR O MUNDO	64
5.2.1	O mais velho conta uma história	67
5.2.2	Aquela mulher tem encantamento, ela tem coisas encantadas	73
5.2.3	Em qual livro eu encontro essa história	75
5.2.4	A gente acha estranho porque não é da nossa cultura	79

6	ARREIMATE DO TAPETE EM MANIFESTAÇÃO VERBAL	83
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE A	94
	APÊNCIDE B	95
	ANEXO A	96
	ANEXO B	98
	ANEXO C	106
	ANEXO D	113
	ANEXO E	126
	ANEXO F	131

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEC-TEA	Associação Educativa Tarcília Evangelista de Andrade
FACED	Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia
GELING	Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Linguagem
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PETI	Programa de Erradicação do Trabalho Infantil
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
SEC	Secretaria de Educação do Estado da Bahia
UFBA	Universidade Federal da Bahia

1 A COSTURA DE UM TAPETE COLORIDO – TROCANDO PANOS POR PALAVRAS

Há muito, muito tempo, vivia uma moça que era a maior tecelã do mundo. Os tecidos e tapeçarias que fazia eram tão deslumbrantes que todo mundo se admirava e jurava que nunca tinha visto nada assim perfeito.

Ela foi ficando muito convencida e começou a dizer que tecia melhor do que qualquer outra, até mesmo do que as deusas. Melhor até do que Minerva, justamente a deusa que lhe ensinara todos os segredos da arte de tecer. Então a divindade resolveu lhe dar uma lição e desafiou a moça para um duelo de tecelagem.

Cada uma sentou diante de seu tear e começou a trabalhar.

A deusa fez um imenso tapete com histórias de pessoas que desafiaram os deuses e acabaram muito mal.

Enquanto isso, Aracne ia tecendo seus fios e mostrando crimes que os deuses haviam cometido. E a tapeçaria da moça era tão bem-feita que a deusa Minerva teve que reconhecer sua perfeição. Assim, não podia matar a tecelã.

Mas bateu nela com seu bastão e a transformou numa aranha, condenada a tecer para sempre... (MACHADO, 2006)

Retalhos de contos sobre tecelãs, bordadeiras, tricoteiras e costureiras vão surgindo, alinhavados pela memória de mulheres, no livro *Ponto a Ponto* de Ana Maria Machado (2006), o qual tomo de empréstimo como encantatória para abrir esta tessitura. Ponto a ponto, este tapete dissertativo foi se desenhando a partir de fiapos de vozes de mulheres de diversas épocas, de diferentes lugares, dos mais diversos papéis sociais, mas todas bordadas com a arte de contar histórias.

O primeiro ponto foi desencadeado por minha mãe, uma especial costureira, dessas que costuram em casa. Sua especialidade nunca foi confecção de roupas. Aprendeu e manteve o ofício de costurar tapetes de pequenos retalhos de tecido, ou melhor, de panos como ela costuma se referir a tal material. Durante a escrita do meu texto dissertativo, tinha a doce experiência de retomar na memória o ritual de minha mãe com seu cesto de retalho, com retalhos de cores, estamparias e formatos diversos, tendo que escolher e pensar em formas de acomodá-los no pano de fundo. Foi quase assim que me enxerguei: de um lado, um cesto de inquietações e perguntas. E de outro, um baú aberto às discussões sobre mulher, contadoras de histórias, oralidade, contação de histórias e educação, tudo buscando assento num pano de fundo denominado texto dissertativo.

Volto à imagem da minha mãe e lembro-me que ela, diante da diversidade de retalhos, realizava um exercício, que antecede a costura, os projetos de tapetes, a partir de organizações por categorias: cores, estamparias, tamanhos e formatos para, a partir daí, tomar suas decisões: qual tapete fazer primeiro? E para quem? O certo, é que cada tapete se constituía, a partir do projeto elaborado, embora muitas mudanças ocorressem no ato de fazimento. Nunca costurei um tapete de pano. Minha mãe não me ensinou este ofício, dizia que se eu aprendesse, aquela seria minha vida, iria trocar a escola pela costura. Queria que eu estudasse, “tivesse um futuro”, e se eu quisesse costurar alguma coisa que fosse palavras, e não panos, conselho sábio, porém, arriscado. Esta dissertação, em suma, corresponde ao tapete que sempre desejei confeccionar seguindo o conselho da minha mãe. Aprendi com minha mãe que para fazer um tapete é preciso um pano de fundo, um suporte que sustente a costura dos retalhos. O meu, de palavras, teve como pano de fundo minha história de vida e de formação.

De acordo com Josso (2010, p. 40) “os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida”. Portanto, a relação das pessoas com as histórias começa ainda na infância e tem a ver com sua constituição como ser humano. Sobre essa relação dos contos com a infância, Cascudo (2004), de modo sensível, considera as histórias fabulosas escutadas na infância como primeiro leite intelectual. Para ele, “Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância”. (CASCUDO, 2004, p. 12).

Essas palavras, de Josso (2010) e Cascudo (2004), me fazem rememorar a minha infância, alinhavada com narrativas fabulosas que eu escutava em Capim Grosso, cidade do sertão baiano, vivida numa cultura na qual as pessoas ainda se reuniam para ouvir histórias. Quando criancinha, nas noites de verão, depois do jantar, meus irmãos e eu sentávamos na calçada para ouvir *causos*. Ao reviver essas memórias, percebo como era forte a presença da voz feminina narradora, era a minha mãe e uma senhora idosa, dona Nega, as pessoas que lideravam aquele espaço de contação. As principais temáticas dessas narrativas eram as de *visagem*

– aquelas histórias temperadas por uma pitada de terror e religiosidade – quando se referiam a *almas penadas* e à vida após a morte.

Essas contações eram marcadas pelo poder de convencimento das contadoras, que conseguiam tornar reais suas narrativas. Elas nunca começavam com o atemporal *era uma vez...*, usavam expressões mais marcadas, como: *uma amiga me contou...*, *um dia minha bisavó...*, ou simplesmente *eu estava caminhando na roça e daí...* A naturalidade e a segurança como desencadeavam e concluíam o enredo eram de tamanha precisão que deixavam todos os ouvintes atentos à narrativa.

Esses momentos, que alimentaram e encantaram minha infância, despertaram minha curiosidade pelas histórias que estavam nos livros. Meu desejo de ler veio da necessidade de acrescentar narrativas às que escutava na calçada da minha casa. Foi por isso, suponho hoje, que na escola me tornei uma assídua visitante da biblioteca improvisada, uma extensão da sala da diretora onde se empilhavam os livros.

Dois fatos no processo de escolarização marcaram minha história de leitura. O primeiro deles foi minha participação como beneficiária do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que funcionava no contra turno escolar; meio pelo qual, tive acesso a um projeto intitulado *Baú de Leituras*. Cada sala tinha seu baú e os alunos podiam levar os livros emprestados para casa. Li todos os livros do baú ao longo dos três anos que participei desse programa.

O segundo fato foi minha inserção no projeto de Regularização do Fluxo Escolar. Esse projeto integrava o Programa Educar para Vencer, implantado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC), que utilizava uma proposta de aceleração, pautada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que se constituía em cursar dois anos em um. O projeto concebia a leitura como uma aliada na superação dos problemas causados pela escolarização tardia ou pela incidência de reprovação. Por isso mesmo, disponibilizava um grande acervo de livros e premiava os alunos que levassem livros para casa. Nesse período li romances como: *O Mundo de Sofia, Gaarder (1995)* e *O menino no espelho, Sabino (2003)*. Quando lia, não estava pensando em melhorar minha nota ou ganhar algum prêmio. Eu lia porque gostava, sentia prazer em conhecer diferentes histórias que se somavam a minha.

A imersão na literatura é, muitas vezes, vista como uma via de escape da realidade ou simplesmente uma viagem para muitos lugares. Todorov (2010), ao contar sobre sua história de leitura na obra *A Literatura em Perigo*, relata um pouco dessa experiência de imersão na literatura, ainda na adolescência, ao dizer que “[...] eu podia satisfazer minha curiosidade, viver aventuras, experimentar temores e alegrias, sem me submeter às frustrações que espreitavam minhas relações com os garotos e garotas da minha idade e do meu meio social” (TODOROV, 2010, p.17). *Mutatis mutantis*, foram essas as sensações que a literatura forjou na minha adolescência.

Essa identificação com a escola me aproximou da literatura, me fez enxergar a possibilidade de seguir a carreira do magistério. As professoras eram meus exemplos de mulheres bem-sucedidas, inteligentes, mulheres que tinham uma profissão e falavam bonito. Dessa maneira, quando terminei o Ensino Fundamental entrei para o Curso de Magistério de Nível Médio. Esse curso, com duração de 04 anos, me iniciou nos estudos sobre as teorias educacionais e de aprendizagens, de Vygotsky a Paulo Freire e nas metodologias das disciplinas básicas.

Enquanto estudante de magistério, atuei no Projeto Valores desenvolvido pela Associação Educativa Cultural Tarcília Evangelista de Andrade (AEC-TEA), situada na cidade de Capim Grosso. Com duração de uma semana, esse projeto tinha como objetivo trabalhar nas escolas de educação básica temas como família, respeito e convivência, usando a história bíblica de José do Egito como narrativa-base para as discussões. Na abertura de cada dia, era contada, no pátio da escola, uma parte da história. Depois da contação, cada turma seguia para sua sala, acompanhada de, pelo menos, dois voluntários que desenvolviam atividades relacionadas aos temas citados. A contação de histórias nesse projeto era usada para desencadear uma reflexão sobre as relações interpessoais na escola e na família.

Em 2012, ano de conclusão do meu curso de Letras com Espanhol na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tive como professora de Metodologia de Língua Portuguesa e de Estágio Supervisionado a contadora de histórias Luciene Souza Santos. Sob sua orientação, produzi um projeto de intervenção com base nos contos tradicionais, cuja aplicação funcionou como campo de pesquisa para minha monografia de final de curso, intitulada *Os contos tradicionais como elemento desencadeador da leitura e da escrita dos alunos do 6º*

ano do Ensino Fundamental I. O projeto mesclava contação de história, rodas de leituras e recontos orais e escritos. As atividades com os contos serviram como um elemento instigador para a escrita daqueles alunos. A contação de história contribuiu, naquele momento, para motivá-los a ler textos, a criar e recontar histórias, dando vazão a sua imaginação, bem como incentivando-os a refletir sobre os valores transmitidos pelos contos.

O desejo de aprender mais sobre as histórias e como contá-las me impulsionou a buscar espaços de formação de contadores de histórias. Em 2013 participei, como ouvinte, da disciplina optativa *Vamos contar outra vez? Oficina de Contação de Histórias* oferecida na Faculdade de Educação da UFBA pelas professoras doutoras Mary de Andrade Arapiraca e Luciene Souza Santos, o que me permitiu observar a formação de contadores de histórias dentro de um espaço acadêmico.

Essas experiências com a contação de história, que remontam à minha infância e passam por minha formação profissional, trouxeram-me fortes indícios de que existe uma relação de reciprocidade entre escutar histórias e se envolver psicologicamente com as questões complexas da existência humana. Tais questões dizem respeito a cada um em sua individualidade e na sua interação com o outro, tais como inveja, amor, ódio, tristeza, alegria, além das pungentes questões de gênero, sexualidade, pobreza, riqueza, carência, abundância.

Minha experiência com contadoras de histórias, quer na infância, quer na universidade, somadas às informações colhidas em leituras diversas, me levaram a querer pesquisar acerca da atribuição, por contadoras contemporâneas, de sentidos educacionais à contação de histórias. Em pesquisa de estado da arte, sobre a relação histórica da mulher com a contação de histórias, observei, em autores a exemplo de Calvino (2010), Cascudo (2004), Grimm (2008), o reconhecimento do papel da mulher contadora e mantenedora dessa arte. Entretanto, observei também a ausência de estudos específicos a respeito da relação da contadora contemporânea de história com a educação, em virtude de não encontrar evidências de reconhecimento do seu papel educacional na literatura da educação e em espaços acadêmicos. Nesse sentido, essa ausência se impôs como **problema** da pesquisa, gerador da seguinte indagação ou questão orientadora da minha proposta de investigação: que sentidos educacionais contadoras contemporâneas de história atribuem ao seu ofício?

De posse dessa questão e com a minha própria história na mão, defini por **Objeto de Estudo** – atribuição de sentidos educacionais à contação de histórias por mulheres contadoras contemporâneas de histórias, e como **Objetivo Geral** – apresentar contribuições à continuidade do movimento de valorização da mulher contadora de histórias, na contemporaneidade, através de sentidos educacionais atribuídos a esse ofício por algumas delas.

Com a régua e o compasso na mão, isso é, com a clara definição do problema, objeto e objetivo da pesquisa, desencadeei a escrita desta dissertação, meu tapete de palavras, composto de seis capítulos tecidos e bordados nos limites de minhas possibilidades tecelãs.

No primeiro, *A COSTURA DE UM TAPETE COLORIDO – TROCANDO PANOS POR PALAVRAS*, ora exposto, apresento, a partir da minha implicação com a temática em estudo, o objeto, o problema e o objetivo geral que orientaram a pesquisa.

No segundo, *CONFECÇÃO DO TAPETE NOS PASSOS DE LA LOBA*, descrevo o caminho metodológico que trilhei na pesquisa e apresento os sujeitos que lhe deram vida.

No terceiro, *O SALGUEIRO E O SAPO – A PERSEVERANÇA ANCESTRAL DA MULHER COM A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS*, discorro sobre a mulher dentro do conceito de gênero, ancorada em estudos de Scott (1989), Muraro e Boff (2002) Coleman (2001) e Perrot (2005), e sobre a relação secular da mulher com a arte de contar histórias em diálogo com Calvino (2010), Cascudo (2004), Warner (1998), Estés (2005) e Coutinho (2014).

No quarto capítulo, *A DISPUTA DAS PALAVRAS E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS*, contextualizo a arte de contar histórias a partir de referências sobre oralidade e tradição oral, ancorada nos estudos de Ong (1998), Zumthor (1993), Hampâté Bá (2010), Vansina (2010) e de publicações de contadoras contemporâneas de histórias, a exemplo de Machado (2004), Busatto (2006), Matos (2005), Santos (2013), Ribeiro (2013).

No quinto capítulo, *O TAPETE COSTURADO NAS NARRATIVAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA – MULHERES CONTADORAS CONTEMPORÂNEAS DE HISTÓRIAS*, apresento e analiso os achados da pesquisa empírica,

desenvolvida com cinco contadoras contemporâneas de histórias, a partir da escuta de suas experiências de vida-formação-profissão concedidas nas entrevistas.

No sexto e último capítulo, ARREMATE DO TAPETE EM MANIFESTAÇÃO VERBAL, utilizei a metáfora da roda de contação para visitar as mulheres que permearam o estudo, com destaque para as que aceitaram ser sujeitos da pesquisa empírica para, apresentar considerações finais retomando problema, a questão norteadora e o objetivo geral.

2 A CONFECÇÃO DO TAPETE

Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. [...] ela é conhecida por muitos nomes: *La Huesera*, a Mulher dos Ossos; *La Trapera*, a Trapeira; e *La Loba*, a Mulher-lobo. O único trabalho de *La Loba* é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto [...]. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos. Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as *montañas* e os *arroyos*, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar. Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos [...]começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. *La Loba* canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desgrenhado. *La Loba* canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. E *La Loba* ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro. Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte. Por isso, diz-se que, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdido, cansado, sem dúvida você tem sorte, porque *La Loba* pode simpatizar com você e lhe ensinar algo — algo da alma. (ESTÉS, 2005, p. 23-24)

Em sua jornada, *La Loba*, primeiramente, sai em busca de ossos de lobos, ao passo que os encontra vai reunindo osso por osso até formar um esqueleto inteiro. Diante dele, ela começa a cantar e, aos poucos, a criatura vai se revestindo até que sob o canto da loba, ganha vida. O conto apresenta uma linguagem descritiva-narrativa do passo a passo, do percurso metodológico que *La Loba* faz, até poder ver seu projeto executado. Além do modelo metodológico que este conto inspira, *La Loba* representa a ancestralidade feminina, o conhecimento e a sabedoria, perpetuados entre gerações de mulheres. Simboliza, ainda, a contadora de histórias, aquela que pode “ensinar algo da alma”, algo da vida.

Como *La Loba*, para a realização do meu tapete de palavras, percorri um caminho metodológico, referendado em critérios etnográficos, com o objetivo geral de apresentar contribuições à continuidade do movimento de valorização da mulher

contadora de histórias na contemporaneidade através de sentidos educacionais atribuídos a esse ofício por algumas delas..

De acordo com André (2009), uma característica importante da pesquisa etnográfica é sua consideração com os sujeitos da pesquisa, em especial, “com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cercam” (ANDRÉ, 2009, p. 29). Por conseguinte, construí um caminho metodológico que me propiciou uma aproximação com os sujeitos da pesquisa – mulheres contadoras de histórias – para inferir e entender que sentidos educacionais elas atribuem ao ofício de contar histórias.

Antes de chegar a estes sentidos, fui em busca de informações e estudos que abordassem o objeto pesquisado. A pesquisa bibliográfica, de acordo com Fonseca (2002), é a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. De tal modo, reuni teóricos e estudiosos, tomando como empréstimo suas ideias, na costura dos eixos temáticos que constituem essa dissertação, são estes: mulher; oralidade; contação de histórias e educação; memória. Este último surgiu durante a leitura das entrevistas. Vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica foi contínua, e em alguns momentos, principalmente nas análises, precisei recorrer a teóricos que ainda não havia apresentado nos capítulos anteriores.

Foi ainda no período inicial da pesquisa bibliográfica que me chegaram informações sobre a entrevista narrativa, gênero caracterizado por Jovchelovitch e Bauer (2002), como sendo uma forma de estimular o entrevistado a contar alguma situação importante tanto na sua vida pessoal, quanto na sua vida social, por meio de perguntas abertas. Segundo os autores:

As entrevistas narrativas são infinitas em sua variedade, e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 91).

Concordando com os autores, optei pela entrevista narrativa, dado a própria natureza do ofício dos sujeitos de pesquisa, como também por acreditar que esta oferece mais liberdade às entrevistadas para falarem de suas experiências formativas e atuantes como contadoras de histórias.

Tal qual *La Loba*, que se interessa por ossos de todas as espécies, também me encanto por todas as contadoras de histórias que atravessam meu caminho. Entretanto, assim como *La Loba* mantém seu foco nos lobos, precisei estabelecer critérios para selecionar as contadoras participantes da pesquisa. Juntamente com orientadora da pesquisa, cheguei aos seguintes critérios: autorreconhecimento como contadora de histórias, pois muitas mulheres contam, mas não se reconhecem como narradoras, não possuem tal prática como um ofício, ou um fazer artístico; experiências com públicos variados, essa experiência possibilita que as contadoras ampliem seu campo de visão sobre as potencialidades do seu ofício para os diversos tipos de ouvintes; implicação com a educação; para a pesquisa era importante que as contadoras entrevistadas fossem envolvidas com a educação, necessidade imposta pelo objeto de estudo.

Com tais critérios nas mãos, fiz uma lista dos possíveis sujeitos de pesquisa e, em conversas informais com elas ou com quem as conheciam, fui avaliando quem mais se aproximava dos critérios e, também, quem tinha interesse em participar da pesquisa. Assim cheguei às cinco contadoras, número que descobri, no andamento da pesquisa, ser alto, por se tratar de entrevistas narrativas, mas decidi continuar com todas. Por ordem alfabética as apresento, em breves linhas.

Danielle Andrade é contadora de histórias, ministra oficinas e cursos para professores da rede pública e privada de ensino. Além dos contos de tradição oral, possui em seu repertório textos de sua autoria. É idealizadora do Projeto Livro Viajante, no qual livros artesanais gigantes percorrem, por suas mãos ou de outros educadores, escolas de Salvador e do interior da Bahia.

Kelly Cristine Ribeiro, ou Keu Apoema como prefere ser chamada, é contadora de histórias e educadora. Possui experiências com contação de histórias e com pesquisa das narrativas de tradição oral. Em 2012, fez residência artística em *Burkina Faso*, África, onde vivenciou a arte de contar histórias dentro de uma perspectiva de tradição africana. Nos últimos dois anos, trabalhou no Timor Leste, onde coordenou um grupo de pesquisa sobre contação de histórias e tradição oral. Cursou o Mestrado em Educação no PPGE/UFBA, quando realizou, sob orientação da Dra. Dinéia Maria Sobral Muniz, dissertação sobre a movência das narrativas orais, da tradição para a contemporaneidade, e como estas se instalam na educação básica.

Nanci de Souza Silva, mais conhecida por vovó Cici, é contadora de histórias e exerce este ofício na Fundação Pierre Verger em Salvador. Por meio da contação de histórias, ela alcança discussões sobre identidade e ancestralidade sob o ponto de vista da cultura afro-brasileira. Vovó Cici tem levado seu ofício também para outros territórios geográficos, contando história em diversas cidades brasileiras e também fora do Brasil, como em Cuba, França e Estados Unidos.

Regina Alfaia é contadora de histórias e professora. Desenvolve com seus alunos atividades de oralidade a partir dos contos tradicionais de diversas culturas. Por meio de jogos e brincadeiras, realiza com eles o estudo desses contos preparando-os como contadores de histórias. Ela também estende seu trabalho em oficinas para professores do ensino fundamental.

Contadora de histórias, Regina Campana atua em diversos espaços de Salvador, como escolas e livrarias. Possui um repertório variado que caminha entre os textos da tradição oral e textos autorais. Além de contar histórias, também realiza oficinas com crianças sobre ler e contar.

Uma vez estabelecido contato prévio com os sujeitos, dei início às entrevistas, que foram conduzidas pelo seguinte roteiro temático: infância – memórias de contação de histórias; quando e como se descobre contadora de histórias; como se constitui contadora de histórias; e sentidos educacionais que atribui ao seu ofício. As entrevistas foram feitas em diferentes datas e lugares, respeitando a disponibilidade de cada uma das contadoras. A maioria delas aconteceu de forma presencial. Apenas a entrevista de Keu Apoema foi feita via *skype*, pela impossibilidade de um encontro presencial. Todas foram gravadas com um aparelho celular androide, com um gravador semiprofissional e armazenadas em arquivos de áudio digital no formato *MP3*. As transcrições, por sua vez, foram feitas com base nas orientações de Dino Preti (1999), recomendação do GELING para transcrição de textos orais. No apêndice B, se pode encontrar a tabela com as normas usadas nas transcrições e no Anexos B,C,D,E,F se encontram os trechos das transcrições relevantes à pesquisa.

Em consenso com os sujeitos da pesquisa, decidi usar os nomes próprios ou artísticos, já adotados por elas. Vale ressaltar que Keu Apoema além de sujeito de pesquisa aparece também como referência bibliográfica, pela sua pesquisa de

mestrado desenvolvida junto ao GELING, na qual é citada como Ribeiro, seu sobrenome de registro.

Assim, como *La Loba* que segue um grande trajeto até conseguir completar um esqueleto, percorri um longo caminho para estruturar a pesquisa. Através do estudo bibliográfico, reformulações do projeto, trabalho de campo, reuniões de orientação, consegui montar o *esqueleto* da pesquisa podendo, dessa forma, passar para segunda etapa, para *La Loba* cantar sobre os ossos, no meu caso, analisar as entrevistas e traduzir o que foi pesquisado para um texto dissertativo.

Destarte, após escutas e leituras das transcrições, selecionei com a orientadora as seguintes categorias de análises: memória de infância e formação; autodescoberta como contadora de histórias; ensino-aprendizagem pelo exemplo; mediação de conflitos; educação da sensibilidade; formação de leitores. Tais escolhas foram feitas com foco no objetivo proposto, mas sem desconsiderar possibilidades outras que foram surgindo no andamento da pesquisa.

Ainda nesta transposição da pesquisa para o texto dissertativo, foi necessário definir alguns aspectos com respeito ao estilo e a estrutura do texto que se apresenta. A primeira delas foi a escolha por desenvolver este texto fazendo uso tanto da primeira pessoa do singular, quanto da primeira do plural, uma vez que, em alguns momentos, minha voz se soma, ora à voz da minha orientadora, ora à voz do meu grupo de pesquisa, GELING, e, ora à voz dos sujeitos da pesquisa.

Como o leitor perceberá, ao longo do texto dissertativo, uso os termos: a arte de contar histórias, contação de histórias e ofício do contador de histórias como equivalentes. Entendo que contar histórias é consagrado como arte pela literatura universal que trata do tema. Contação de histórias é um neologismo brasileiro já consolidado entre os contadores de histórias e um ofício para aqueles contadores que se dedicam a ela, rotineiramente, como é o caso das contadoras sujeitos da pesquisa.

Merece esclarecimento, também, a escolha dos títulos. O primeiro capítulo possui o título inspirado na metáfora que criei sobre o ofício de costureira da minha mãe e o desafio de tecer uma dissertação de mestrado. O segundo capítulo tem o título bafejado pelo conto *La Loba* do livro *Mulheres que correm com os Lobos* de Clarisse Pinkola Estés (2005). O terceiro e quarto, por sua vez, tem seus títulos

inspirados em duas fábulas do projeto *Fábulas em Cartão Postal* de autoria da Gislayne Matos. O quinto capítulo é ditado pelas narrativas dos sujeitos de pesquisa, com todos os subtítulos nomeados com trechos das entrevistas. O sexto e último capítulos retomam o tema do primeiro com a metáfora do tapete de palavras.

Quando o percurso metodológico de *La Loba* termina, a criatura que ela esculpiu ganha vida e segue sozinha seu caminho. Portanto, seguindo os passos de *La Loba*, deixo que este tapete dissertativo siga sua trajetória.

3 O SALGUEIRO E O SAPO - A PERSEVERANÇA ANCESTRAL DA MULHER E A SUA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Um antigo cortesão, chamado Onono Tofu, sentia-se muito triste e humilhado porque não conseguia ser um bom calígrafo.

Desolado, ele saiu certa tarde para passear pelo campo e sentou-se perto de um velho salgueiro, que balançava seus ramos ao sopro do vento.

Subitamente, sua atenção foi atraída para os esforços que um pequeno sapo fazia para alcançar um dos ramos que balançava. Após muitas tentativas o pequeno sapo conseguiu, afinal, agarrar o ramo do salgueiro.

Maravilhado com a perseverança do sapinho, ele sentiu, no íntimo, que só a perseverança nos faz conseguir o que desejamos. Então, o cortesão aplicou-se ao estudo da caligrafia com tanto entusiasmo e vigor que se tornou o maior calígrafo do seu tempo. (MATOS, 2014).

A perseverança é virtude permanente na trajetória social da mulher. Em destaque, neste capítulo, falaremos desta perseverança no contexto narrativo, na persistência histórica das mulheres em se expressar oralmente, mesmo diante de inúmeras tentativas de silenciamento.

Nas sociedades matriarcais, as mulheres eram responsáveis pela família e pela divisão de tarefas, eram vistas como grandes mães. Em conformidade com Coleman (2001), evidências históricas e mitológicas reforçam teorias sobre períodos pré-históricos em que a deusa, representação do feminino, era cultuada. Mulheres eram percebidas como doadoras de vida e as sociedades eram igualitárias e pacíficas. Com a transição para a sociedade patriarcal, mudam-se os papéis, mudam-se os deuses. Boff (2010), no livro “Feminino e Masculino”, discute essa transição, como podemos observar no trecho que segue:

O fim do matriarcado é situado, atualmente, por volta de 2000 a.C., variando nas datas de região para região. É fato histórico que a partir de então o mundo começou a pertencer aos homens, fundando-se o patriarcado, base do machismo e da ditadura cultural do masculinismo. São obscuras as razões dessa passagem que demorou quase mil anos para se impor, perdurando ainda até os dias atuais. Provavelmente, a vontade de dominar a natureza levou o homem a dominar a mulher, identificada com a natureza pelo fato de estar mais próxima aos processos naturais da gestação e do cuidado com a vida. (BOFF, 2010, p. 51)

As mulheres chegam à Idade Média no auge da submissão, criam estratégias para driblar a tirania masculina, modernamente chamada de machismo, aprendem a esconder-se e a ocultar sua sabedoria ancestral. Com a Revolução Industrial foram

empurradas para o interior das fábricas, mas continuavam responsáveis pelo serviço doméstico e incumbidas da criação dos filhos. É nesse período, também, que elas intensificam a luta pelos seus direitos trabalhistas e cívicos, passam a se preocupar sobre com quem irão deixar seus filhos, como trabalhar numa jornada de 12 horas grávidas e/ou com filhos pequenos.

Michelle Perrot (2005), no seu livro “As mulheres ou os silêncios da história” dentro do contexto francês do século XIX, aborda a participação das mulheres nas greves operárias; a atuação das donas de casa e as representações que elas engendravam nos grupos sociais; a inserção e a movimentação de alguns grupos de mulheres nas cidades; as atividades associativas das quais participavam, com destaque para a filantropia e os espaços onde construía suas sociabilidades e as formas de trabalho que lhes eram permitidas. Ela esclarece que as mulheres não são tão passivas quanto costumava-se imaginar, mas que, na verdade, elas possuem uma forma de atuação que lhes é particular, que foi moldada de acordo com as suas vivências históricas.

As lutas foram muitas, direitos foram conquistados, não em grande escala, não para todas as mulheres. O século XXI chega com novas e antigas pautas sobre as mulheres. A história da mulher é tão grande quanto a história da própria humanidade. O que me interessa nela, para esta pesquisa, é um fio específico que pode ser visto desde tempos ditos patriarcais até a contemporaneidade, o fio das narrativas.

A arte de contar histórias acompanha a mulher desde os primórdios da humanidade, compondo o grande conjunto de sabedoria ancestral feminina. A relação da mulher com a arte de contar histórias remete, inicialmente, à figura materna, representada também pelas avós, tias e madrinhas. Da mulher que cuida, acalenta e educa seus filhos através da contação de histórias. Inegável é que esta figura, fruto da memória afetiva coletiva, é genuína, mas é apenas a ponta do novelo de linha que leva a outros pontos dessa relação.

De acordo com Marina Warner (1999), as mulheres contavam histórias para se entreter, enquanto teciam, costuravam ou fiavam. Em épocas que negavam-lhes o direito à alfabetização, eram as narrativas orais, compartilhadas entre elas, as responsáveis pela manutenção de sua vida social e cultural. Coutinho (2014),

também atesta a importância das narrativas para a vida das mulheres, salientando que:

Dizer termina sendo, por vezes, a alta ambição de muitas mulheres submetidas ao interdito do seu discurso, apropriando-se de uma fala ancestral de antigas ressonâncias. Os silêncios que nela se inscrevem, as pausas, os vazios da linguagem revestem-se de igual eloquência. Entre o dizer e o não dizer, o contar e o silenciar, as narrativas asseguram sua transmissibilidade e ingressam nos tempos modernos mesclando, por vezes, as vozes matriciais a locuções eletrônicas. (COUTINHO, 2014, p. 45)

As mulheres contavam histórias como forma de se entreterem, para falar de suas vidas, de seus dilemas. Quando a mulher conta história, ela diz de si, denuncia violências e reclama direitos. A relação da mulher com as narrativas se evidenciam nas personagens milenares dos contos tradicionais e do imaginário popular, na autoria das histórias e na sua disseminação. No subtítulo que segue, inicio uma tentativa de alinhar alguns fios relevantes da relação histórica da mulher com arte de contar história.

3.1 A MULHER NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA – UM OFÍCIO SECULAR

Calvino (2010) na introdução do livro “Fábulas Italianas”, ao se referir aos seus encontros com o narrador oral, faz um adendo para dizer que este “frequentemente é uma mulher.” (CALVINO, 2010, p.14) e reconhece que não foi buscar as histórias no “região das velhotas”, não por falta dessas, mas porque muitos folcloristas já haviam feito esse papel. Ao fazer referência ao trabalho do Folclorista Pitre, 1875, Calvino (2015) relata que esse tem como protagonista Agatuzza Messia, uma velha narradora analfabeta, costureira, que também foi empregada na casa do próprio Pitre. Sobre ela Calvino (2010) acrescenta:

Da típica contadora siciliana, Messia possui a narrativa cheia de cores, de natureza, de objetos, convida ao maravilhoso, mas faz com que este nasça frequentemente de um dado realista, de uma representação da condição do povo [...] está sempre pronta a movimentar personagens femininas ativas, empreendedoras, corajosas, que surgem quase em contraste aberto com a ideia passiva e fechada da mulher que se considera tradicional da Sicília. (CALVINO, 2010, p.14)

Ao citar as coletâneas de contos populares coletadas em 1868 por Gherardo Nerucci, Calvino (2010) nos informa sobre outra contadora de histórias, Luisa, que, segundo ele, “dentre os contadores é a que sabe mais fábulas (três quartos da coletânea se devem a ela) e, frequentemente, sabe representá-las com as imagens mais sugestivas.” (CALVINO, 2010, p.14). Calvino explicita, desse modo, a relevância da mulher como contadora de histórias na cultura de tradição oral Italiana.

Edgar Taylor, na tradução dos contos dos irmãos Grimm em 1823-36, diz que os Grimm usaram informantes mulheres para coletar contos para suas obras. “Os Grimm encarregaram algumas pessoas de confiança a irem às cozinhas buscar com as mulheres mais idosas as histórias”. (GRIMM, 2008, p.9). Câmara Cascudo, ao citar os colaboradores que o ajudaram a reunir os contos para sua obra “Contos Tradicionais do Brasil” (2004, p. 18), deixa claro que a maioria eram mulheres, “a senhora”, “a cozinheira”, “a ama analfabeta”, “a velha mãe de criação”. Ainda, na mesma obra, ao citar Paul Sébillot ele afirma que “a mulher é melhor contadeira de histórias que o homem. Guarda em maior quantidade porque lhe cumpre o agasalho dos filhos e a tarefa de adormecê-los, entretendo-os com o maravilhoso” (CASCUDO, 2004, p. 18). Santos (2013), também evidencia o legado da mulher como contadora de histórias ao salientar que:

As mulheres, pelo tanto que agregaram valores às diversas gerações, ao passar nos espaços particulares e públicos o que aprenderam com a tradição, merecem um lugar de destaque no universo dos narradores e das narrativas de tradição oral. (SANTOS, 2013, p.68)

No livro “Da Fera à Loira Sobre Contos de Fadas e seus Narradores” Marina Warner (1999) se dedica a estudar a figura feminina nos contos de fadas, seja como narradora ou como personagem. Ela usa como referência temporal a obra de Charles Perrault, 1697, se estendendo à obra de Hans Christian Andersen, 1837. Warner acredita que os contos de fadas foram um lugar de refúgio para a mulher menosprezada socialmente, como explicita no trecho seguinte:

Os contos de fadas sugerem uma situação em que o próprio menosprezo pelas mulheres abriu, para elas, a possibilidade de exercitar a imaginação e comunicar suas ideias. A responsabilidade das mulheres pelas crianças, o desprezo vigente por ambos os grupos e a suposta identificação daquelas com as pessoas simples, a gente comum, entregaram-lhes os contos de fada como um tipo diferente de estufa, onde podiam semear seus próprios brotos e plantar suas próprias flores. (WARNER, 1999, p. 22)

Warner (1999) apresenta algumas personagens históricas femininas e suas implicações com a arte de contar histórias. Quatro recebem destaque por definir arquétipos de contadoras de histórias, são elas: Sibila, a rainha de Sabá, Santa Ana e Mamãe Gansa.

Sibila, personagem da mitologia greco-romana, mas que continuou no imaginário cristão, era feiticeira e se destacava pelo dom da vidência através dos oráculos e da arte de inventar histórias. Muitas mulheres eram chamadas de Sibila quando eram flagradas fazendo algo atribuído à personagem mítica, como fazer previsões e profecias sobre o futuro, confeccionar remédios naturais e, até mesmo, contar histórias. De acordo Warner (1999), Sibila, no papel de contadora de histórias, faz a ponte entre segmentos da história bem como entre hierarquias de classe. Sibila representa uma sobrevivente cultural imaginária na passagem da era pagã para a era cristã, e como tal, nas palavras de Warner (2005), “cumprir uma certa função no pensamento sobre questões proibidas esquecidas, enterradas e até secretas.” (WARNER, 1999, p.36)

A rainha de Sabá, personagem bíblica, é também estudada por Warner (1999) como narradora, pelo seu poder de encantar pela palavra. Sabá ficou conhecida por envolver o rei Salomão com jogos de perguntas e enigmas que tratavam de temas como sexualidade, gravidez, menstruação e amamentação. O mais conhecido deles refere-se às diferenças entre os sexos. Warner (1999) relata que se pode encontrar alguns “exemplos dos enigmas da rainha, no folclore rabínico, no teatro secular, na poesia cristã, na pintura e também na narração de histórias.” (WARNER, 1999, p.163) A rainha de Sabá é uma representação bíblica da mulher que convence pela palavra, pelas histórias.

A figura de Santa Ana, mãe de Maria e avó de Jesus, representa a contadora de história ligada à erudição. De acordo Warner (1999), a figura de Santa Ana ganha repercussão no século XVII, em tempos de caça às bruxas e consegue tornar bem vistas atividades femininas consideradas perigosas, como as habilidades das mulheres a respeito de medicina, simpatias, conhecimento tradicional, conselhos, profecia, linguagem, além de trazer, como ressalta Warner (1999), “um valor positivo à narradora de histórias [...] a imagem da velha boazinha da literatura infantil.” (WARNER, 1999, p.111).

Por outro lado, a Mamãe Gansa simboliza as velhas senhoras, contadoras de histórias com um vasto repertório da tradição. Segundo a autora, a “Mamãe Gansa estabeleceu-se no folclore britânico, ao longo dos séculos XVIII e XIX, como uma figura, uma fonte de sabedoria feminina, um repositório da tradição, um instrumento para o passatempo infantil.” (WARNER, 1999, p.186). A imagem da Mamãe Gansa possuía muitas representações no imaginário popular, sempre havia alguém que dizia conhecê-la.

A suposição de uma Mamãe Gansa como a narradora de histórias, seja como fonte histórica ou uma fantasia de origem, ganha credibilidade enquanto registro de alguém que testemunhou vidas vividas, de personagens conhecidas, e molda as expectativas numa certa direção. (WARNER, 1999, p. 22)

Quem também estuda a Mamãe Gansa, mas sob outra perspectiva, é Mariza Mendes (2000) no livro “Em busca dos contos perdidos – O significado das funções femininas nos contos de Perrault”. Mendes (2000) busca representações do feminino nos contos da Mamãe Gansa. Sua atenção está mais voltada para as narrativas, mas, ao apresentar o contexto dos contos, discute arquétipos do feminino representado por contadoras de histórias. Uma dessas representações abordadas por Mendes (2009) é Sherazade.

Sherazade é a personagem-narradora do compêndio de histórias intitulado “Mil e uma noites”. O rei Shariar havia iniciado um plano de vingança contra as mulheres do seu reino após descobrir que houvera sido traído por sua primeira esposa. Tomado pelo ódio casava-se muitas vezes passando apenas uma noite com cada esposa, mandando-as a morte no dia seguinte. Sherazade era filha do funcionário real responsável por cumprir as ordens do rei em relação à morte das mulheres. A contragosto do seu pai, Sherazade resolve casar com rei para colocar em prática um plano capaz de romper com os círculos de mortes das mulheres do seu reino.

Uma vez casada com o rei, Sherazade inicia seu plano que consistia na narração de uma rede de histórias, na qual os finais sempre ficavam para a próxima noite. Encantado pelas histórias o rei anula seu plano de vingança e efetiva seu casamento com Sherazade. Sobre essa personagem, Mendes acrescenta (2000) “narradora e personagem de histórias encantadas, Xerazade, a tecelã das noites, simboliza a arte feminina de lidar com a narrativa, ao mesmo tempo em que ensina

uma das formas de usar a astúcia na luta contra o poder masculino.” (MENDES 2000, p. 22).

Não poderia estar fora deste cenário de personagens-contadoras, duas figuras ficcionais da obra de Monteiro Lobato, *Dona Benta* e *Tia Nastácia*. Na saga do *Sítio do Picapau Amarelo* elas foram eleitas, dentre os seus moradores, para exercer a arte da contação. A primeira, *Dona Benta*, reconta os romances clássicos, a mitologia grega, os caminhos percorridos pela ciência, expostos no livro *Serões de Dona Benta* (1937). Ela representa a avó, erudita, leitora, que se preocupa com a educação dos netos. Do outro lado, *Tia Nastácia* é a personagem que representa a sabedoria popular, a sabedoria do povo, conta as histórias da tradição oral brasileira, no livro *Histórias de Tia Nastácia* (1995), fato que marca a diferença de lugar dessas contadoras do universo lobatiano, *Dona Benta* representação da erudição e *Tia Nastácia* representação do povo.

As contadoras de histórias ficcionais presentes na literatura ou no imaginário popular são representações de contadoras de histórias do mundo dito real e Clarissa Pinkola Estés é um exemplo delas. No seu livro *Mulheres que correm com os lobos*, ela se reconhece como contadora de histórias, ofício que herdou de dois grupos de antepassados:

Venho de uma longa linhagem de contadoras: *mesemondók*, velhas húngaras que contam suas histórias sentadas em cadeiras de madeira, com suas carteiras de plástico no colo, as pernas abertas, as saias tocando no chão... e *cuentistas*, velhas latinas que ficam paradas em pé, com seus seios fartos, ancas largas, gritando histórias no estilo *ranchera*. (ESTÉS, 2005, p.18)

As palavras de Estés (2005) evidenciam que a arte de contar história na sua família era praticada pela voz das mulheres, fato decisivo para sua formação e que levou-a a concluir que as “histórias são bálsamos medicinais [...] A cura para qualquer dano ou para resgatar algum impulso psíquico perdido está nas histórias.” (ESTÉS, 2005, p.16). Defende essa autora que os contos tradicionais passados, oralmente, pelas gerações estão estritamente ligados à própria história da mulher e que incluem seus processos psíquicos.

Pertencente também a uma linhagem de contadoras de histórias, Betty Coelho, que teve sua vida biografada por Maria Antônia Coutinho (2014) no livro *Itinerário de Betty Coelho - Histórias que Correm no Corpo*, se descobriu contadora, ainda como

estudante do Curso Normal, magistério de 1º grau, tentando acalmar uma turma na qual fazia estágio aos 17 anos. Ela foi criada no ambiente de tradição oral, num universo de vozes femininas, conforme descreve Coutinho (2014),

Betty Coelho encontraria seus modelos de oralidade no conjunto de timbres, gestos, entonações, ritmos, e mímicas do clã de narradoras, construindo referências e representações através da experiência pessoal, direta, no convívio com as gerações precedentes, no pequeno grupo social que, naquele momento, se fazia mediador do conto. Receberia como herança um repertório de fundo comum, bem como os valores do patrimônio cultural que iria se constituir no estoque pessoal de imagens “pilares da memória”, inscrevendo a memória individual no horizonte coletivo. (COUTINHO, 2014, p.48)

Coutinho (2014) destaca a importância da avó de Betty, Ana Coelho, no fomento da arte de contar histórias no seio da família.

Ana Coelho (Mocinha), a avó de Betty, projeta-se aqui como uma espécie de trama originária, à qual é atribuído um particular significado a partir das experiências atuais da contadora. “Foi lá que tudo começou”, assegura-me Lícia Maria Freira Beltrão, atribuindo a Mocinha um valor de *arkhê*. Amparando-se em relatos familiares, Lícia complementa: “aquilo mesmo que afetava Betty, afetava também minha mãe. Os recontos que nós tínhamos eram também colhidos por minha mãe, minhas tias [...] Betty me conta e conta pra gente que Mocinha foi a grande animadora. Foi quando tudo começou”. (COUTINHO, 2014, p.59, 60).

Soma-se a essa retalha de contadoras de histórias, Luzia Tereza. Altimar Pimentel através de uma obra de três volumes, *Estórias de Luzia Tereza* apresenta ao mundo essa grande contadora de histórias. Para Pimentel (1995), Luzia Tereza é a contadora de histórias, entre contadores e contadoras, com o maior repertório de histórias do mundo, atingindo a marca das 236 narrativas. Luzia Tereza nasceu em Guarabira, Paraíba, em 1909 e faleceu em João Pessoa em 1983. De acordo com Pimentel, Luzia Tereza impressionava pela forma como contava, como desenhava as histórias através dos gestos, assim ele narra: “A velhinha calada, acanhada, tímida, transmudava-se narrando estórias de príncipes, princesas, fadas; vivia cada personagem e colhia exemplos locais para melhor visualização da narrativa.” (PIMENTEL, 1995, p. 399).

Quem também recebe destaque, entre as contadoras de histórias, pelo tamanho do repertório é Maria Cecília de Jesus, descendente direta de escravos, nascida livre, em 1905, na Cidade Garambéu, Minas Gerais. Herdou a arte de contar histórias das mulheres da sua família, como salienta Carvalho:

Ela e as irmãs aprenderam as histórias da mãe, Maria Januária, que as deve ter aprendido da avó Alexandrina. Cecília não teve filhos, mas sua mãe e uma de suas irmãs, Sebastiana, passaram as histórias à filha desta, Maria das Dores, que deu sequência à tradição da família. (CARVALHO; CARVALHO; CARVALHO, 2008, p.16).

Cecília contava histórias para as crianças da fazenda onde trabalhava. Era à noite, após encerrar os afazeres domésticos, que a contadora de histórias aparecia. A referência de Cecília na vida dessas crianças foi tão significativa que, uma vez adultos, trataram de pesquisar sobre ela. Quem era Cecília? Qual sua árvore genealógica? De quem ela tinha ouvido as histórias? Foram as perguntas que fizeram a família Carvalho numa pesquisa que resultou no livro *Histórias que a Cecília contava* (2008).

Essas mulheres são apenas amostras, representações de gerações contadoras de histórias que atravessam épocas e contextos diversos, unidas pelo fio das narrativas. Essas representações, sejam aquelas vindas da literatura como a mamãe Ganso, ou da vida real como Luzia Tereza, falam sobre as sociedades a que pertenceram, como eram construídas as imagens do feminino, e como as mulheres criavam estratégias, por meio do uso das narrativas, para driblar as imposições sociais. Elas, também, demonstram que, em tempos de outrora ou atuais, a arte de contar histórias se entrelaça na própria história da mulher.

4 A DISPUTA DAS PALAVRAS E A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Um homem doou uma moeda de prata a quatro pessoas. Uma delas, um persa, disse:

– Com esta moeda, quero comprar angur.

O segundo, um árabe exclamou:

– Que insensato, não vamos comprar angur, vamos comprar inab.

O terceiro era turco e disse:

– Esta moeda é minha também e não quero nem inab nem angur, quero uzum.

O quarto, um grego, não se conformou:

– Calem-se todos, com esta moeda compraremos israfil.

Começaram a brigar entre eles porque ignoravam o verdadeiro sentido das palavras. Esbofetearam-se, insultaram-se, até que chegou ali um homem sábio, e que conhecia muitas línguas. Ele lhes disse.

– Deem-me esta moeda e confiem em mim. Com ela comprarei algo que satisfará a todos vocês.

Sem opção melhor, eles lhe entregaram a moeda. O homem sábio foi ao mercado, comprou com a moeda uma boa porção de uvas que entregou aos quatro briguentos. Todos ficaram satisfeitos vendo seu próprio desejo realizado. Ignorantes, eles não sabiam que todos desejavam a mesma coisa. Angur, Inab, israfil e uzum significam uva nesses idiomas. (MATOS, 2014).

De modo igual às palavras do pequeno conto, epígrafe deste capítulo, a arte de contar histórias é apropriada por cada cultura a qual pertence. Contudo, é, ao mesmo tempo, universal e particular. É universal porque sua origem está na tradição oral que sustenta a existência de todos os povos e é particular porque toma a coloração da linguagem e modos de expressá-la de cada cultura. E, assim, apesar da multiplicidade de modos de contar e da infinidade de possibilidades textuais e performáticas, tal arte segue sua missão na transmissão de valores universais.

A contação de história tem ganhado destaque em tempos contemporâneos, apesar de suas antigas raízes. A contação de história é filha da oralidade. Quando se começou a contar histórias não existiam os códigos linguísticos escritos que usamos para escrever. As histórias contadas eram aprendidas oralmente. Atualmente, muitos contadores de histórias recorrem aos livros como fonte de histórias, mas o seu trabalho é trazer esses textos para a oralidade.

A tradição oral pode ser compreendida como o testemunho verbal passado de geração a geração. De acordo Vansina (2010), essa tradição marca a ligação da palavra com o homem. O testemunho nada mais é que o próprio valor do homem, seus costumes e ideologias. Ao estudar sociedades orais africanas, Vansina (2010) argumenta que a tradição oral abrange o entendimento e conhecimento humano, liga o indivíduo ao seu espaço, seu papel e seu universo. O saber presente na tradição oral é repassado à medida que as situações são apresentadas na vivência, como esclarece o autor:

O ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança (VANSINA, 2010, p.183)

A tradição oral para Vansina (2010) é um meio da preservação da sabedoria ancestral, ele concorda com Hampâté Bá (2010) ao afirmar que esta não se resume às histórias e aos mitos. É uma atitude, um modo de vida.

Amadou Hampâté Bá (2010) procurou o reconhecimento da oralidade como fonte legítima de conhecimento histórico. Para isso, recolheu, transcreveu e explicou os tesouros da literatura oral do Oeste da África para o restante do mundo. Para ele, a tradição oral africana é todo conhecimento e sabedoria perpetuada, geração a geração, por meio da fala, mesmo após inserção da cultura escrita, esta tradição persiste.

De acordo com Hampâté Bá (2010), a grande questão posta pelos historiadores é sobre a confiabilidade do testemunho oral. Para ele, oral ou escrito, o testemunho é humano, ou seja, foi visto, pensado e lido por um ser humano. Ele lembra que as primeiras bibliotecas não foram mais do que cérebros humanos. Ele esclarece que a tradição oral africana não é apenas as histórias, mitos ou lendas, nem são os *griots* os únicos guardiões dessa tradição. A tradição oral é, segundo o autor, a própria “escola da vida” (2010 p. 183), é a ciência, a religião, política, cultura.

Os estudos de Ong (1998) e de Zumthor (1993) também contribuem para entendermos o berço da arte narrativa, pois ambos tratam da oralidade dentro do hibridismo cultural que vivemos, no qual as sociedades pautadas são construídas entre a cultura oral e a cultura escrita.

Ong (1998) institui uma distinção entre o que denomina “oralidade primária” e “oralidade secundária”. A primeira refere-se à oralidade das culturas intactas por qualquer saber da escrita ou da imprensa ou, ainda, a das pessoas totalmente não familiarizadas com a escrita. Por outro lado, a “oralidade secundária” refere-se à atual cultura de alta tecnologia, em que uma nova oralidade é sustentada pelo telefone, rádio, televisão e outros meios eletrônicos que, para existirem e funcionarem, dependem da escrita e da imprensa. Segundo Ong (1998), na atualidade, não existe cultura de oralidade primária no sentido estrito, na medida em que todas as culturas conhecem a escrita e têm alguma experiência de seus efeitos.

Zumthor (1993) destaca três tipos de oralidade. A primeira, que denomina “primária e imediata”, não estabelece contato algum com a escrita, encontrando-se apenas “nas sociedades desprovidas de todo sistema de simbolização gráfica, ou nos grupos sociais isolados e analfabetos” (ZUMTHOR, 1993, p.18). A segunda, trata-se da “oralidade mista” em que o oral e o escrito coexistem, mas a influência do escrito “permanece externa, parcial e atrasada” (ZUMTHOR, 1993, p.18). Esse tipo de oralidade procederia de uma “cultura ‘escrita’”. Finalmente, o autor denomina a “oralidade segunda” aquela que é característica de uma “cultura ‘letrada’” e se “recompõe com base na escritura num meio onde este tende a esgotar os valores da voz no uso e no imaginário” (ZUMTHOR, 1993, p.18). Esses tipos de oralidade variam, segundo Zumthor, de acordo não somente com as épocas, mas com as regiões, as classes sociais e também com os indivíduos.

Com a tradição oral, surgiram os contadores de histórias, artistas que manuseiam a arte de contar histórias. Estes aprendem a arte de narrar por meio da observação e do convívio com os mais velhos. A eles chamamos de contadores tradicionais, pois sua formação é construída na tradição oral. As histórias que contam não foram aprendidas em livros, chegaram até eles pela escuta e pela voz dos seus antepassados. A reverência dos contadores contemporâneos de história à tradição oral é evidente, apesar de estarem dentro do movimento de oralidade secundária. Os novos contadores se constituem nesse hibridismo entre o oral e o escrito.

4.1 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA ÓTICA DE PESQUISADORAS CONTADORAS DE HISTÓRIA

Com o propósito de situar a contação de histórias no cenário contemporâneo, apresentamos, aqui, algumas pesquisas de contadoras de histórias que também se dedicam ao estudo acadêmico do seu ofício. São investigações que abordam formação, atuação e repertório de contadores contemporâneos de histórias e a implicação da contação com a educação.

Regina Machado no livro *Acordais – Fundamentos Teóricos – Poéticos Da Arte De Contar Histórias* (2004) aborda a contação de histórias do ponto de vista da arte, relacionando-a com outros campos como educação e psicanálise. Machado oferece ferramentas para se estudar a narrativa, por meio de passos que antecedem à *performance* do narrador. Ela nos convida a entrar na narrativa num processo criativo, construindo sensações, sentimentos, emoções e imagens, experimentando “o ritmo e a pulsação do conto” (MACHADO, 2004, p.54). Em seguida, ela propõe o estudo dos personagens do conto. Para ela, é “importante observar o que qualifica um personagem dentro da trama, buscando dados no texto e, ao mesmo tempo, como cada personagem ressoa na experiência pessoal de quem se aproxima dele.” (MACHADO, 2004, p.56). Uma vez feito o estudo do conto, o contador vai buscando formas de narrá-lo. Para essa etapa Machado relembra que,

Sobre esses recursos é importante ressaltar que devem estar a serviço da história. Não se trata de fazer teatro, e sim de narrar. Às vezes são tantas coisas utilizadas que desviam a atenção do fio da narrativa, promovendo um show de estimulação sensorial. As crianças se deixam seduzir pela parafernália técnica, e a história pode se perder. (MACHADO, 2004, p. 77)

A intenção do contador ao contar uma história é fundamental. O que nos motiva a contar uma história? É o gosto em compartilhar? É o desafio em conquistar uma plateia? É pelo prazer de ver a alegria das crianças? Essas são algumas provocações plantadas por Machado que acredita que a intenção “transparece na ação do contador, enquanto está narrando” (MACHADO, 2004, p.70). Nesse estudo, Regina Machado (2004) esclarece que o contador contemporâneo de histórias não pode abrir mão da pesquisa sobre as narrativas e suas formas de narrar, do estudo minucioso destas com o objetivo de apreender suas imagens e significados. O contador precisa estar atento ao seu público e à recepção deste às histórias. Dessa

forma, ao contar ele se coloca no papel de quem está sempre aprendendo com sua prática.

Luciene Souza Santos (2013), na pesquisa de doutorado *A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de história* defende a existência de um portador de memórias em cada pessoa que pode se revelar como um contador de histórias. Na construção dos argumentos que sustentam sua tese, Santos (2013) reconhece os legados deixados por “gente das maravilhas” que contaram, em épocas e espaços outros, fala do primeiro lugar das narrativas, a tradição oral e da grandiosidade destas narrativas. Para ela os contos tradicionais:

[...] apresentam um lado discursivo, uma representação e modos de encarar a realidade existencial de tal sorte, que são terapêuticos, capazes de colaborar em nossos processos de autoconhecimento e estabelecimento ou reestabelecimento de sentidos para nossa vida. (SANTOS, 2013, p. 44-45)

Essa implicação dos contos com a própria formação humana, independente de fronteiras temporais e territoriais, faz com que os contos sejam contados muitas e muitas vezes.

Essa memória que permite contar de novo tem vínculos com o passado, com a tradição, com as experiências transmitidas de geração em geração. É uma memória ao mesmo tempo individual, porque constituinte de subjetividade, e coletiva, porque trata das coisas da alma de toda gente. (SANTOS, 2013, p.50)

Continuando nos fios da memória, Santos (2013) elucida o papel dos contadores ancestrais africanos e indígenas, das narrativas bíblicas, do lugar da mulher na arte de contar histórias e dos contos e seus contadores brasileiros, até chegar ao contador contemporâneo. Sobre este último, Santos (2013) busca informações na literatura, bem como realiza algumas entrevistas com contadores para saber como se constituem, quais são seus anseios, objetivos e sobre qual palavra ele porta.

Por meio da disciplina *EDCC60 – Vamos contar outra vez? Oficina de contação de história*, ministrada por ela e por sua orientadora a professora doutora Mary de Andrade Arapiraca na Faculdade de Educação da - UFBA, Santos (2013) desenvolveu, durante a pesquisa, com estudantes de Pedagogia atividades teóricas e práticas sobre a arte de contar histórias. Para ela, a disciplina contribuiu para que

os pedagogos em formação fossem se constituindo contadores de história, deixando aparecer o portador de memórias que cada um carregava.

Gislayne Avelar Matos (2005), no livro *A palavra do contador de história*, propõe explorar as possibilidades da palavra do contador de histórias sem perder as particularidades do contexto atual. Para isso recorre ao método história oral de vida, contemplando os aspectos profissionais e de formação dos sujeitos da pesquisa, enquanto contadores de histórias. Dessa forma, Matos (2005) disserta sobre a arte de contar histórias, da tradição à contemporaneidade, dando voz aos narradores que falam sobre sua prática e implicações em comunidades e públicos a que pertencem.

Os contadores de histórias para Matos (2005), “são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperança” (MATOS, 2005, p.2). Apesar de reconhecer que alguns contadores incluem no seu repertório o conto literário, ela defende que a palavra primordial do novo contador de histórias seja o conto da tradição oral. Entretanto, diferente do contador tradicional que herdava os contos de seus ancestrais por meio da escuta, o contador contemporâneo recria os contos, segundo Matos (2005) “a partir de uma fonte escrita, e o processo de contar é totalmente diferente daquele de quando os contos chegam pelos ouvidos”. (MATOS, 2005, p. 116).

Kelly Cristine Ribeiro (2013) na dissertação de mestrado, *Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas*, apresenta uma pesquisa sobre o percurso dos contos da tradição oral, filiado à contação de histórias, das culturas orais ao território escolar. A partir de uma metáfora sobre a jornada humana, própria dos contos da tradição, nos quais o herói ou a heroína saem de casa para passar por aventuras e quando vencem os obstáculos, trilham o caminho de volta. Ribeiro (2013) tece sua jornada dissertativa situando seu objeto dentro dos eixos teóricos: educação, linguagem, cultura popular e oralidade discutindo sobre a complexidade que envolve o conto na sua caminhada, da tradição a contemporaneidade. Para Ribeiro (2013), “o conto atravessa distintos cenários culturais, sendo o fio condutor de tal jornada a forma como se reposiciona socialmente e os embates e desafios que enfrenta a cada nova etapa do percurso”. (RIBEIRO, 2013, p.15). Sobre a chegada do conto à escola, este autor ainda problematiza o lugar de pouca importância em que se colocam as práticas de narrativas orais e o uso dessas

apenas para desenvolver competências de leitura e de escrita. ainda, alertando para o uso do termo contação de histórias em práticas que consistem na leitura de livros.

Cléo Busatto (2006) no livro *A Arte de Contar Histórias no Século XXI* se debruça a estudar a contação de histórias partindo da cultura da tradição oral até o seu lugar no ciberespaço. Para exemplificar o contar tradicional, Busatto vai atrás daqueles que estão mais ligados às formas de contar de antigamente e encontra Dona Ilva de Oliveira Ramos, 68 anos, moradora de um sítio no interior do Paraná. Dona Ilva contava de memória as histórias que seu pai lhe contava. “Braços cruzados sobre o ventre proeminente, somente os descruzava quando a história exigia uma demonstração por meio de gestos, como para dar o formato de algum objeto ou alguma indicação espacial. A história vertia veloz, sem dar descanso aos nossos ouvidos...”. (BUSATTO, 2006, p. 41)

A imagem de dona Ilva representa para Busatto o contador tradicional de histórias, pois aprendeu suas histórias através da boca em boca e, assim, continua transmitindo-as. No mesmo espaço-tempo de Dona Ilva, coexistem os novos contadores de histórias formados em oficinas e cursos livres com um repertório construído a partir de leituras seja de compilações de contos tradicionais ou de livros autorais. Sobre esse assunto, Busatto (2006) reafirma:

O contador contemporâneo atua num regime de oralidade secundária, ou seja, encontra-se inserido no contexto de uma cultura letrada, se apropria da escrita, da impressão e de novas tecnologias. Surge em diferentes setores da sociedade atual movido pelo desejo de fazer de sua voz uma marca na sua comunidade e ávido por mergulhar nos segredos da narração. Carrega consigo influências do seu tempo e dos meios de comunicação que o cerca: imprensa escrita, rádio, Tv, telefone, Internet. [...] Constrói sua arte por meio da experiência que traz da sua história pessoal, ou dos cursos que se proliferam nos últimos anos. (BUSATTO, 2006, p.29).

Ao voltar seu olhar para o ciberespaço, Busatto faz um autorrelato sobre sua experiência com a construção da contação de histórias “Cabra Cabriola” no “contexto digital interativo, o CD-ROM” (p. 99).

A narração oral no meio também segue esse mesmo esquema de construção, montagem e remontagem. Uma história produzida para o meio cibernético é tão alterada no seu percurso que jamais se reconhece a história primeira. Eu trabalho com um processo inicial que inclui a gravação e edição das minhas imagens (eu narrando), e é justamente o processo de edição dessa imagem que faz com que

se crie uma nova história, que será contada inicialmente a partir do olhar de quem corta, cola, mixa o texto, imagens e sons; depois essa imagem é transformada pelo olhar do animador, do músico e, por fim, do programador que, de posse da linguagem digital, vai conduzir o olhar de quem assiste, que, por sua vez, poderá, dada as configurações do sistema, recortar, colar, incluir, apagar, e assim criar uma quinta, sexta história, estabelecendo conexões a partir das potencialidades do seu mundo interior e dos sistemas de signos da sociedade e da época que ele vive. (BUSATTO, 2006, p. 124)

Ao estabelecer uma relação entre diferentes espaços, tempos e modos de se contar história, Busatto reafirma a capacidade dessa arte de se ressignificar ao longo do tempo sem perder o seu lugar na propagação de valores universais através de exemplos de experiências de vidas. Na roda de amigos ou no ciberespaço, a arte de contar histórias continua cumprindo seu papel de encantar a humanidade.

Tudo o que foi dito, que não é tanto quanto a literatura específica oferece para exame, mas o tempo é menos elástico do que gostaria, parece suficiente para se inferir que a arte de contar histórias passa por transformações, tomando características próprias no contexto contemporâneo. Nesse sentido, os estudos apresentados apontam que: os novos contadores de histórias se preocupam com sua formação, a qual perpassa desde o estudo da narrativa à atuação diante do público; a contação de história é requisitada na escola; ainda que de forma limitadora, tendo afirmado seu lugar no espaço digital. Além disso, eles revelam que as mulheres têm se destacado não apenas contando, mas também pesquisando sobre seu ofício, deixando um legado escrito, fonte de conhecimento para a geração de muitos outros. Para mim, essas contadoras-pesquisadoras representam o que escolhi como projeto de vida. A elas peço minha bênção!

5 O TAPETE COSTURADO NAS NARRATIVAS DE CONTADORAS CONTEMPORÂNEAS DE HISTÓRIAS

As entrevistas foram amostras autênticas de contação de histórias. Tive, através delas, o privilégio de ser ouvinte de cinco mulheres experientes contadoras de histórias. No instante em que se apropriavam dos temas para responder à demanda da pesquisa, elas exerciam o ofício da contação, usando autonarrativa, como repertório. Voz, corpo e texto, o tripé do contador de histórias, de acordo com Sisto (2007), estavam sintonizados no ato narrativo em cada entrevista. Destes três elementos, a voz se fez marcante. É como se a voz tivesse a mestria de expressar, não só pelas palavras, mas pelos elementos próprios da voz como timbre, tonicidade e volume, a trajetória de cada contadora de histórias. É essa voz que me é audível todas as vezes que releio as entrevistas dessas mulheres.

Ouvi-las, como os sujeitos da pesquisa, rememorando suas experiências, dentro da tríade vida-formação-profissão, foi uma oportunidade de percepção do lugar da mulher contadora de histórias na contemporaneidade. Todas as cinco contadoras entrevistadas trouxeram informações que atenderam à tríade referida, ressaltando suas vivências e opiniões sobre sentidos da arte de contar histórias e sua relação com a educação. Percebemos terem como premissa: o ato de educar é intrínseco à contação de histórias. A essa premissa se agregam outras compreensões como a das histórias sempre educam, sempre ensinam, mesmo sendo difícil dimensionar quando, onde e como.

As entrevistas que geraram este capítulo foram feitas de acordo com os critérios da entrevista narrativa, conforme exposto no capítulo 2, cujo desenvolvimento se fez, sem perguntas estruturadas. Mediante temas específicos os sujeitos, sem nenhuma amarra, falaram de suas experiências ligadas ao objeto de estudo. Nesse sentido, os temas funcionaram como provocadores de expressão oral, possibilitando às entrevistadas reflexões sobre suas trajetórias de contadoras de histórias, mesmo antes de assumirem esse ofício.

Isso que apresento de modo sucinto é matriz deste capítulo que está dividido em duas subseções: a primeira situa-se no voo ao passado, no tapete que atravessa o túnel do tempo que volta em forma de narrativas tecidas, bordadas, enfeitadas,

sublinhadas, minuciosamente cerzidas, ou algumas vezes alinhavadas, às vezes alegres, outras menos alegres, com matizes, umas mais e outras menos coloridas, mas todas, absolutamente todas, preche de sentidos, relativos à memória, tomados do fundo da alma de quem conta. Intitulada *Por que tenho tantas histórias na minha memória?* esta subseção aborda as memórias de infância, formação e autodescoberta no ofício de contação de histórias das cinco contadoras.

A segunda, intitulada *Contar histórias é reinventar o mundo*, perpassa o passado na expectativa de server dele ensinamentos, também tecidos, bordados, enfeitados, sublinhados, cerzidos e alinhavados nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, na direção do encontro marcado com o objetivo definido para o estudo: apresentar contribuições à continuidade do movimento de valorização da mulher contadora de histórias na contemporaneidade, a partir de sentidos educacionais atribuídos a esse ofício pelas contadoras de histórias sujeitos da pesquisa.

5.1 POR QUE TENHO TANTAS HISTÓRIAS NA MINHA MEMÓRIA?

Por que tenho tantas histórias na minha memória? Essa foi uma pergunta que Regina Alfaia, sujeito da pesquisa, fez durante seu percurso formativo. E, a ela talvez Gregório Filho (2015) responda:

É memória. Somos, enfim, produtores de memória. Os narradores e os contadores de histórias são produtores de memória, em diferentes épocas e contextos. Promovem a circulação, o intercâmbio de acervo. (GREGÓRIO FILHO, 2015, p.51)

À medida que somos feitos de memórias, somos também produtores de memórias. Temos concordância com Gregório Filho (2015) no destaque que ele dá aos contadores de histórias como produtores de memórias. Estés (2005) diz que, quando uma contadora de histórias narra, é como se ela estivesse apoiada em cima de muitas outras gerações de mulheres. Desse modo, a contadora de histórias costura seu tapete com retalhos de memórias de pessoas que já passaram por ela e de muitas outras que ela só ouviu falar nas histórias.

Iniciamos a pesquisa, com a perspectiva de alcançar quatro eixos teóricos, a saber: Mulher; oralidade; contação de histórias; e educação. Todavia no percurso das entrevistas, surgiu a necessidade de abordamos mais um eixo, a memória, mesmo que já tivesse sido anunciado, em capítulos anteriores, quando falamos

sobre temas como: a relação histórica da mulher com a contação de histórias; tradição oral; e também quando definimos o roteiro das entrevistas.

Para Bergson, a memória é um fenômeno desencadeado no presente que se concretiza em imagens do passado. Assim ele afirma, “[...] Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida.” (BERGSON, 1999, p.178). As palavras de Bergson esclarecem que a percepção que se tem da realidade é inteirada por lembranças em certa duração. Essas lembranças são reavivadas em decorrência de uma situação em tempo presente, a qual respondem, a fim de serem úteis à ação a ser realizada pelo corpo.

Ao tratar de memória, Candau (2012, p.21-24) mostra que ela é modelada de acordo com os indivíduos, grupos ou sociedades dos quais provém e é entendida de três formas: a protomemória - vista por ele como memória social, que engloba gestos do corpo, como falar, sentir, pensar, expressões não verbais e verbais; a memória de recordação ou reconhecimento, evocação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica; a terceira é chamada pelo autor de metamemória - representação que cada indivíduo faz de sua memória reivindicada.

Este último conceito, metamemória, tem uma aplicação direta às entrevistas realizadas, uma vez que os sujeitos da pesquisa, a partir do roteiro temático, tiveram suas memórias acionadas trazendo para o presente representações dos fatos selecionados. Na ação de rememorar, as contadoras olharam para o passado com as referências do presente, numa tentativa de entender seu processo formativo desde a mais tenra idade. Esse rememorar conta com a nossa capacidade de selecionar e editar as lembranças. Segundo Bosi (2004)

Se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo [...] (BOSI, 2004, p.56)

Com eco nas palavras de Bosi (2004), acreditamos que o registro de memórias proporciona compreender aspectos relevantes dos sujeitos da pesquisa como indivíduos, que construíram suas experiências em um contexto sociocultural, contribuindo para o seu modo de ser, tanto em nível pessoal quanto profissional.

Decerto que a reminiscência não é um retrato fidedigno do acontecimento. A percepção, as ideias, os juízos de valor, a realidade social altera-se com o tempo. Tal alteração influenciou os fatos lembrados. Nessa perspectiva, Bergson diz:

Também o passado que remontamos deste modo é escorregadio, sempre a ponto de nos escapar, como se essa memória regressiva fosse contrariada pela outra memória, mais natural, cujo movimento para diante nos leva a agir e a viver. (BERGSON, 1999, p. 90)

Diante do exposto, reiteramos que nosso objetivo com os registros de memórias de cada contadora entrevistada é tentar compreender o que elas significam dentro do processo vida-formação-profissão. As subseções que seguem foram uma tentativa de demarcar as memórias narradas nas entrevistas, dado que, ao falar da infância, as contadoras traziam, também, acontecimentos da formação e vice-versa. As histórias de autodescobertas também eram histórias de formação imbricadas com a infância de cada uma delas, sendo, dessa forma, difícil impor fronteiras.

5.1.1 A princesa da cara de pau

Não raro, quando inicio uma oficina de formação de contadores de histórias, as primeiras conversas que os participantes encabeçam são sobre quem contava histórias para eles na infância. É como se esses momentos e essas pessoas fizessem, até os dias presentes, parte de seus imaginários e memórias de afetos. A *princesa da cara de pau*, citado por Keu Apoema na entrevista, serve como exemplo para as muitas histórias ouvidas na infância e continuam compondo ou influenciando o repertório das contadoras de histórias.

Consoante a minha solicitação, as contadoras, sujeitos da pesquisa, desencadearam suas narrativas evocando suas relações com a arte de narrar em suas infâncias.

Keu Apoema relata que Romilse, jovem que trabalhava para sua família durante a sua infância, foi responsável por introduzi-la no universo da contação de histórias. Romilse, segundo Keu Apoema, não possuía um vasto repertório, mas contava três contos que marcaram a sua infância e foram também os primeiros a comporem seu repertório de contadora. Abaixo podemos ler parte desse relato:

eu tive contato... em minha lembrança... pela primeira vez com histórias narradas... quando eu tinha 9 anos de idade... meus pais moravam numa cidade bem pequena do interior da Bahia chamada Ipupiara e a gente tinha uma secretária... uma menina que cuidava de nós... muito jovem na época... chamada Romilse... ela contava para nós... três histórias... versões populares que ela tinha escutado... a “Princesa da Cara de Pau” que é uma versão da história “Pele de Asno” que o Perrault também conta... mas é uma versão que eu nunca vi escrita e nunca encontrei nenhuma versão ... dessa forma... da forma como ela contava... a outra história é os “Compadres Corcundas” e a “Moura torta” são histórias que você pode encontrar em várias coletâneas... inclusive na do Câmara Cascudo... então essas eram histórias que eu escutei... ela só sabia essas três histórias... mas ela repetia várias vezes... então na minha infância a relação com as histórias vem dessa relação com Romilse... não foi uma infância repleta de contos... mas essa foi uma experiência que eu chamo de tradicional... porque Romilse era alguém que tinha aprendido histórias de ouvido e ela passava de ouvido... essas são de fato as primeiras histórias que eu contei em minha vida... então elas integram meu repertório como contadora de histórias... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

Vovó Cici também conta que na sua infância tinha como referência de contadora de histórias uma jovem chamada Ziza, uma mulher que trabalhava para sua família.

e na casa da minha avó tinha uma pessoa que acompanhava a família e ela então tinha ido para casa da minha avó quando era muito jovem... ela que contava histórias... então quando eu estava na casa da minha avó ela contava histórias... minha mãe vinha cansada... não contava histórias nenhuma (...) mas Ziza contava muita história... as histórias daquele tempo eram histórias que metiam medo às crianças... eram totalmente diferentes das histórias de hoje... (VOVÓ CICI. Entrevista concedida em 01/08/2016).

Ziza contava histórias da tradição oral de matriz afro-brasileira. Duas das histórias que vovó Cici me contou, ao longo das entrevistas, ela ouviu de Ziza. Foram elas, *Zumbe que Zumbe* que diz sobre a origem dos morcegos, e a *Gata e a Onça*, que lança uma hipótese sobre o surgimento do gato do mato.

Não é demais sublinhar, o que já está evidente, que tanto vovó Cici quanto Keu Apoema, embora tenham vivido em épocas diferentes, ambas foram iniciadas na contação de histórias por mulheres. Mulheres que trabalhavam na casa de suas famílias.

Das narrativas de Keu Apoema e vovó Cici destacamos: a referência feminina como contadora de história, para ambas, na infância; a mulher que exerce a profissão de doméstica e desempenha, também, papel da contadora de histórias.

A referência feminina como contadora de histórias, reafirmada aqui, é um dos fios principais desta dissertação. A forte presença das mulheres como narradoras, como discutido no capítulo 3, se dá por vários motivos, desde a sua perseverança em não se calar, em falar de si através das histórias, até o papel atribuído socialmente a ela de cuidar das crianças. As mulheres mencionadas nesses dois primeiros relatos se encontram na profissão, são domésticas.

A figura da ama-de-leite, babá ou empregada doméstica contadora de histórias permeia o imaginário infantil na nossa cultura desde os tempos do Brasil colônia. Câmara Cascudo (2004) em notas sobre as histórias que recolheu publicadas no livro “Contos Tradicionais do Brasil” (2004) destaca as mulheres que trabalharam na sua casa como responsáveis por narrar as histórias da tradição oral às crianças da sua família. Ele recorda de “Luísa Freire, branca, analfabeta” (p.30) que trabalhou na sua casa durante sua infância. Com as histórias contadas por Luísa, Cascudo publicou um volume contendo trinta contos.

Por que as domésticas contavam histórias às crianças dos patrões? Este não é um papel que se atribuía oficialmente às domésticas. Também, não sabemos de relatos nos quais se perguntava para uma doméstica, antes de contratá-la, se era uma boa contadora de histórias. Será que ausência da mãe, pela necessidade de trabalhar fora ou exercer outras funções no âmbito doméstico, compelia a essas mulheres o papel, também de contadoras? Contar histórias fazia parte do cuidado com as crianças, assim como alimentar, dar banho ou colocar para dormir? No relato de vovó Cici ela nos oferece uma pista, ao dizer que sua mãe sempre voltava, provavelmente de um trabalho externo, cansada, então cabia a Ziza o papel de contadora de histórias. No relato de Keu Apoema, por sua vez, não conseguimos inferir o que motivava Romilse a lhe contar histórias.

Cecília, apresentada no capítulo 03, também compõe esse quadro de domésticas com notável capacidade de contar histórias. Na continuidade se pode ler um relato de um dos seus ouvintes que pode servir de vestígio sobre o porquê dessas mulheres contarem histórias. Sobre Cecília, Carvalho (2008) diz:

Findo o jantar, ela se tornava o centro das atenções. As crianças lhe exigiam que contasse histórias. Fingia não querer, desconversava. Mas concordava sempre, sem conseguir esconder o prazer que lhe dava essa atividade e o fato de se tornar o centro das atenções. No chão de terra batida da cozinha, ao redor de um pequeno fogo, ela

contava e contava até que o sono derrotasse ou a seus ouvintes, ou a todos. (CARVALHO, CARVALHO, CARVALHO, 2008, p.10)

Carvalho (2008) infere que Cecília gostava de ser o centro das atenções; contar histórias lhe dava prazer. Supomos também que esse é um dos motivos dessas mulheres contarem histórias. Elas gostavam de contar, seja pelo fato de, ao fazê-lo, se colocavam num posição de prestígio, digno de um orador que faz todos silenciarem com sua narrativa, seja pela necessidade de compartilhar as narrativas que acumularam ao longo dos anos, ou como extensão do cuidado com as crianças. Os relatos nos fazem depreender que contar histórias era uma atividade que oferecia satisfação pessoal para essas mulheres.

Essas mulheres, ao deixarem o legado das histórias às crianças das famílias para quem trabalharam, contribuíram para a produção de memória não apenas das crianças, que passaram por elas, como também das crianças de gerações posteriores. Essas mulheres representam, tal como diz Cascudo (2004, p.12), “a Sheherazade, humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagrações. Quando lhe ouvimos contar, segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranquilas e raras de alegria serena”.

É das entrevistas também que nos chega a informação de que os membros da família são, também, figuras responsáveis pelos momentos de histórias na infância.

No caso de Regina Alfaia, ao lembrar da sua infância, nos diz que ouvia história de seus pais. A sua mãe contava história, enquanto bordava ou cuidava dos afazeres domésticos, já seu pai costumava contar em momentos que estavam familiares e vizinhos reunidos na sua casa. Além de contarem em diferentes contextos, eles também não possuíam o mesmo repertório, como recorda Regina Alfaia:

... as histórias que ele contava era de outra natureza... as da minha mãe que era de beira de rio... as do meu pai não era tanto de beira de rio... ele contava de memória as histórias de cordel... (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

Já Regina Campana recorda os momentos de escuta de histórias que tinha com seu pai e uma tia. Para ela esses momentos eram também de afetos e cuidados.

... na infância eu tinha meu pai que contava histórias e tinha uma tia que contava muitas histórias... era a tia que abraçava... era o pai que

tava junto... era as histórias com afeto... com carinho... então contar histórias... não era a história em si... mas era o carinho a (quentura) do pai... o abraço... a tia que era aquela tia mais jovem... a tia mocinha... bonita que a gente queria ser igual... e ela contava histórias isso marcou a minha infância... (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

Quanto a Danielle Andrade, como se lê em seguida, relata que herdou da sua mãe o amor pela palavra. Sua experiência na infância é, em grande parte, com textos escritos. Sua mãe gostava muito de livros, gostava de poesia e lia muito para ela.

... eu acho que eu começo a contar histórias por uma questão de ter um amor pelas palavras... mesmo... que foi uma coisa que minha mãe me ensinou... a minha mãe tinha muito amor pelos livros... minha mãe lia muito pra gente. (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

Danielle Andrade, também, recorda de uma tia, *tia Dolores*, que a levava, com frequência, para visitar o túmulo de um filho falecido no cemitério e neste lugar inusitado, contava histórias inventadas por ela, usando os nomes de falecidos como inspiração, como relata:

(...) eu sou de Curitiba e lá tem muito descendente de ucraniano... de polonês e italiano... e aí minha tia... também... achava engraçado o sobrenome daquelas pessoas... aí ela começava a inventar histórias dessas pessoas mortas... tipo esse aqui era sapateiro e se apaixonou por aquela ali que era meretriz e ficava na rua... aí veio a mulher dele matou os dois... ficava inventando várias histórias...(DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

A contação de histórias, como herança, foi sinalizada no terceiro capítulo, desta dissertação, no qual se apresentou Clarisse Pinkola Estés e Betty Coelho contadoras de histórias, pertencentes a uma linhagem de mulheres contadoras de histórias. E, é reafirmado nesses três últimos relatos, feitos por Danielle Andrade, Regina Alfaia e Regina Campana, nos quais mães e tias protagonizam os momentos de contação de histórias na infância dos sujeitos da pesquisa, dando continuidade à tessitura das narrativas pelas mulheres.

Entre um bordado e outro, a mãe de Regina Alfaia narrava as histórias guardadas na memória. Benjamim (1996) associa o narrador à figura do artesão, que tecia suas redes ao mesmo momento que narrava suas histórias, “A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na

cidade , é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação.” (Benjamim, 1996, p. 205). Pactuamos com essa afirmativa na mesma medida em que reconhecemos que, ao falar desse narrador, Benjamin (1996) não estava pensando nas mulheres que também narravam enquanto realizavam trabalhos manuais, mas em lugares físicos e socialmente diferentes dos homens. Na narrativa de Regina Alfaia, também se evidencia essa diferença de lugar entre narrador e narradora. A mãe dela contava histórias para os filhos e amigas que dividiam com ela os pontos do bordado, seu pai reunia um público, se apropriava do lugar de narrador que era. Está posto, um fio para quem desejar tecer uma pesquisa contrastiva sobre o lugar social da contadora de histórias e do contador de histórias.

A lembrança que Danielle Andrade traz é de uma mãe leitora, que lia para ela e de uma tia inventora de histórias. Ela não teve na infância a figura do contador de histórias tradicional, que lhe contasse os contos milenares, entretanto essa falta não foi um obstáculo para a mesma se emaranhar na arte de contar histórias. Mas, como veremos na próxima subseção, essas experiências foram decisivas nas suas escolhas como contadora de histórias.

O relato de Regina Campana, protagonizado pelo pai e por uma tia, remete à extensão afetiva das histórias, tão preciosos na fase inicial da vida, a infância. Numa das atividades do estágio docente, no componente curricular EDC 302 – Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, na FACED-UFBA- semestre 2015.2- com supervisão da Profa. Dra. Lícia Beltrão, uma das alunas, ao narrar suas memórias de infância, também destacou esse laço afetivo que as histórias no seio familiar proporcionam, ligado ao cuidado, ela contou na ocasião que sua mãe lhe contava histórias quando penteava seus cabelos. Cuidar, segundo Boff, “abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com outro” (BOFF, p,33. 2001) Com base nessa definição de cuidar, inferimos que tanto Regina Campana como a aluna citada se sentiam cuidadas.

As experiências na infância são os pilares da formação do indivíduo. Gregório Filho (2016, p.93), nos recorda que “Somos aquilo que vamos adquirindo ao longo da vida. Os primeiros jogos, as brincadeiras, as cantigas, os contos vão imprimindo em nós um pouco daquilo que vamos ser quando adultos.” O início da formação nos é dada pela família, pelas pessoas do nosso círculo social e pelos bens culturais a

que temos acesso, nesse primeiro estágio, as escolhas são muito poucas. Mas, à medida que crescemos, vamos fazendo opções e definindo as trilhas que desejamos percorrer. Na subseção a seguir, as contadoras de histórias falam das escolhas que fizeram e que definiram o tipo de relação que cada uma delas estabelece com as histórias.

5.1.2 Quer ser contadora de histórias?

Quer ser contadora de histórias? Foi com essa pergunta que Regina Campana se deparou, e, talvez, seja essa a pergunta que muitas contadoras ouvem ao mesmo tempo em que, também, se perguntam quando estão iniciando sua formação em contação de histórias: Quero ser uma contadora de histórias? A formação do contador de histórias é discutida por muitos teóricos e estudiosos que se interessam pela arte de contar histórias, a exemplo de Patrini (2005), Machado (2004), Busatto (2006), Matos (2005) e todos concordam que essa formação, que antes acontecia pela convivência com um contador mais velho, na contemporaneidade, tem crescido as opções de formação, que podem acontecer, através de oficinas, cursos livres e até em curso de pós-graduação na modalidade *lato sensu*.

Consciente da importância deste tema, expomos, aqui, relatos dos sujeitos da pesquisa fornecidos por meio das entrevistas narrativas.

Regina Alfaia sempre incluiu a contação de histórias na sua rotina como professora, mas não achava que fazia alguma coisa diferente dos demais professores. Ela relembra que começou a pensar sobre sua prática, como contadora de histórias, quando foi trabalhar numa escola em Uberlândia, Minas Gerais, e seus colegas começaram a questionar o fato de ela contar tantas histórias de memória.

... no final ano de 2001... eu mudei pra Minas Gerais... fui morar em Uberlândia... já tinha morado aqui em São Paulo quase 10 anos... fui para Uberlândia... quando eu fui pra lá... na escola que eu fui trabalhar eu contava história e aí lá eles começaram achar isso diferente... ah você não lê só, você conta... Conto... Como é que se faz pra contar? Por que você tem tantas histórias na sua memória? Eu comecei a me perguntar isso também...POR QUE TENHO TANTAS HISTÓRIAS NA MINHA MEMÓRIA? ...algumas eu ouvi... mas outras eu pesquisei... vi que existiam e fui estudando e conhecendo... eu lia e guardava na minha memória... e ia contando aos meus alunos... pra mim era muito fácil isso acontecer para aquelas as pessoas não... nessa escola tinha também professores

universitários... ou era pai de aluno ou era colega... todo mundo da federal de Uberlândia... daí começaram a me convidar pra ir na extensão... na formação... ah faz uma oficina... vem contar alguma coisa... eu dizia... gente oficina eu nunca fiz... mas eu posso ir contar e aí eu conto como é que eu conto... (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

A admiração dos colegas de trabalho, sobre o fato de Regina Alfaia contar histórias, denuncia que nos dois espaços escolares citados, a escola e a universidade, tal prática não era comum, não era corriqueira, de modo que a convidaram a compartilhar por meio de oficinas sua prática de contadora de histórias em cursos de extensão na universidade. A pesquisa de Regina Alfaia era ligada ao ato docente. Quando ela diz que lia, guardava na memória e contava para os alunos, descreve uma metodologia de pesquisa-formação. O interesse pelas histórias e pela tradição oral herdada dos pais ribeirinhos fez para ela a arte de contar histórias uma prática indissociável da sua profissão. Dessa forma, quando ela começou a pesquisar sobre essa arte, já contava histórias há muito tempo.

Regina Campana, por sua vez, teve os filhos como principais motivadores para adentrar, depois de adulta, no universo da contação de histórias.

(...) eu me tornei leitora MESMO... VORAZ... quando meus filhos nasceram... porque eu queria contar a história pra eles... e aí um dia eu querendo contar... comecei entrar nas livrarias à procura de livros de literatura infantil... até que eu descobri a Ruth Rocha... Ana Maria Machado (...) aí eu comecei a ficar empolgada... eu comecei contar histórias... contava os clássicos para eles... (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

Assim como Regina Alfaia, Regina Campana teve a escola como campo de pesquisa-formação para sua atuação como contadora de histórias. Campana teve o privilégio de atuar sete anos como contadora de histórias no colégio no qual era professora. Durante esses sete anos, contou histórias, mediou, e atuou, diretamente, com os projetos de fomento à literatura, como podemos ler abaixo:

... no Colégio São Paulo eu fiquei vinte e um anos... sendo que os sete últimos só de contadora de histórias... eu contava só histórias... foi uma maravilha... foi um presente... esse foi um convite de Lícia... ela tinha um projeto lá... Educando pela Literatura... aí um dia Lícia disse... quer ser contadora de histórias? ai eu fui ser contadora de histórias... durante sete anos... dos meninos do primeiro ao nono ano... Era um trabalho conjunto com as professoras de língua portuguesa... Tiraram o livro didático e o livro que era o carro-chefe era o livro de literatura... eu trabalhava por semestre... seis... sete... oito livros com aquelas crianças ou pelo mesmo tema, ou pelo

mesmo autor... (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

A partir das entrevistas de Regina Campana e Regina Alfaia, cuja postura formativa em muitos momentos se aproxima, pelo fato de ambas atuarem como professoras e contadoras de histórias, podemos inferir que é pautada numa prática reflexiva, assim conceituada por Schön (1992), que a dividiu em três processos: a reflexão-na-ação, a reflexão-sobre-a-ação e a reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação.

A reflexão-na-ação traz consigo um saber que está presente nas ações profissionais, é o componente inteligente que orienta toda a atividade humana e manifesta-se no saber-fazer. A reflexão-sobre-a-ação está em relação direta com a ação presente, ou seja, com a reflexão-na-ação, e consiste numa reconstrução mental retrospectiva da ação para tentar analisá-la, constituindo um ato natural com uma nova percepção da ação. Já a reflexão-sobre-a-reflexão-na-ação é uma reflexão sobre a reflexão da ação passada, podendo influenciar ou mudar ações futuras. Ambas, Regina Alfaia e Regina Campana, demonstraram possuir uma atitude autorreflexiva que permeia seus processos formativos tanto como professoras quanto contadoras de histórias, atitude que elas deixaram transparecer ao longo da entrevista.

Keu Apoema teve como marco inicial para seu processo formativo de contadora de histórias uma oficina com Gislayne Matos, em Minas Gerais. Ela relata que, após a oficina, saiu contando histórias sempre que encontrava uma oportunidade. Abaixo podemos ler o trecho da entrevista em que ela fala sobre a experiência com a oficina.

... e... aí... tava tendo os festivais de inverno em Minas... eu enlouqueci porque eu queria ir pra algum festival e eu não tinha a menor ideia do que eu ia fazer nesses festivais... mas eu queria ir pra algum... tinha várias oficinas de arte... de tudo que você imaginar... literatura... contação de histórias... vídeo... fotografia... essa coisa toda (...) quando veio o festival de São João Del-Rei tinha uma oficina de contação de histórias com a Gislayne Matos... eu me inscrevi às cegas... assim não tinha muita (noção)... na época eu tinha um site de literatura chamado Casa de Arabela... então... de um modo geral... eu me interessava por tudo que diz respeito à palavra e tava lá essa coisa de contação de histórias... Gislayne Matos... e eu falei... uai a grana chegou... vou me inscrever e vou... e assim aconteceu... então nessa brincadeira eu fui fazer com a Gislayne uma oficina de 40 horas... e não é que eu tenho me descoberto contadora de histórias... mas eu saí de lá contando histórias... eu contava tantas histórias... que era uma coisa assim

que tava tão impregnado em mim... a experiência com a Gislayne foi uma experiência muito forte e toda minha experiência de escuta dela e de escuta das histórias durante a oficina... que depois da oficina eu encontrava... assim uma pessoa e qualquer brecha aproveitava pra contar alguma história que eu tinha aprendido lá na oficina... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

Graduada em Administração, Keu Apoema começou a contar as histórias nos cursos de formação de camponeses onde ensinava Empreendedorismo-Rural.

... por essa época... eu trabalhava com formação de camponeses no interior de Minas... eu dava treinamento de empreendedorismo rural... de empreendedorismo social... cooperativismo... e rapidamente eu descobri que se eu contasse histórias... antes de começarmos os treinamentos eu conseguia ter os alunos na minha mão... porque inicialmente eu era sempre... assim... uma menina muito jovem na época 23 anos... eu tinha... dando formação para pessoas muito mais velhas do que eu... sempre tinha uma desconfiança assim... era normal... e... eu naquela época... tava me apropriando de uma forma muito grande tanto das dinâmicas... das brincadeiras que era uma dimensão importante da minha vida na época e das histórias... e aí e comecei a contar histórias nos meus processos formativos... Comecei a contar e aquilo pra mim era uma ferramenta chave do trabalho... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

Ainda em Minas Gerais, ela fez um curso de Especialização em Arte-educação, com a Gislayne Matos, com foco na contação de histórias. Entretanto, foi em 2009 que sua trajetória como contadora de histórias começou a se consolidar. A partir daí apresentou alguns espetáculos de contação de histórias, participou de cursos, como formadora de novos contadores e, em 2010, foi aceita no curso de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação- FAGED-UFBA onde pesquisou contação de histórias. Durante o curso, fez uma residência artística em Burkina Faso, África, e, atualmente, pesquisa no Doutorado uma figura chamada *Lia Na'in* que em Timor Leste é considerado o mestre da tradição oral.

A trajetória formativa de Keu Apoema, diferentemente das demais contadoras sujeitos da pesquisa, é marcada pelo interesse da pesquisa acadêmica em temas que permeiam o seu ofício de contadora de histórias. O fato de ela ter começado sua trajetória como contadora de histórias numa oficina com Gislayne Matos, uma das principais pesquisadoras brasileiras sobre arte de contar histórias, pode tê-la influenciado a olhar a contação de histórias como um potencial objeto de pesquisa o qual ela estudou num curso de especialização, no mestrado e no doutorado continua com um objeto que também se encontra com a contação de histórias.

Danielle Andrade é licenciada em Teatro, amante de literatura e de uma boa história. Achava que ia se encontrar no curso de Teatro, mas como ela relata não foi o que aconteceu.

... eu odiei o curso de teatro... tinha que fazer as peças e representar... eu vi que não era minha praia... vestir mesmo... ter um personagem... mas eu achava que eu ia adorar peças de teatro e chegou lá não gostei... achava aquela forma de ler falando (...) eu acho essa forma de leitura do teatro muito chata e eu pensava... meu Deus que eu vou fazer pra sair disso? (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

A formação de Danielle Andrade em Teatro instiga aqui uma discussão bem conhecida no cenário da contação de histórias, que é a diferença entre o ator e o contador, entre atuar e contar. Sobre a questão, Busatto (2006) diz que diferente de uma apresentação teatral, a contação de histórias não permite uma quarta parede, a troca de olhar entre quem conta e quem escuta se faz indispensável. Para Matos (2005), a prática do ator no palco é marcada por um diretor, no caso do contador de histórias, ele é seu próprio diretor. Danielle Andrade, justamente pela formação em teatro, reconhece que as diferenças entre um ator e um contador de histórias são evidentes, "num teatro tem que memorizar falas, vestir uma personagem...Na contação... eu sou Danielle", afirma ela. A falta de identificação com o curso de Teatro a fez se encontrar na arte de contar histórias. Dessa forma, seu primeiro trabalho no curso já foi com contação de histórias.

... aí eu comecei a contar... eu fiz uma montagem de uma contação na faculdade e chamei minha mãe pra contar uma história comigo... só que invés de eu pegar uma história conhecida... eu escrevi uma história... que era "Maria dos Remédios a desalmada..." era a história de uma menina que ficava tão triste que perdia a alma dela e sai pra procurar...procurava... procurava ... procurava ... enfim até que um dia ela encontrava né? e...aí... minha mãe aprendeu a história e contou comigo... foi a primeira vez que eu contei uma história... eu já tava fazendo faculdade de teatro... aí... eu comecei a levar todo o meu trabalho do teatro... tentar... porque têm as provas específicas você tem que fazer peça tal... mas eu tentei levar pra isso né? pra contação de histórias... para narração e pros textos de literatura que era o que mais me interessava... pra poesia e tal... (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

Nesse relato, Danielle Andrade diz que a primeira contação de histórias que fez, com a sua mãe, foi de um texto da sua autoria, reforçando, dessa forma, a sua relação com a palavra escrita que herdou da sua mãe. Danielle Andrade compõe um

cenário de contadores que não possui, na sua formação, laços estreitos com a tradição oral, como é o caso de Celso Sisto que confessa:

A minha paixão pela contação de histórias advém exatamente do mundo letrado, da escrita, do livro e da convivência muito de perto com os livros, sobretudo com a palavra poética. Então, só posso falar desse lugar, porque foi esse lugar que me fez galgar para outros lugares e outros espaços. (SISTO, 2015, p. 151)

Danielle Andrade, ao longo da sua entrevista, foi deixando claro, assim como Sisto, que o seu lugar de fala é de quem deve referência, primordialmente, aos textos escritos e que a maioria das narrativas do seu repertório é de autoria própria. Ela afirma: “Eu gosto de contar o que eu escrevo, eu também tenho coisas para contar, coisas que quero dizer”.

Vovó Cici teve sua primeira irmã quando já tinha 20 anos. Como irmã mais velha, contava histórias para entreter e acalantar os irmãos. Anos depois, quando se muda do Rio para Bahia, nos anos 70, trabalha, inicialmente, como cobradora de ônibus, antes de começar a trabalhar com Pierre Verger fazendo legenda para fotos. Todas essas atividades a ensinaram a contar histórias, pois como ela frisou em vários momentos da entrevista ela foi “aprendendo a contar histórias com a vida”. Entretanto, segundo ela, o convívio com Pierre Verger foi decisivo na sua formação.

Pierre Verger (1902-1996) foi um fotógrafo e pesquisador que desenvolveu estudos nos campos da Antropologia e Etnologia. Francês, viveu grande parte da sua vida na cidade de Salvador, Bahia. Como fotógrafo, realizou um trabalho de grande importância, baseado no cotidiano e nas culturas populares dos cinco continentes. Além disso, produziu uma obra escrita de referência sobre as culturas afro-baiana, voltando seu olhar de pesquisador para os aspectos religiosos do candomblé e tornando-os seu principal foco de interesse. Adepto do candomblé, Pierre Verger era babalaô - um adivinho através do jogo do Ifá, com acesso às tradições orais dos iorubás. Foi na religião que recebeu o nome de Fatumbi, que significa nascido de novo graças ao Ifá. As informações sobre vida e obra de Pierre Verger podem ser acessadas, facilmente, no site www.pierreverger.org.br, onde colhemos estas informações.

Com Pierre Verger, vovó Cici se aprofundou no conhecimento sobre a cultura africana e afro-brasileira e é desse lugar que passou a contar as histórias. Assim, as histórias da cultura afro-brasileira que Ziza lhe contava se somaram à mitologia dos

orixás e a muitas outras histórias da cultura negra. Vovó Cici atua como contadora no Instituto Pierre Verger onde atende crianças e adolescentes da comunidade Vila América no Engenho Velho de Brotas, Salvador, mas leva suas histórias a quem as queira escutar.

... eu conto história onde alguém quiser me ouvir contar histórias... não precisa me pagar não... eu conto histórias a quem quiser ouvir minha história. Eu conto história... Dizem que eu sou griô... o griô conta história em qualquer lugar... para quem quiser ouvir.... (VOVÓ CICI. Entrevista concedida em 01/08/2016).

Dizem que eu sou griô, afirma vovó Cici. Griô é a versão portuguesa para griot, uma palavra de origem francesa que designa os tradicionalistas africanos, dado à colonização pela França em parte da África. Nkama (2012) falando sobre o africano, diz que ele é considerado uma autoridade na tribo a que pertence. É o melhor orador da comunidade, lida com todos os recursos da arte da oralidade, seja, música, memória, oratória, dança, linguagem... O griô brasileiro é uma referência a essa personagem histórica da cultura africana. Nossos griôs são os mestres da tradição oral, aqueles que possuem um ofício ou praticam uma arte relacionada com a cultura popular e são reconhecidos por isso na comunidade, podendo ser mestres de capoeira, sambadores, benzedeiros, parteiras, contadores de histórias entre tantos outros. Quem já viu vovó Cici contando histórias, o que ela costuma fazer envolvendo música e danças da cultura afro-brasileira, não tem dúvida da sua maestria com a tradição oral.

Do já exposto, posso considerar que as memórias de formação proporcionaram às cinco contadoras de histórias pensar suas próprias trajetórias bem como nos (des)caminhos construídos. No processo autorreflexivo, elas ofereceram pistas sobre um cenário contemporâneo de formação de mulheres contadoras de histórias. Ao falar de si, essas contadoras falam também de histórias de ouvintes que se entrelaçam às suas, falam das possibilidades formativas para quem pretende contar histórias profissionalmente, assim, vão compondo a grande colcha de retalhos que representa a arte de contar histórias em tempos contemporâneos.

5.1.3 Depois daquele dia eu ganhei segurança

Depois daquele dia, depois daquele momento, depois daquele encontro, depois disso... São frases que representam a descoberta de cada mulher, aqui entrevistada, como contadora de histórias. Entendemos que a autodescoberta está, também, dentro do processo formativo, entretanto decidimos destacá-la separadamente, pela importância dada pelos próprios sujeitos a esse tema na tríade vida-formação-profissão das contadoras entrevistadas.

Como já dito em capítulos anteriores, as mulheres possuem uma jornada milenar com as narrativas orais. Contam e contam histórias de tal modo que a maioria não vê nessa prática algo de especial. Poucas, se questionadas, dirão que são contadoras de histórias. Um dos critérios considerados na escolha dos sujeitos da pesquisa foi exatamente essa perspectiva, a do autorreconhecimento como contadora de histórias. Como essas mulheres, sujeitos da pesquisa, se descobriram contadoras de histórias? Saindo de uma maioria que conta, mas não se reconhece como contadora, para agregar ao grupo das que se auto denominam contadoras de histórias? Provocadas sobre esse tema, elas contaram como ou em que momento passaram a se enxergar como contadoras de histórias.

Foi em Burkina Faso, África, enquanto fazia uma residência artística, que Keu Apoema se certificou que iria seguir o caminho das narrativas, como ela mesmo relata:

... tive a oportunidade lá de conhecer um griô muito famoso chamado **Hassane Kouyaté**... que... já... teve aqui inclusive no Boca do Céu... acho que algumas vezes... tive a oportunidade de sentar... assim... na mesa no botequim... lá na beirada de uma rua... comendo cuscuz... e de ouvi-lo pessoalmente e a força que ele passava... assim... da história de vida dele como griô e da responsabilidade de ser herdeiro de um grande griô de **Burkina Faso**... naquela noite eu me lembro que eu falei assim pra mim... eu não posso mais me dar o luxo de não seguir meu caminho e meu caminho com as narrativas... e aí foi isso... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

A narrativa em que vovó Cici se reconheceu contadora de histórias segue transcrita:

... você é aquilo que seu orixá te destina a ser... não adianta... se você é uma professora... é porque seu orixá disse que você ia ser... se você é uma doutora... é porque seu orixá disse... se eu conto história... é porque o meu orixá disse que eu ia contar história... e essa confirmação eu só tive em 2014... eu vim trabalhar com meu pai

Fatumbi nos anos 90. foi...aí... que voltei para minhas origens... para minha raça... pro meu povo... contava histórias... porque eu lia muito... eu lia... eu contava...devorava livros direto (...) numa viagem que fiz aos Estados Unidos em 2014... quando tava perto de eu vir embora... eu viria embora numa terça- feira... numa segunda-feira... no domingo a moça... que eu fico na casa dela... disse... olhe... na segunda... amanhã... a gente vai acordar cedo, porque vai ter uma cerimônia na casa de (babá faxe ogum)... aí você tá convidada... eu botei minha roupa branca e fui... quando eu cheguei mandaram eu sentar...descansar... veio umas pessoas que falam espanhol conversar comigo... ai falou de orixá... eu comi... depois minha filha... ele veio me botou numa sala... fiz minha preparação para receber isso ((aponta para uma pulseira que está usando)) isso daqui diz que eu sou apetebi... Apetebi é a mulher que toma conta das coisas de Ifá... o contador de histórias... aí sim você pode dizer ela é contadora de histórias... porque orixá me deu esse direito... (VOVÓ CICI Entrevista concedida em 01/08/2016).

Já Danielle Andrade relembra que apenas decidiu que iria se dedicar, profissionalmente, à arte de contar histórias após se mudar de Curitiba para Salvador. Ela conta que, recém-chegada à Bahia, foi convidada a contar uma história de autoria da escritora Marie Cazumba. Estudou a história, fez uma visita a um quilombo, que ela desconhecia, cenário da história. Tudo pronto para contar a história e na hora ela relata que:

Aí... chegou o dia de contar a história dessa mulher... a Marie Cazumba... ela sentou... na minha frente... e eu esqueci a história... eu esqueci... não contei nada...eu tinha estudado essa história tanto... eu fiquei tão nervosa que eu esqueci totalmente história... e fui inventando... (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

Até hoje ela não sabe o que aconteceu se foi pelo fato de estar contando uma história de uma cultura que ela desconhecia ou se foi por estar contando em frente à escritora que assistiu à apresentação. Entretanto, esse acontecimento, de alguma forma, mostrou para ela que contar história seria a sua profissão.

depois disso... voltei pra casa e falei a partir disso eu tenho que continuar... agora é isso mesmo... eu sou contadora... antes eu falava pras pessoas que eu era contadora... mas não com certeza... com a clareza que tive naquele dia... aqui em Salvador eu só vivi de contadora de histórias... nunca trabalhei de outra coisa... em Curitiba eu contava história e trabalhava em outra coisa... eu não acreditava que podia viver só de contar histórias... depois daquele dia eu ganhei segurança... (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

Regina Alfaia, por sua vez, sempre contou histórias dentro da sua prática como professora. A princípio, não achava que fazia algo para além da sua profissão, se

enxergava como professora não como uma contadora de histórias. Aos poucos, através de observações de seus ouvintes ela começou a voltar seu olhar para sua prática e foi se descobrindo também contadora. Abaixo ela relata um episódio que a fez repensar sobre o valor do que fazia.

eu lembro que uma vez eu fui contar histórias num curso de extensão na universidade e tinha aluna cega... isso foi muito fundamental pra mim... eles me disseram quem era o grupo... quantas pessoas eram... e falaram que haveria uma aluna cega... NOSSA nunca contei uma história para pessoa cega... pensei... aí eu comecei a contar... uma das histórias que eu contei... eu fiz uma brincadeira que eu soprava... era uma história de vento e chuva... tinha vento e tinha chuva... e eu fiz uma brincadeira... eu levei um tecido... uma coisa meio plástica... quando encostava parecia mesmo uma chuva... e levei esse sopro ((sopra com a boca)) que parecia vento e eu lembro que a moça tava distraída... a que era cega... quando eu comecei a contar essa história... ESSA MULHER MUDOU ATÉ A POSIÇÃO CORPORAL... ela começou a escutar... e depois ela ficou muito comovida... e aí ela falou assim... nossa acho que nunca ninguém contou uma coisa pra mim... pensando em mim... eu falei porque você acha que eu pensei em você? Ah... você pensou porque todas as suas histórias... tinha alguma coisa...que me aguçava... dizia ela... não tinha né? só essa que eu achei que tinha... e ela citou isso como exemplo... mas ela soube citar das outras também... aí esse negócio de contar histórias foi ganhando força pra mim... ai falei nossa esse negócio é importante... eu vou me preocupar mais com isso. (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

Regina Campana é carioca e quando se mudou para Bahia com os filhos ainda pequenos começou a procurar lugares que tinham contação de histórias para levar os filhos. Nessa busca, foi informada que na igreja católica do seu bairro, aos sábados, havia contação para crianças. Ela passou a frequentar a igreja para levar seus filhos para ouvir as histórias. E, assim, nasceu nela o desejo de também contar naquele espaço.

... aí no outro sábado eu fui... eu comecei a levá-los como uma forma de distração... a hora da história... aí eu fui levando... ai pensei gente eu poderia contar... porque eu não vou contar? eu já contava pros filhos... como professora... sempre fui professora do fundamenta l... vou querer contar histórias pros meninos... (...) aí... depois eu comecei a contar histórias na missa... na missa das crianças... (...) e... aí... comecei a participar de tudo que era congresso... fiz cursos com o grupo Morandubetá... onde conheci Celso Sisto e Eliane Yunes... esses cursos tinham contadores muito bons (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

Os cinco sujeitos da pesquisa relatam que passaram a se reconhecer como contadoras de histórias, num dado momento, através da intervenção do outro. Foi o olhar, a fala, a história, a designação do outro que disse para cada uma das mulheres, aqui entrevistadas, que elas eram contadoras de histórias, para Bakhtin

Avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos à nossa própria consciência: desse modo, levamos em conta o valor da nossa imagem externa do ponto de vista da possível impressão que ela venha a causar no outro [...] (BAKHTIN, 2011,p.13-14)

Foi nessa relação de alteridade, que essas cinco mulheres, sujeitos da pesquisa, se constituíram contadoras de histórias. Ainda de acordo com Bakhtin (2011) constituímos-nos e nos transformamos sempre pela relação com o outro, uma vez que, a alteridade funda-se na relação entre o sujeito e seu outro, ou melhor, seus outros. A relação eu-outro-outros, em contextos sócio-histórico e culturais, cria a possibilidade da ampliação dos horizontes dos sujeitos, no desdobramento dos lugares enunciativos, na multiplicidade de vozes, na configuração da polifonia entre o que é dito e o como se diz. E nessa relação, enfatiza Bakhtin, “Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da nossa própria vida.” (BAKHTIN, 2011, p.14).

A autodescoberta destas contadoras de histórias aconteceu em conjunto com outro, com o ouvinte, com pessoas que as conheceram e perceberam que elas eram especiais, eram contadoras de histórias, o que talvez, elas já soubessem, mas só se fez evidente com o apoio do outro. A voz do outro ou dos outros pode aparecer, inclusive, nos próprios contos, pois é no contato com estes que o contador passa a se questionar sobre sua identidade, Matos diz “No caso do contador, quando ele próprio tem seus sentidos impactados pelo conto, começa a saber e a se perguntar sobre quem ele é” (MATOS,2005,p.47).

5.2 CONTAR HISTÓRIAS É REINVENTAR O MUNDO

Contar histórias é reinventar o mundo, afirma Danielle Andrade ao discorrer sobre os sentidos educacionais da contação de histórias. Acrescentamos a essa afirmação: educar é também reinventar o mundo. A educação, segundo a LDB,

... abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.(BRASIL,1998)

A educação que arrazoamos para este estudo é vista sob esta perspectiva ampla que perpassa a família, a comunidade e chega até a instituição escolar. A educação está em todos os lugares, não há como fugir dela. Pactuamos com Brandão quando ele afirma que, “Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação.” (BRANDÃO, 2010. s.d.), e encontramos na pesquisa o que segue traduzido: as contadoras de histórias entrevistadas misturam suas vidas com a vida de seus ouvintes num processo formativo quando atuam em diversos espaços e, em todos eles, educam por intermédio das histórias.

A contação de histórias sempre teve estreita relação com o ato de educar, independentemente da cultura em que essa arte é praticada. A figura do griô africano está associada aos ensinamentos e lições de vida que esses sábios transmitem. Na cultura cristã, temos a imagem do próprio Cristo que educava por meio de parábolas. As mães e avós, quase sempre, contam uma história quando querem passar uma lição para os filhos.

Para Bettelheim (1980) as histórias educam através de exemplos transmitidos pela sua linguagem simbólica. O autor afirma que os contos narrados pela voz de um adulto ajudam as crianças a resolverem seus conflitos e dilemas. Ele enfatiza a importância de esses contos serem narrados por um adulto à criança, pois é assim que a criança se certifica que está sendo apoiada por um adulto responsável por ela.

Walter Benjamin (1987) também reconhece a potencialidade do conto de fada como conselheiro das crianças. Sobre tal gênero afirma: “Ele é ainda hoje o primeiro conselheiro das crianças, porque foi o primeiro da humanidade, e sobrevive, secretamente, na narrativa”. (BENJAMIN, 1987, p.215).

Ao falar da dimensão educativa da palavra do contador de histórias, Matos (2005) deixa claro que a mesma está relacionada com uma educação para além de usos escolarizantes, quando reduzem, simplesmente, a arte de contar histórias como pretexto para estudo de conteúdos curriculares. Sobre a educação que importa à arte de contar histórias, ela esclarece:

Portanto, à questão “Qual educação?”, propomos: a educação cujo objetivo é formar o ser humano para que ele possa estar em harmonia consigo mesmo, com seu meio ambiente e com seus semelhantes. É em sua dimensão formativa que a educação pode encontrar na força dessa “palavra” um recurso poderoso. (MATOS, 2005, p. 173)

Para Matos a arte de contar histórias educa para a vida, para a formação do sujeito. Nessa direção, encontramos, também, a tese de doutorado *A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de história* defendida por Luciene Sousa Santos (2013) e a dissertação de mestrado intitulada: *Contação de histórias: seguindo o curso de suas águas* apresentada por Kelly Cristine Ribeiro (2013), desenvolvidas junto ao grupo de pesquisa GELING. Ambas, em dado momento, refletem sobre a contação de história na educação escolar.

Para Santos (2013), a arte de contar história na educação escolar está ligada ao educar pela arte, pelo sensível, com o professor consciente da ação circular que é o ato de educar. Ela explicita a educação que defende:

[...] escola é espaço tanto de explosão de inteligência quanto de emoções e sentimentos dos sujeitos, socialização, sensibilidade e afeto, caminhos para o desenvolvimento de uma educação mais ampla, acolhedora de prazer, descobertas, sonhos e desejos. Quando a escola dá pouca importância à afetividade e à sensibilidade, a educação perde o seu caráter mediador da compreensão efetiva e afetiva do mundo. (SANTOS, 2013, p.124)

No caso de Ribeiro (2013), ao se voltar para a escola, ela nos diz que a contação de histórias, em tal espaço, está estritamente ligada ao livro, à palavra escrita, se distanciando da memória oral e da cultura popular da qual se origina. De acordo com a autora, a arte de contar histórias não pode ser vista apenas como uma ferramenta a favor da leitura ou da provocação do imaginário infantil, como se pode ler nas linhas que seguem:

[...] contação de história precisa não ser tratada apenas como um objeto “bonito” que provoca o imaginário nas crianças, sem que se perceba suas dimensões políticas e, a partir das mesmas, a imensa teia de possibilidades que pode tecer em sala de aula, realimentando, inclusive, a própria cultura popular, como, ao longo de séculos, textos escritos têm alimentado os textos orais e vice-versa, em movimentos intercambiantes, que se permitam experimentações, mas dentro de uma dada clareza no percurso, cumprindo o que é a esperança da escola e dos contos, a transformação da realidade. (RIBEIRO, 2013, p. 169)

A leitura, a que se refere Keu Apoema, não nos parece ser leitura no conceito amplo, designada por Paulo Freire (1985) de *leitura do mundo*. Mas, sim, a que Genouvrier e Peytard (1974) cunharam de *fala do escrito*, a leitura que tem como referência a palavra escrita. Concordamos com Ribeiro quando afirma que a contação de histórias não pode ter seu uso reduzido a uma simples ferramenta didática, entretanto, isso não nega a potencialidade da contação de histórias em contribuir com a leitura, seja do mundo ou da palavra escrita, bem como com a construção do imaginário das crianças.

Ribeiro (2013) e Santos (2013) entendem que a educação que atravessa a arte de contar histórias é universal e abrange as muitas facetas da vida humana, enxergá-la, tão somente, como uma ferramenta para trabalhar conteúdos ou desenvolver habilidades e competências é de fato uma atitude reducionista.

As cinco contadoras entrevistadas, uma delas é Ribeiro (2013) que usa o nome artístico Keu Apoema, também, expuseram suas concepções de educação do ponto de vista do seu ofício, quando discorreram sobre o último tema do roteiro de entrevista, a saber, sentidos educacionais que atribuem à contação de histórias. Como já dito, anteriormente, definir como a contação de histórias educa não é uma tarefa fácil, dado a ampla dimensão educativa desta arte. Sendo assim, os sentidos educacionais que destacamos, na continuidade, foram os que tiveram maior realce nas entrevistas, são os seguintes: ensinar e aprender pela experiência do outro; educar pela sensibilidade; contribuir para formação leitora; mediação de conflitos.

5.2.1 O mais velho conta uma história

Os exemplos de vida têm nos mostrado que alguém já passou por uma experiência que se assemelha à nossa. O outro poderia ser qualquer um de nós, por isso nos comovemos e aprendemos com a experiência de pessoas que nunca vimos, que viveram em outras épocas, em lugares distantes. Algumas delas existem no universo fantástico, no imaginário de gerações a gerações, o que não as tornam menos reais. Aprender pelos exemplos dessas pessoas foi um dos sentidos educacionais destacados pelas contadoras entrevistadas.

Keu Apoema, ao falar sobre os sentidos educativos da contação de histórias, destaca a capacidade do ensinar pela experiência do outro, como se lê,

... mas toda a história ensina e por que toda a história ensina? porque as histórias todas elas falam de experiências humanas... e tem um mito que eu gosto muito que tá no livro mitologia dos orixás...do Prandi e ele conta como é que surgiu o jogo de búzios lá na África na tradição iorubá... e o mito diz que um dos deuses maiores (...) tava muito preocupado com os humanos... é porque os humanos tava com muitos problemas... e com muitas questões... (...) e... aí... exu sai pelo mundo colhendo histórias... ele ouve planta... ele ouve bicho... ele ouve gente e ele junta essas histórias e essas histórias passam formar os odus... e lá nessa tradição africana... quando alguém ia jogar os búzios essa pessoa na verdade... voltava para casa com uma história... cada combinação de búzios... pra aquela pessoa saiu uma história que era uma história da vida daquela pessoa... daquele momento... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

Vovó Cici, que trabalha com crianças e adolescentes em situações de risco, no Instituto Pierre Verger, relatou que, quando precisa orientar ou aconselhar um deles, conta uma história.

preste bem atenção... você vai ser uma criança para mim... contam os antigos... e também Ziza contava... que tinha acabado a escravidão e que muitos tinha ficado livres... mas tinha ficado dentro da suas fazendas... trabalhando alguns para seus senhores... então o que é que acontece... ela chega e conta que tinha um casal de ex escravos... eu chamo libertos... que trabalhava na fazenda para ganhar algum dinheiro... era uma plantação de cana... todos os dias eles iam e voltavam... e esse casal só tinham tido uma filha... quem cuidava da filha era a madrinha... saiam de manhã para o canavial e voltavam quando o sol estava morrendo... só tinha deixado de ser escravos. então... conta a história que numa dessas idas e vindas... esse casal cortando a palha da cana... pra botar no pé da cana... no meio do trabalho eles encontraram uma cestinha... quando eles abriram o que era que tinha dentro? [...] um menino lourinho de olho azul [...] quando o casal de libertos viram pegou a criança e foi primeiro à igreja... chegou lá mostrou o padre da cidade e disseram que aquela criança tinha aparecido dentro de uma plantação de cana... aí ele diz... amanhã vou convocar toda a cidade para saber de onde teria vindo essa criança...mas essa noite vocês fiquem com ele...aí eles pegaram o bebê e levaram para casa...quando chegou aí chamaram a menina de nome Francisquinha...e diz... olha eu achei esse menino no canavial e não sei de quem ele é filho... mas... essa noite ele vai passar com a gente... aí a menina ajudou a mãe a arrumar uma cesta para botar o menino... aí... eles fazem uma papa para a criança comer... aí... você pergunta para as crianças como é feita uma papa? por incrível que pareça, eu contei essa história a alguns anos atrás e todas as crianças sabiam como se faz a papa... oh minha avó... pega a farinha de guerra... coa na fralda... depois bota leite...mexe... e bota um pingo de sal... se não tiver leite bota água... eu disse... é isso mesmo... e coloca no dedo... e a criança

come certinho. deram a papa para o menino... o menino comeu direitinho e botaram o menino para dormir. Porém... quando estava se aproximando de meia-noite... o menininho começou a se bulir na caminha... e quando o sino da igreja começou a tocar bennn...bennn... aí... eu chamo todas as crianças bennnn...bennn... até formar as 12 badaladas... e quando deu 6 badaladas... o menino deu um voo... ele deu um voo... subiu na cumeeira da casa... botou as mãos... assim ((coloca a mão na cintura)) mas vocês sabem o que aconteceu com o menino? alguém sabe me dizer? pois é... o menino ficou preto e em cada braço se criou uma asa de morcego... então ele se pendurou na cumeeira e cantou... " Zumbi que Zumbe... ie... Zumbi... que... Zumbe.. ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê "... aí... eu digo... todo mundo vamos cantar., ai as crianças ((batendo palma)) " Zumbi que Zumbe... ie... Zumbi... que... Zumbe.. ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê "... e dá uma umbigadinha... quando deu a última badalada... ele se deitou e voltou a ser lourinho dos olhos azuis... MENINA... você precisa ver a reação das crianças... quando chegou no outro dia... a mãe saiu... chamou a filha e disse...olha eu vou dar o mingauzinho dele... a papa do menino... quando for meio... dia você chama sua madrinha pra dar... porque a menina era pequena... não mexia em fogo... ai ela deu... ensinou a menina... o menino comeu... soou...dormiu... quando deu meio-dia... a menina chamou a madrinha... a madrinha fez a papa... pegou... o menino comeu... dormiu... um verdadeiro come e dorme... quando chegou de tarde... a madrinha foi... fez a papa... o menino comeu e dormiu... mas quando o sol começou a baixar... ai o menino começou a chorar... coen, coen... ((imitando a criança chorando)) todo mundo chorando e fazendo o bebê... o menino berrava tanto que do canavial eles escutaram e vieram ligeiro e disseram... esse menino tá com fome... Francisquinha não deu a comida do menino... isso é fome... aí ligeiro deram comida para o menino... e ela disse... você não deu comida? eu dei... não... quer ver que não deu? aí... fizeram rapidamente um pirãozinho... abanaram... abanaram... e quando esfriou o menino comeu... como estivesse esfomeado. aí o pai disse... se amanhã... eu encontrar esse menino com fome... você vai cair na peia. alguém sabe o que é peia? é um pedaço de couro que você pode pendurar no prego atrás da porta... ele nunca tinha feito isso com a menina... a menina começou a chorar... quando foi a meia-noite... o menino começou a mesma cantiga... na última badalada ele dormiu... quando foi no terceiro dia... e nada de aparecer pai e mãe... todo dia o padre chamando... no terceiro dia... a menina começa a chorar e fala com a madrinha... a madrinha disse... hoje quem vai cuidar desse moleque sou eu... quando ela tava dando papa para o menino... ela disse... hum... bem que eu estava desconfiada... aí... deu papa para o menino e ficou calada... aí disse... olha... hoje... eu vou dar um jeito nessa história... (...)aí ... quando chegou de tarde... que sol desceu... olha o moleque gritando... e a madrinha escondida... e a menina com ele no colo... (...) O que foi que eu lhe disse? se você não desse comida ao menino... ia levar uma surra... pois você vai cair na peia... quando ele disse isso... a madrinha veio e disse... alto lá meu compadre... hoje quem cuidou desse moleque fui eu... vamos pegar esse moleque e vamos batizar... mas minha comadre tem que esperar o pai e a mãe... não ele vai batizar é hoje... é agora... aí pegaram o moleque... botaram... o moleque vestido de

branco e levaram para igreja... aí todo mundo da aldeia foi para o batizado do moleque... aí quando chegou dentro da igreja... o padre levou o moleque para pia batismal... e encheu a concha de água benta... e disse eu te batizo em nome... quando ele jogou a água benta o moleque deu uma explosão... soltou uma bufa... incensou todo mundo de merda e saiu voando e cantando... “ Zumbi que Zumbi... ie... Zumbi... que... Zumbi.. ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê “... até hoje ele tá voando... (VOVÓ CICI. Entrevista concedida em 01/08/2016).

Vovó Cici contou essa história sentada num banco em volta de uma mesa, com voz baixa e tranquila. Uma vez ou outra, interrogando-me, com o olhar, como se perguntasse: “Está entendendo? Está acompanhando a história”? Sua entonação e expressões faciais me fizeram seguir o enredo da narrativa, sem duvidar, em nenhum momento, da sua veracidade. Ao término da narrativa, ela se voltou para mim e disse:

youê entendeu? é assim quando a gente pega o que não é nosso... eu não preciso dizer nada... é história africana... é do meu povo... a nossa concepção e conscientização do certo e do errado... é dessa forma... entendeu? ai num instante todo mundo entende... enquanto fica assim... ((fala pegando minha mão)) filhinho... não faz isso... o moleque tá fazendo... como eu te disse... a minha pedagogia é diferente... às vezes os meninos chegam aqui com umas histórias... eu digo vem cá por que você fez isso? eu não digo que ele tá errado não... aí conto minhas histórias... eles têm que aprender... é assim a cultura africana... o mais velho conta uma história... ai a gente diz que não ouve ai... ouve ai ai... (VOVÓ CICI. Entrevista concedida em 01/08/2016).

Vovó Cici educa trocando conselhos diretos por histórias. As histórias aconselham de um jeito que é agradável aos ouvidos, que não fere ou ofende como também nos fala Keu Apoema:

(...) as histórias falam sobre experiência humanas... e falam de uma forma que nos agrada ouvir... porque não é um conselho explícito... porque a gente não gosta de conselho explícito... não é uma forma didática... é uma forma que a gente gosta de ouvir... que é pela experiência de outras pessoas... muitas vezes no mundo da fantasia... no mundo da imaginação... então... ela sempre nos traz alguma coisa... (KEU APOEMA Entrevista concedida em 01/08/2016).

Keu Apoema e vovó Cici citam oráculo iorubá, jogos de búzios baseado em histórias de vida. Reginaldo Prandi (2003), ao falar sobre esse jogo, explica, assim como as contadoras citadas, que na tradição iorubá tudo que acontece no mundo é repetição:

O oráculo iorubano, praticado pelos babalaôs, que são os sacerdotes de Ifá ou Orunmilá, o deus da adivinhação, baseia-se no conhecimento de um grande repertório de mitos que falam de toda sorte de fatos acontecidos no passado remoto e que voltam a acontecer, envolvendo personagens do presente. É sempre o passado que lança luz sobre o presente e o futuro imediato. (PRANDI, 2003, p. 52)

As falas das contadoras entrevistadas, reafirmadas em Prandi (2003), nos fazem refletir sobre o conceito de repetição. Nossa história está se repetindo? Nada é inédito? Será isso que as contadoras estão pensando quando falam em repetição? O próprio discurso delas nos leva a inferir que a ideia de repetição é bem mais complexa do que responder sim ou não às questões levantadas. Bakhtin (2011) nos lembra de que somos constituídos pelo outro, o que falamos, o que pensamos, como agimos é também do outro, pertence a uma memória coletiva. Amorim (2009), ao se debruçar no pensamento de Bakhtin (2002), afirma que:

Criar não é dar livre expressão a um suposto gênio individual ou deixar agir a inspiração. A criação em Bakhtin supõe duplamente a memória coletiva. Do lado do leitor ou ouvinte, face ao objeto criado por mim, porque ele inscreve o que crio em uma cadeia discursiva e assim confere sentido ao objeto. E do lado do próprio criador que cria sempre no diálogo com outros. Para ouvir e fazer ouvir minha voz em um enunciado-objeto é preciso ouvir e fazer ouvir as vozes que nele falam. Não há, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, criação sem repetição. (AMORIM, 2009, p.12)

No ato da criação, não se pressupõe o novo? Mas não há no novo referências do velho? Apenas saberemos se somos influenciados, se repetimos histórias, se a nossa criação é baseada em outra criação, se pararmos para prestar atenção no passado, na memória, nas narrativas de outrora. Aí, talvez, possamos perceber padrões e equívocos que se repetem ou se assemelham. Esse nos parece ser o ponto levantado pelas contadoras histórias. Evidentemente, que o outro sempre estará num contexto que não é o meu, por isso me singularizo na pluralidade, oferecendo o meu sentido para o que aprendi do outro e com o outro. Concordamos com a definição de repetição proposta por Cordeiro e Almeida (2015), com base no próprio Bakhtin (1992) e em Kierkegaard (1976),

Não se trata de repetir o mesmo e nele permanecer, mas de um movimento para adiante. Repetição é memória para frente; é reinvenção, recriação; é a retomada do mesmo sob nova forma. Repetição equivale à retomada; repetição como reapropriação daquilo que já aconteceu antes. (CORDEIRO; ALMEIDA, 2015, p.891)

Assim, quando olhamos para a tradição iorubá que diz que todas as histórias são repetições, não enxergamos tal assertiva como arcaísmo ou conservadorismo, mas, sim como um reconhecimento das referências do passado, que, inclusive, servem para evitar repetições desnecessárias.

O jogo de búzios é tomado pelas contadoras como ilustração para explicar a capacidade que as histórias possuem para aconselhar, para ensinar lições de vida. De acordo com Benjamim (1987), o contador de história se assemelha sábios, “pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas, em grande parte, a experiência alheia).” (BENJAMIN, 1987, p.221).

Os acervos citados por Benjamin (1987) são os contos tradicionais, os mitos, as lendas, textos da tradição oral que preservam e divulgam sabedorias ancestrais. Quando contamos essas histórias às crianças ensinamos que o mundo já existia antes dela e que está sempre em movimento. As histórias recepcionam as crianças apresentando o mundo a elas, para que, a partir disso, seja possível reinventá-lo, é desta forma que pensa Danielle Andrade:

... as histórias contam pros mais novos como era o mundo antes da gente... como era esse mundo? até porque a criança chega no mundo... achando que o mundo é dela...tudo mundo olhando para ela... aí todas as atenções são para eles... eles acham que o mundo já era assim e a gente vai contando para eles que não... que ninguém comia carambolas... mas... uma tartaruga... GENTE... que fez a gente comer carambola... ATÉ HOJE... NOSSA... como era o mundo quando os animais falavam com os homens? Será que existiu esse mundo? então a gente vai contando para eles como era o mundo antes deles e antes da gente... aí... a gente começa a construir coisas novas... CONTAR HISTÓRIAS É REINVENTAR O MUNDO. (DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016).

Contar histórias é reinventar o mundo, só podemos reinventar o que já foi inventado, o que já está consolidado. Eis aí, uma das funções que a narrativa consegue desempenhar, ensinar sobre o mundo que tem sido construído há muitas gerações, o que deu certo, o que deu errado. Todas as coisas cabem nos enredos das histórias fabulosas “de um jeito que a gente gosta de ouvir”, como disse Keu Apoema. Por isso, contar história não pode ser confundido com passar uma informação ou relatar fatos do passado, trata-se de narrativas que, quando chegam ao ouvinte, lhe ensinam algo sobre a vida.

Vale ainda ressaltar que a contação de histórias pode ser feita para muitas pessoas, mas não terá o mesmo sentido para todas, como afirma Keu Aipoema:

... a história não funciona para o aluno aprender aquele conteúdo... porque cada pessoa... cada sujeito... ela vai escutar uma história... e ela vai aprender aquela história de acordo com as próprias experiências de vida e de acordo com o momento de vida que ela tá vivendo... então cada história... ela tem caminhos singulares em cada pessoa... então ela é educativa? é... mas não se pode pensar na educação desse ponto de vista de que ele chega mais ou menos igual... mais ou menos parecido para todo mundo... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/08/2016).

Os muitos exemplos de vida dos outros que a nós são narrados vão nos formando, construindo nossa unidade. Sobre essa questão, Bachelard diz:

Somente pela narração dos outros é que conhecemos a nossa unidade. No fio de nossa história contada pelos outros acabamos, ano após ano, por parecer-nos com nós mesmos. Reunimos todos os nossos seres em torno da unidade do nosso nome. (BACHELARD, 1996, p. 93)

As histórias fabulosas, somadas às histórias de nossos antepassados, se agregam à nossa própria narrativa de vida, afirmando nossa identidade, quem somos e que lugar ocupamos no mundo. Oportunizar que muitas crianças escutem histórias desde a mais tenra idade é contribuir para que elas possam aprender as grandes lições de vida de quem veio antes, é mostrar-lhes o mundo que vai do dito real ao fantástico, permitindo que, daquele momento em diante, contem suas histórias e assim continuem reinventando o mundo.

5.2.2 Aquela mulher tem encantamento ela tem coisas encantadas

A velha senhora sentada num banco da sala. Crianças escutam com fascínio as palavras ditas por ela...

A tia penteia a sobrinha e lhe conta uma história do tempo do era uma vez...

O pai chega com um presente. A filha recebe com alegria. Era um compacto da coleção disquinho...

A menina ouvia tantas vezes a história do seu nascimento. Ela tem certeza que se lembrava de cada detalhe daquele dia...

O menino ouviu tantas histórias de Fadas. Passou a acreditar que sua professora era encantada...

Essas imagens, inspiradas nas entrevistas que realizei com as contadoras de histórias, trazem consigo a relação do ouvinte com o contador de histórias. Uma relação costurada com fios de sensibilidade e afeto no vai e vem de quem conta e de quem escuta. As contadoras de histórias trouxeram essa relação à tona quando falaram sobre suas memórias de infância. E a reafirmaram ao discorrer sobre os sentidos educacionais que atribuem ao ofício do contador de histórias. A arte de contar histórias sensibiliza, cria laços afetivos entre quem conta e quem escuta. Na sala de aula, ela potencializa e estimula a produção de conhecimento, pois abre janelas aos processos cognitivos e imaginários.

Keu Apoema, na sua entrevista, fala do papel da contação de histórias em criar vínculos entre professor e aluno, como se pode ler abaixo:

... agora tem um papel que a contação de história pode exercer num ambiente educacional... eu descobri isso na experiência com adultos... mas... eu acho que com crianças também rola... eu tive algumas experiências que só me confirmaram isso... que a história permite a criação de vínculos afetivos e vínculos de confiança... entre professor e aluno... e se você cria esses vínculos fica muito mais fácil você trabalhar qualquer conteúdo depois... então... a história não necessariamente... ela tem que estar associada a algum conteúdo... a história pode ser contada no início da aula... e pode ser uma história sobre qualquer tema... para depois você então ensinar o que você quiser... esse exercício de narração e escuta... ele primeiro cria

vínculos... vínculos de confiança... ele segundo possibilita essa coisa tão difícil nos dias de hoje que é a escuta... e terceiro ela vai trabalhar a imaginação e a criatividade... uma criança que escuta histórias ela vai ter um Imaginário muito mais aberto... sem qualquer sombra de dúvida (...) (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/10/2016).

Regina Alfaia, falando sobre sua prática de contação de histórias no espaço escolar, destaca, também, a criação de vínculos afetivos entre o contador de histórias e os alunos e entre os próprios alunos que, aos poucos, também vão se formando contadores de histórias.

NOSSA... isso fazia uma enorme diferença... em muitos aspectos... É ENORME A DIFERENÇA... qualificava a minha relação humana com meus alunos... era outro patamar de relação... é até hoje outro patamar... o vínculo que se estabelece... de maneira que os estudantes que não são meus alunos ainda... mas que já me viram contar... porque aí na escola você começa a entrar na sala dos colegas... seus alunos vão contar lá pra eles... as crianças te olham com outro olho... elas buscam... o olho delas te chupam assim... elas querem outra coisa... aquela mulher tem encantamento...ela tem coisas encantadas que ela traz pra mim... (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

Keu Apoema e Regina Alfaia reconhecem, por experiência própria, que a contação de histórias cria vínculos de afeto e confiança entre professor e aluno, facilitando desse modo o processo de ensino e aprendizagem. Sobre esses vínculos, Magalhães (2011) reconhece que: “[...] O trabalho pedagógico implica, necessariamente, numa interação entre pessoas, com sentimentos, afetos e sensibilidades”. (MAGALHÃES, 2011, p. 166). Nessa mesma direção, temos o pensamento de Vygotsky (2000) que coloca o aspecto emocional no mesmo patamar dos demais no que concerne à educação, como se pode ler nas linhas que seguem:

O aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade. O amor pode vir a ser um talento tanto quanto a genialidade, quanto a descoberta do cálculo diferencial (VYGOTSKY, 2000, p.146).

Freitas (1998), com base no pensamento de Vygotsky, afirma que toda emoção se ancora no imaginário. Desse modo, todas as vivências fantásticas e irreais crescem sobre uma base emocional real. Acrescenta ainda que “o sentimento e a fantasia não são dois processos isolados, mas representam, de fato, um mesmo

processo. A fantasia é a expressão central da relação emocional [...]” (FREITAS, 1998, p.152).

A contação de história traz para o ambiente escolar um cenário de encantatória, de alegria e contentamento, que sem sombra de dúvida, favorece o desenvolvimento cognitivo e emocional não só dos estudantes, mas de todos os agentes envolvidos nesse ambiente. Santos (2013) enriquece esse debate, ao dizer que a contação de histórias,

[...] é provocadora de alegria no processo educativo, localizada no cerne de uma educação sustentada pelo afeto e pela sensibilidade, responsável, ao lado das outras artes, pela construção de uma poética dos processos de ensino e aprendizagem. (SANTOS, 2013, p.121).

Não será essa sensibilidade que faz alunos agitados e aparentemente desinteressados no programa escolar, de repente, pararem para escutar? Escuta essa que não termina ao fim da história. A voz do professor parece mudar de valor depois da primeira história que ele conta em sala de aula. As experiências das contadoras de histórias dentro do espaço escolar nos dizem muito sobre os sentidos educativos da contação de histórias.

5.2.3 Em qual livro eu encontro essa história?

Dado a forte presença da cultura escrita na sociedade contemporânea, existe uma necessidade de investimento na formação dos leitores desde a primeira infância. Nesse contexto, os contadores de histórias são também vistos como mediadores fomentadores da leitura. Como já discutido, a arte de contar histórias nasce com a cultura oral, entretanto há, na atualidade, uma relação dessa com o escrito. Os contadores recorrem a textos da tradição oral em versões escritas, quando, também, não contam narrativas autorais. Mas o que pensam sobre o papel da contação de histórias na formação leitora dos seus ouvintes? Duas das contadoras entrevistadas ao falarem sobre os sentidos educacionais da contação de histórias, pontuaram sobre essa questão.

Regina Alfaia, que desenvolve atividades regulares de formação de crianças contadoras de histórias, relata:

... olha o que eu faço... eu procuro... primeiro é numa situação de bastante atribuição de sentido... eu procuro levar coisas bem elevadas... mesmo... porque eles se preocupam em relação se isso compete com os outros conteúdos... mas... olha onde eu ponho... isso vem junto comigo... de maneira que já tá impregnado em mim... eu vou ensinar sobre a origem da terra... Nossa! vou trabalhar com os mitos... os meninos vão aprender escrever contos de assombração... vou começar pelos contos de assombração que eu sei contar que são da tradição oral... vou usar a tradição oral... vou ouvir histórias de contos... até os livros que eles vão ler vão ser livros da tradição oral... ninguém vai achar brecha nisso... ninguém vai achar que estava fora do lugar isso... os filhos levam histórias belíssimas pra contar em casa... histórias muito bonitas... mesmo... de beleza e ninguém vai reclamar contra a beleza... isso eu já percebi... quando a coisa consegue ter solidez... e a outra coisa que acontece... o menino repertoriado desse tanto vai ser um leitor que é uma coisa supervalorizada... (...) eu recebi um e-mail de uma aluna me contando o que é que ela já leu nas férias... os livros que já leu nas férias... é são só livros do universo do maravilhoso... do fantástico... mas são livros incríveis que a menina tá lendo e ela me perguntando... se eu li também... porque essa menina... foi uma das contadoras... os pais estão muito IMPRESSIONADOS com o tipo de leitura que a menina anda fazendo e acuidade dela... e eu dei muitas dicas leitura pra ela... como é uma classe bem abastada... o que ela faz? recebe uma dica... vai lá compra pela internet e logo está com os livros... fica desesperada lendo aquilo... e eu levei alguns e emprestei a ela... quando foi chegando no final do semestre... nos últimos dias de aula... essa menina chegou e falou... Regina... uma das coisas que eu faço... eu faço umas rodas de leitura que eu levo as obras do meu acervo e eles podem tomar emprestado depois eles levam o acervo deles... e claro tem um dia que a gente leva também da biblioteca... são vários modelos... essa menina falou assim Regina sabe uma coisa que eu percebi? eu percebi que você dá dicas de leituras para todo mundo... empresta livros da sua biblioteca... e ninguém dá dicas pra você... por isso eu trouxe aqui... esses livros... eu já li e são muito bons... ela me disse... se você gostar você me avisa. (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

A forma como Regina Alfaia conduz as atividades com os contos leva as crianças a terem curiosidade, desejo de mais narrativas. A procura pelo livro passa a ser espontânea, sem precisar da insistência do adulto. As rodas de contação acontecem mescladas com as rodas de leitura; oralidade e escrita se complementam em sala de aula. Esse relato de Regina Alfaia me remete ao estágio docente que cumpro na Faculdade de Educação com a profa. Dra. Lícia Beltrão. A mesma exortava à turma a importância de o professor trabalhar com a ideia de abundância, não de escassez, se referindo às aulas de Língua Portuguesa que precisam ser regadas com oralidade, escrita, contação de histórias, leituras, livro digital, livro impresso... O professor não precisa escolher entre uma coisa e outra,

pode trabalhar com amplo acervo que represente a língua na bimodalidade, sem deixar à margem, a linguagem imagética, a sonora, por exemplo. Essa generosidade no ato de ensinar gera resultados como esse que a Regina Alfaia descreve no final da sua fala, relativa a uma menina de 10 anos que se solidarizou com ela a ponto de lhe disponibilizar livros.

Regina Campana, contadora de histórias e professora, também, fala das suas impressões que envolvem esse tema,

... e sabe o que é o gostoso do livro? é quando você tá ouvindo a história... e o raciocínio que você faz... será que esse é o pai mesmo? numa história... será que ele é o pai mesmo dessa criança... esse julgamento... esse pré-julgamento... que você faz na hora que você tá lendo... então, ser o autor nas entrelinhas... é muito bacana você ser autor nas entrelinhas... você ficar imaginando o que poderá vir... você também ser um coautor... isso que é o bacana mesmo... quem fala uma frase dessas acho que é a Ana Maria Machado... e nessas entrelinhas você fica racionando... será que eles vão viajar de novo? ou não? quem será que matou? que susto... que coisa...é isso que é o bacana da boa literatura... isso que é o bonito. (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

Concordando com essa relação, contação de história e formação de leitor, foi que Ana Claudia Ramos (2011) desenvolveu a pesquisa de Mestrado intitulada *Contação de histórias: um caminho para a formação de leitores?* Universidade Estadual de Londrina, que objetivou verificar alguns efeitos das narrativas orais para a formação de alunos-leitores do 2º ano do Ensino Fundamental. Segundo a autora, com a pesquisa, foi possível “demonstrar a contação de histórias como mais uma estratégia fundamental na formação do leitor garantindo-se, com isso, o enriquecimento do processo educacional sob uma perspectiva que valoriza a constituição de sujeitos críticos e reflexivos.” (RAMOS, 2011. p. 09)

Duvidar da narrativa, do que se ouve e do que se lê, é agir de forma crítica e reflexiva. Regina Alfaia traz um exemplo de uma criança que mostrou tal atitude, como se lê abaixo:

... é o que faz... por exemplo... uma criança que me conhece lá do terceiro ano... eu dou aula no quinto... a criança lá do terceiro... ai ela passa... ei... ei... ei... a Ana Valéria que era uma contadora de história da biblioteca... a Ana Valéria contou a história do sapo (...) mas é diferente... o fulano morria... da onde é a sua versão? olha a qualidade da pergunta da menina... e eu falava... por que você quer saber? porque é muito diferente da dela... eu queria saber em qual livro que tá... ou você terminar uma história... acabar de contar e levanta uma criança correndo que não é tua aluna e fala... em qual

livro eu encontro histórias... desse tipo que você contou que são histórias muito diferentes.... você me diz? e ela ia anotar e ser aquele aluno que segundo a professora não gosta de ler... não tem interesse por isso... era uma pergunta muito sofisticada né? (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

Ambas contadoras e professoras da educação básica, Regina Alfaia e Regina Campana, relatam experiências com a contação de histórias e a formação de leitor. O papel duplo de professora e contadora reforça a abordagem que elas dão à mediação de leitura, uma vez que são diretamente responsabilizadas por isso. Entretanto, observei que Regina Alfaia, quando fala de contação de histórias, fala de um lugar de práticas de oralidade com os contos tradicionais, mitos e lendas. Ao passo que Regina Campana traz uma experiência mais voltada para textos autorais e para o livro, como materialidade e suporte.

eu uso os dois... eu leio... eu conto... uso o popular e a literatura... por exemplo... se eu chegar e contar para as crianças um conto popular... eles não vão ao livro... só se eu mostrar o livro de onde eu tirei o conto popular, né? aí... posso mostrar o livro de onde eu tirei aquele conto... mas se eu chegar aqui e contar... esse aqui... ((recorre a um livro na mesa)) Tatu balão... este menino vai pegar o livro... vai revirar o livro... ele vai pegar o livro... vai querer levar pra casa... então eu vejo que a formação do leitor... aqui... é mais imediata. (...) eu não sei chegar mais hoje em dia... que é uma coisa que eu já fiz... eu não sei pegar um livro e fazer o reconto dele... sem não vir ao texto em nenhum momento... então quando... eu dava lá no colégio com um livro maior... eu tomava esse cuidado... lia um fragmento do livro... recontava o outro... ia e voltava (...) (REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

Sua prática nos remete ao que diz Harasawa (2004) sobre o papel do mediador de leitura; para ele, o mediador se dispõe a dividir com as crianças o prazer de ler, de conhecer e de descobrir o que os livros têm a oferecer. O mediador aproxima livro à criança, como afirma o autor “deixando-a fazer suas escolhas, lendo o texto e mostrando as ilustrações, ouvindo atentamente, respondendo às perguntas, observando e respeitando suas reações.” (HARASAWA, 2004, p.40). Essa associação da contação de história com a mediação de leitura é defendida por muitos estudiosos, a exemplo de Eliana Yunes (2014) e Abramovich (2003). Para Eliana Yunes a formação do leitor passa,

[...] pelo contato amoroso e prazeroso do ler-com; do contar e ouvir, olhos nos olhos, hálito como alento, coisa que as mães e avós souberam usar à noite, ao pé da cama, ou os peregrinos, ao pé do fogo, para criar laços e simpatias, entre eles mesmos e para com outros, à distância em lembrança. Assim as narrativas

sobreviveram para serem escritas. E recontadas. (YUNES, 2014, p.11)

Defensora da contação de histórias no processo formativo do leitor, Yunes (2014) acredita que esta é um meio eficaz de aproximar o sujeito à literatura. Desse modo, ela destaca que a contação “[...] passa a ser uma arma poderosa em favor da disseminação da literatura e uma provocação com gosto de ‘quero-mais’, a contação de histórias, tal como se oferece de imediato à fruição do público”. (YUNES, 2014, p.12). Abramovich (2003) concorda com Yunes (2014) na medida em que analisa as implicações da contação de histórias para a formação do leitor ainda na infância. Para ela:

[...] é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo... (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

Concordo com as referências citadas que a contação de história contribui para a formação leitora do indivíduo, pois é através dela que a maioria das pessoas tem seu primeiro contato com as histórias ficcionais, com a estrutura narrativa e com a literatura. E esse contato pode ser inspirador para aguçar a curiosidade do ouvinte/leitor para as histórias que estão nos livros.

5.2.4 A gente acha estranho porque não é da nossa cultura

No final do século XX, segundo Hall (2005), “As sociedades sofrem uma mudança estrutural que se irradia nas transformações das ‘paisagens culturais’, antes sólidas e estáveis, como o gênero, a sexualidade, a etnia, a raça e a nacionalidade.” (HALL, 2005, p. 28). Tais transformações geram uma infinidade de interações e de interferências, influenciando a formação cultural das pessoas, na contemporaneidade, reafirmando velhos e novos conflitos socioculturais que precisam ser mediados. As entrevistas nos deram indícios de que a contação de histórias funciona na mediação de tais conflitos.

Regina Alfaia traz dois exemplos que nos fizeram pensar sobre essa potencialidade da contação de histórias de mediar conflitos,

(...) eu lembro de uma situação que aconteceu uns 3 anos atrás... eu tinha lido muitos mitos de origem do surgimento do mundo... do

homem na terra... antes de chegar nas tais teoria do Big Bang... dessas coisas... um menino chegou na sala de aula e falou... teacher... é uma escola bilíngue... teacher eu criei um mito... eu falei nossa é mesmo? aí tem sempre aquelas sabidinhas... tinha nessa época uma menina... uma menina muito sabida... que nasceu com 35 anos só foi aumentando a idade... Isso é impossível de você ter criado um mito... você não criou um mito... como não? você não pode ter criado um mito... ele ficou indignado... explica para ele... você é um menino sozinho jamais poderia ter criado um mito... eu não falei... mas pensei... já vai ela com aquelas explicações antropológicas... sociológicas... mas eu tinha que insistir ... explica pra ele porque você pensa isso... você jamais pode ter criado um mito... porque quem criou os mitos foram os deuses... foram os deuses que escreveram os mitos... aí... o menino... ah tá... eu escrevi uma história muito parecida com o mito... Ah sim... é possível... pode ler... e quando ele leu... era muito parecido com um mito.

[...]eles foram contar para uma turma de quarto ano... uma história indígena...uma criança perguntou... levantou a mão... vocês não acham estranho? uma mulher virar macaco? não é estranho isso? e uma menina que tava contando... levantou a mão... eu respondo... a gente acha estranho porque não é da nossa cultura... a gente não está acostumado com isso... mas isso é muito comum na cultura indígena... só não acontece na nossa porque é outra... aí o outro olhou e disse... isso não acontece em cultura nenhuma... as pessoas não viram coisas... ela falou... viram...viram sim... mas a gente não sabe que vira porque a gente não vive no mundo em que vira ... a menina dizia isso para ele... mas ela dizia com uma segurança... com uma segurança que o outro olhava assim... ah... eu não sabia... eu achava que não virava... aí ela responde não vira porque na nosso cultura a gente aprendeu que era diferente... aí o outro vira e fala... é a gente aprendeu que surgiu o mundo de Adão e Eva... então é outra coisa que aconteceu no nosso (...) (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em13/07/2016)

Mais uma vez, a capacidade das histórias das de sensibilizar aparece nesses relatos, desta vez sensibilizar para a cultura do outro, que não é nossa. Acreditar na possibilidade da existência de um mito, como uma narrativa criada por deuses, é, de certa forma, aceitar a diversidade religiosa, a existência do outro. Isto ficou nítido no primeiro exemplo e foi confirmado no segundo, onde um conflito de ordem cultural e religioso é instaurado depois de uma contação de histórias e por meio dela o conflito é enfrentado. *A gente estranha porque não é da nossa cultura, afirmação de um aluno*, que também reconhece que na nossa cultura o mundo surgiu de Adão e Eva, então por que na cultura do outro as pessoas não podem virar macaco? O que tornam meus mitos mais verdadeiros do que o dos outros? Esses são questionamentos, implicitamente, levantados por estas crianças. A contação de histórias, nestes casos, funcionou como mediadora de conflitos.

Keu Apoema também nos levou a pensar nessa questão, a partir dos dois relatos abaixo,

... eu me lembro que uma vez eu peguei uma turma de empreendedorismo social... em que fui chamada pra substituir o facilitador(...) só que a turma já tinha criado um laço afetivo com aquele outro facilitador... e aí eu cheguei pra trabalhar e eu... percebendo aquele negócio atravancado... aquele negócio que não rendia... e durou um dia... no segundo dia eu resolvi contar O Homem Sem Sorte... que é um conto muito conhecido... tá no livro da Gislayne... quando eu contei O Homem Sem Sorte... foi uma coisa assim... IMPRESSIONANTE... foi de fato abrir uma porta... porque dali em diante o grupo se entregou pra mim [...]

[...] eu me lembro que uma vez eu tava no estágio supervisionado com a Dinéia... eu tava acompanhando os alunos dela... e acompanhei uma dupla de alunos... de meninas para dar aula no colégio à tarde(...) elas eram menininhas com a voz calminha e tal... e esses meninos começaram a pintar o sete na sala...eles começaram a pular nas cadeiras... foi uma loucura...até que elas pediram socorro... e aí eu resolvi contar João Jiló... quando eu contei... foi tão impressionante... eu lembro que tinha um menino que estava correndo... correndo e correndo... ELE PAROU... assim em posição de corrida... ele parou e aí ele escutou a história... no final todo mundo tava em minha volta... escutando histórias e pedindo mais... (KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/10/2016)

Keu Apoema traz dois exemplos que aconteceram na sala de aula, o primeiro com adultos, o segundo com adolescentes. Nos dois casos existe uma não aceitação do professor pelos alunos, um que está no papel do substituto e outro no papel do estagiário. Essa não aceitação cria uma barreira que impossibilita o professor de fazer o que lhe compete, viabilizar o processo de ensino-aprendizagem, eis aí um conflito instaurado que, em ambos os exemplos, foi solucionado a partir de uma contação de histórias.

Encontramos em Nkama (2012) valiosas informações sobre mediação de conflitos e contação de histórias, quando fala sobre sua experiência como mediador intercultural e contador de histórias, mostrando as semelhanças entre as duas profissões. Sobre essa semelhança ele, inclusive, enfatiza que continuou a mediar conflitos através da contação de histórias, mesmo depois de deixar oficialmente tal função. Para ele, tanto a mediação como a contação de histórias servem de ponte entre pessoas, comunidades e culturas, promovendo o diálogo e formando vínculos entre elas. Sobre a capacidade da contação de histórias de mediar conflitos, ele salienta:

Em minha humilde opinião, fundamentada em diversas experiências e em cenas cheias de ternura e de simpatia, não há nenhuma outra atividade humana, como a arte de contar histórias, capaz de criar vínculos tão estreitos [...] Como tratam de emoções, os contos têm a capacidade de falar de emoções como o medo e o ódio. Às vezes, algumas escolas me pedem um repertório de “contos para a paz”, para comemorar o dia mundial da paz [...]. Eu sempre explico para meus interlocutores que todos os contos são bons para a paz. O simples fato de sentar-se para ouvi-los é uma forma de dialogar. Não há contos para a paz: O conto em si é a paz. (NKAMA, 2012, p.258-259)

A experiência das contadoras, Regina Alfaia e Keu Apoema, que encontra eco nas palavras de Nkama, reafirma a capacidade intrínseca da contação de histórias de sensibilizar e criar vínculos, o que torna esta arte um caminho para mediar conflitos. Sem dúvida, a escuta das histórias coloca o indivíduo, de forma sutil, em contato com o que lhe é divergente, traz amostras de conflitos do mundo inteiro, constrói pontes entre o novo e o velho, entre o público e o privado, ou seja, cria vínculo entre os diferentes, e, ao fazê-lo, contribui para resolução de conflitos promovendo, desta forma, a cultura de paz.

Em fios puxados do grande novelo, a memória, vovó Cici, Regina Campana, Regina Alfaia, Keu Apoema e Danielle Andrade teceram experiências que marcaram o percurso de cada uma como contadora de histórias. Por meio dessas experiências, atribuíram sentidos educacionais à contação de histórias na contemporaneidade, evidenciaram, dessa forma, que a contação de histórias educa pelas experiências vividas por pessoas de épocas e culturas diferentes, como pela sensibilidade, na mesma medida em que cria vínculos afetivos. Demonstraram também que contando histórias, se forma o leitor, não qualquer leitor, mas o leitor crítico, sensível e reflexivo, capaz de ler nas entrelinhas, capaz de ler o mundo. Soma-se esse bordado de sentidos à potencialidade da contação de histórias de mediar conflitos de ordem cultural e social. Tais sentidos atribuídos pelas entrevistadas, reforçam o pensamento de Matos (2005) que a educação que, de fato, importa à contação de histórias é a educação que serve à vida, ao que acrescentamos, é a educação que forma o ser humano na sua complexidade.

6. ARREIMATE DO TAPETE EM MANIFESTAÇÃO VERBAL

O ritual encantatório do movimento das agulhas sobre os tecidos, impingindo furos aos panos, o puxar das linhas, o enrolar e o desenrolar dos fios nos carretéis, o desfiar, o fazer e o desfazer de nós dos arremates e acabamentos, o apurar dos olhos para aprumar as bordaduras sincronizam-se com o fluir da narrativa, suas pausas, seus silêncios, seus suspenses, seus avanços, suas repetições, uma atividade regulando e encadeando a outra, através dos estreitos laços que os unem.(COUTINHO 2014,p.54)

No *movimento final das agulhas para o arremate* de meu tapete, peço licença a um grupo de mulheres tecelãs da palavra, que me ensinaram e ainda me ensinam sua arte, para me assentar com elas em uma grande roda. A ousadia do pedido se deve ao fato de que me sinto, junto a elas, como uma pequena aprendiz, acolhida e cuidada pela voz da experiência, materializada em histórias, num grande círculo atemporal de ritual encantado.

Como não poderia ser diferente, essa roda tem cordão umbilical – abre-se com a voz e a aptidão de minha mãe – seus causos e seus tapetes de retalhos. Que saudade mãe, daquele tempo em que você e Dona Nega se revezavam nos causos e nos ajustes dos fuxicos. Saudade e pena da dureza de vida que vocês tiveram, num sertão, sem luz elétrica, sem água encanada, onde o medo do lobisomem e de alma penada é tão real quanto o medo da seca, o medo de perder um filho na primeira infância.

Junto de minha mãe se assentam as sibilas, contadoras de histórias da mitologia greco-romana. À semelhança de minha mãe que escolhe e separa retalhos, as sibilas separam suas ervas, e para cada uma delas reserva uma história, contos de *era uma vez* ou histórias de milhares de mulheres mortas por conhecerem o poder contido na natureza, na terra, nas plantas e, por contarem histórias. Mas, se muitas morreram por contar histórias ou tagarelar, outras foram salvas pelo mesmo ato. Isso é o que nos conta Sherazade, a contadora de histórias que salvou dezenas de mulheres com a sua capacidade de encantar com as narrativas. Sherazade tem o apoio de Luciene Santos, que não duvida da veracidade das histórias das mil e uma noites, *aconteceram sim, se não foi do jeito*

que está lá, foi de um jeito parecido; claro que uma vez ou outra, ela desconfia, afinal ela é uma Emília.

Tia Nastácia, a fazedora da Emília lobatiana, acomoda-se na roda fazendo uma nova boneca de pano para atrair Keu Apoema para seu lado e começa seu rosário de contos populares com a história da *Princesa Cara de Pau...* Encantada com a doçura da voz de tia Nastácia, Keu deita a cabeça em seu colo e, também com doçura, apresenta a versão que ela escutou de Romilse, sua primeira contadora de histórias. Dona Benta, representante da contação erudita que sabe muito sobre tudo, louvou a riqueza e diversidade de versões dos contos populares, das histórias saídas da boca do nosso povo e, sem interrupção, desfia histórias dos clássicos da literatura universal, começando com a sua versão do Dom Quixote De La Mancha. Luciene Santos, nossa Emília, segreda ao meu ouvido: *essas histórias são do povo também.*

Dona Benta, tem como companhia nesta grande roda, Santa Ana, avó de Jesus, que veio de longe, com um pergaminho na mão, para sentar-se ao lado de Betty Coelho, contadora do nosso tempo. Betty, toda à vontade e do jeito que gosta, conta suas histórias com e sem livros. Como é versátil essa prima de uma de minhas mestras, professora Lícia Beltrão.

A diversidade de vozes acontece na nossa grande roda de contação, não importa a qual mundo pertencem, se ao real ou ao fictício, época, formação escolar, nada disso importa, Cecília, Luzia Tereza, Mamãe Ganso, Clarisse, o que importa é que todas contam histórias.

Agora, lugar de destaque ocupam cinco mulheres que foram convidadas a falar de suas experiências como contadoras de histórias no chamado mundo contemporâneo. As contadoras de outras épocas – as Sibilas, Dona Benta, Sherazade, Mamãe Ganso, Santa Ana – querem saber como é contar histórias nesse novo mundo, como são formados os atuais contadores de histórias. Por outro lado, contadoras de histórias contemporâneas, Regina Machado, Cléo Busatto, Gislayne Matos, Luciene Santos, Mary Arapiraca, essas que também pesquisam sobre o seu ofício... estão de ouvido atento para conhecer as vivências dessas mulheres para identificar aproximações e distanciamentos de suas experiências e pesquisas.

Vovó Cici abre o círculo, talvez por ser a mais velha das cinco, e começa por contar suas memórias de infância, de filha mais velha que cuidava e acalentava os irmãos. Sua sapiência acerca da mitologia dos orixás e seu jeito manso de contar, que lembra as contadoras tradicionais, deslumbram a todas as mulheres da roda. Apenas tia Nastácia resmunga: *isso é o que chamam de contemporâneo? Parece minha vó contando.* Mary Arapiraca que se aboletou próximo às duas contadoras lobatianas, pela intimidade que com elas mantém, lhe responde: *ah, querida, hoje a gente caminha de lá para cá e de cá para lá bem mais do que você possa imaginar. E você é uma de nossas grandes mestras.* Percebendo o que se passava entre Mary e tia Nastácia, Gislayne Matos completa: *o repertório favorito das contadoras de histórias continua sendo os contos tradicionais, os mitos, as lendas...* ao que Vovó Cici reforça: *meus netinhos, minhas crianças, aprendem muito com essas antigas histórias. Quando chegam um lá pedindo conselho, eu conto uma história.*

Da beleza da tradição eu não duvido, assim começa Daniella Andrade, ao contar a sua história, de família de muitos filhos, mãe guerreira, pai ausente. Da mãe Danielle herdou o amor pela palavra escrita, da tia herdou a capacidade de inventar histórias, assim se tornou uma contadora inventora de histórias. Meio envergonhada ela fala: *as histórias que vocês me contaram são lindas, vou contá-las também, mas tem uma coisa, assim, que quero dizer do meu jeitinho, vocês entendem, né?* Algumas pensam: *será?* Mas o olhar da maioria é de cumplicidade. Cada contadora trilha o seu caminho, *Danielle, não se preocupe, como você tem muitas outras contadoras que preferem contar histórias autorais, seja de sua autoria ou de terceiros, coisas de contadoras urbanas,* apoia Cléo Busatto. *Quando eu conto histórias, eu primeiro ensino para os meninos sobre o mundo que foi criado antes deles, depois eu convido todos a reinventar o mundo,* afirma Danielle, olhando para Keu como que passando a ponta do novelo.

Com voz baixinha, Keu se lembra de Romilse, que lhe contava três histórias da tradição oral. E num tom de recordação vai narrando sua formação com Gislayne, os caminhos que a levaram a não só contar, mas também a pesquisar sobre o ofício do contador de histórias... Olhando para cada contadora presente ela diz: *gente essa roda é uma demonstração de como a contação de histórias tem a capacidade de criar vínculos afetivos.*

E de sensibilizar, continua Regina Alfaia, que ainda preserva o olhar de menina criada de pés descalços em beira de rio, no interior da Amazônia. Enquanto borda sua toalhinha, Regina descreve como desenvolve a oralidade em sala de aula, como ensina para crianças de classe média alta sobre a riqueza de gente de todos os cantos do mundo, do caipira, do índio, do negro, do europeu... *É na contação de histórias que meus meninos e meninas, aprendem que na cultura do outro acontecem coisas que não acontecem na nossa...*

“Meninas”, diz Mary Arapiraca, *isso que vocês estão falando, criar vínculos, sensibilizar... foram pontos que também se destacaram durante a disciplina, Vamos contar outra vez? Oficina de Contação de Histórias, que oficinei com Luciene Santos... E que oficinação, minha orientadora linda*, diz Luciene Santos. Empolgada com a *dialogação* das duas oficineiras, Regina Campana confirma que o mesmo ocorreu com ela e Lícia Beltrão no Colégio São Paulo.

Sete anos só como contadora de histórias... relembra Regina Campana, a contadora que faltava para encerrar o ciclo das cinco, iniciado por vovó Cici. Regina Campana fala sobre suas experiências de mãe que queria aprender a contar histórias para os filhos, mas que logo ampliou seu público ouvinte. Ao longo da sua narrativa, expressa seu amor pelo o livro como objeto mágico: *ah o livro... tem coisa mais gostosa do que ir folheando um livro? Criando a história com o autor...* Sem medo de ser feliz, Regina Campana assume: *conto sem o livro, mas conto com o livro também. Eu também conto com livro*, apoia Fanny Abramovich. *Sim, a contação de histórias é um caminho para formação do leitor*, complementa Eliana Yunes. Percebo que esse tema causa um comichão na roda, nem todas estão de acordo. Lícia Beltrão acalma os ânimos com suas sábias palavras: *meninas, não vamos excluir, vamos incluir ler contar, contar e ler fazem parte do cesto de narrativas...*

A roda segue na sua circularidade. São muitas mulheres com muitas histórias para contar... No papel de menina aprendiz vou observando e colhendo o que posso para arrematar meu tapete. E as respostas à questão – que sentidos educacionais contadoras contemporâneas de história atribuem ao seu ofício, que impulsionou o fazimento do tapete aparecem sem seguir uma ordem simples nem linear. E como poderia ser de outro modo, tratando-se de uma roda de sábias contadoras que não economizam palavras para narrar suas experiências atravessadas por dezenas de histórias que compõem seus repertório.

Mas meu caro leitor, não acredito que você possa imaginar o frio que me deu na barriga quando, de repente, não mais que de repente, o olhar de todas se dirigiu para mim, e, em uníssono, me perguntam: *Você menina-mulher o que tem a nos dizer? Qual a reverberação do seu tapete em você mesma?* Tomada pelo susto e a licença e a bênção de todas, finalizei meu tapete assim dizendo: A primeira palavra é gratidão, sou muito grata a todas vocês que disponibilizaram suas pesquisas, suas histórias e seu tempo para me apoiarem na costura deste tapete de palavras.

Vocês representam gerações de contadoras de histórias, começando pela figura da mãe, talvez a mais conhecida representação de contadora de histórias. As amas-de-leite, babá, empregadas domésticas, que perpetuaram os contos da tradição oral dentro do seio de famílias letradas. A avó com a generosidade de contar histórias repetidas vezes para seus netos. A professora que conta e encanta seu ensino de línguas, culturas e conteúdos específicos. E a contadora de histórias profissional, aquela que escolheu a contação de histórias como ofício, que corre atrás de cursos de formação, de atualização, que busca diferentes modos de narrar.

Por meio de suas pesquisas, publicações e experiências, foi possível situar, historicamente, a nossa relação com a contação de histórias, que não está separada dos papéis sociais, que nos foram delegados: educar e cuidar. Relação essa, que em tempos contemporâneos, sai da extensão privada, do seio familiar, e se estende, também, aos espaços públicos. O certo é que continuamos educando e cuidando daqueles que passam por nós, como ouvintes, mas de uma forma própria das artes que estimulam, formam e criam relações afetivas espontaneamente. Junto a vocês pude entender que o movimento da mulher com a arte de contar histórias parte de nós mesmas, queremos contar, gostamos de contar, muitas vezes, tivemos que lutar contra as tentativas de silenciamento. Dessa forma, os sentidos educacionais da arte de contar histórias são circulares e não atingem, num movimento retilíneo, apenas o público-alvo, somos nós as primeiras afetadas por esses sentidos.

Por meio das experiências das cinco contadoras contemporâneas de histórias, convidadas para atribuir sentidos educacionais à contação de histórias, ficou evidente que a educação é intrínseca à contação de histórias, e são muitos os sentidos que lhe podem ser atribuídos. Tentei impregnar meu tapete com os sentidos que me foram mais audíveis pela repetição. Foram eles: a experiência de

aprender pelo e com o exemplo do outro; a educação pela sensibilidade e a criação de laços afetivos, formação do leitor e mediação de conflitos.

E a experiência desta roda me induz a acreditar que a contação de histórias é um círculo , com cirandas e mandalas, num movimento de formação que circula em direção a todos, *contantes* e *escutantes*, com seus papéis distintos, mas que se alternam no ensinar e no aprender. Um círculo em que se apresenta conteúdos relevantes, em que os números se deixam inundar de conflitos e afetos, em que a literatura se apresenta como arte da palavra, onde as geografias são mais humanas que físicas e a atemporalidade dos sentimentos humanos, que as histórias demonstram, possam semear alguma esperança de uma humanidade ainda possível.

.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- AMORIM, M. **Memória do objeto: uma transposição bakhtiniana e algumas questões para a educação**. São Paulo, 2009.
- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2009.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BERGSON, H. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise nos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BOSI, E. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CALVINO, Í. **Fábulas italianas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CANDAU, J. **Memória e identidades: do indivíduo às retóricas holistas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CASCUDO, L. C. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- CARVALHO, M. S. de; CARVALHO, J. M. de; CARVALHO, A. E. de. (Org.). **Histórias que a Cecília contava**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- COLEMAN, K.S. **Matriarchy and Myth. Religion**, N° 31 (2001), p. 247-263.
- CORDEIRO, J. F. O.; ALMEIDA, J. M. de. Memória e repetição: uma aproximação entre Mikhail Bakhtin e Sören kierkegaard. In: XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO. **Anais...** Vol. 11, No 1.2015.p. 881-895.
- COUTINHO, M. A. R. **O Itinerário de Betty Coelho: histórias que correm no corpo**. Salvador: EDUFBA, 2014.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

FREITAS, M. T. de A. **O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil**. Campinas: Papirus, 1998.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia**. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

GENOUVRIER, P. J. **Linguística e ensino do Português**. Coimbra: Almedina, 1974.

GREGÓRIO FILHO, F. Chegando assim... para contar uma chegada com uma "chamada". In: MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M. B.; MORAES, T. M. R. (org.). **Contar histórias**: uns passarão e outros passarinhos. Joinville: Editora Univille, 2015.

HAMPÂTÉ BÁ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J (Ed.). **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARASAWA, E. **Biblioteca viva**: fazendo história com livros e leituras. São Paulo: Fundação Abrinq. 2004.

GRIMM, J.; GRIMM, W. **O príncipe sapo e outras histórias**. Porto Alegre: L&PM 2008.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LOBATO, M. **Serões de Dona Benta**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

_____ **Histórias de Tia Nastácia**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MACHADO, A. M. **Ponto a ponto**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.

MACHADO, R. **Acordais**: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias. São Paulo: DCL, 2004.

MAGALHÃES, S. M. O. Afetar e sensibilizar na educação: uma proposta transdisciplinar. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 163-181, jan. 2011.

MATOS, G. A; **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MURARO, R. M.; BOFF, L. **Feminino e masculino**: uma nova consciência para o encontro das diferenças. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NKAMA, B. O. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade. In: MORAES, F.; GOMES, L. (Orgs.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papius, 1998.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1996.

PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

PRANDI, R, **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC; 2005.

PRETI, D (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1999.

RAMOS, A. C. **Contação de histórias**: um caminho para formação de leitores? 2011. 133.f: Dissertação (Mestrado) - Centro de educação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RIBEIRO, K. C.. **Contação de histórias seguindo o curso das águas**. 2013. 1 CD-ROM. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SABINO, F. **O menino no espelho**. Rio de Janeiro. Record, 2003.

SANTOS, L. S. **A Emília que mora em cada um de nós: a constituição do professor-contador de histórias**. 2013 164 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SCHÖN, D. A. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SISTO, C. Contar histórias: as poéticas de um narrador. In. MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M.B.; MORAES, T. M. R.(org.). **Contar histórias**: uns passarão e outros passarinhos. Joinville: Editora Univille, 2015, p. 150-155.

_____. Contar histórias, uma arte maior. In. MEDEIROS, F. H. N.; VEIGA, M.B.; MORAES, T. M. R.(org.). **Contar histórias**: uns passarão e outros passarinhos. Joinville: Editora Univille 2007, p. 39-41.

TODOROV, T. **A literatura em perigo..** Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VANSINA, J. A Tradição Oral e sua Metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Ed.) **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.** 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

VERGER, P. F. **Orixás.** Salvador: Corrupio, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo, Editora Martins Fontes. 2000.

WARNER, M. **Da fera à loira:** sobre contos de fadas e seus narradores. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

YUNES, E. É contando que se dá a ler. **Letras em Revista.** Teresina, v. 05, n. 02, jul., 2014.

ZUMTHOR, P. **A letra e a voz:** a 'literatura' medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO TEMÁTICO PARA AS ENTREVISTAS

1. Infância – memórias de contação de histórias
2. Quando e como se descobre contadora de histórias
3. Como tem se formado contadora de histórias
4. Sentidos educacionais que atribui ao seu ofício de contadora

APÊNDICE B - Normas para transcrição

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras	()	eu trabalhei pelo () durante 2 anos
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	mas era o carinho a (quentura) do pai
Entonação enfática	letras maiúsculas	eu me tornei leitora MESMO... VORAZ...
Interrogação	?	quer ser contadora de histórias?
Qualquer pausa	...	literatura... contação de histórias...
Desvio temático	- -	como mãe e eu tomei a benção a eles... então... ninguém aqui me deu esse valor... - - eu deixei na minha casa um livro que conto histórias da cultura afro brasileira...
Citações literárias e leituras durante a gravação	“ ”	eu escrevi uma história... que era “Maria dos Remédios a Desalmada...”
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) quando veio o festival de São João del-rei tinha uma oficina de contação de histórias...
Iniciais maiúsculas para nomes próprios ou siglas		eu sou de Curitiba...
Números por extenso		durante sete anos...
Não usar os sinais	. : ; !	
Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.		Burkina Faso...
Comentários descritivos do transcritor.		((aponta para uma pulseira que está usando))
Fáticos		Ah... tá...

PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 7 ed. São Paulo: Humanitas, 2010 – (Projetos paralelos: v.1).

ANEXOS

ANEXO A - La Loba

Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali pessoas que se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo. Ela é circunspecta, quase sempre cabeluda e invariavelmente gorda, e demonstra especialmente querer evitar a maioria das pessoas. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos. Dizem que ela vive entre os declives de granito decomposto no território dos índios tarahumara. Dizem que está enterrada na periferia de Phoenix perto de um poço. Dizem que foi vista viajando para o sul, para o Monte Alban num carro incendiado com a janela traseira arrancada. Dizem que fica parada na estrada perto de El Paso, que pega carona aleatoriamente com caminhoneiros até Morelia, México, ou que foi vista indo para a feira acima de Oaxaca, com galhos de lenha de estranhos formatos nas costas. Ela é conhecida por muitos nomes: *La Huesera*, a Mulher dos Ossos; *La Trapera*, a Trapeira; e *La Loba*, a Mulher-lobo. O único trabalho de *La Loba* é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos. Ela se arrasta sorrateira e esquadrinha as *montañas* e os *arroyos*, leitos secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar. Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. *La Loba* canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desgrenhado. *La Loba* canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. E *La Loba* ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro. Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela

incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte. Por isso, diz-se que, se você estiver perambulando pelo deserto, por volta do pôr-do-sol, e quem sabe esteja um pouco perdido, cansado, sem dúvida você tem sorte, porque *La Loba* pode simpatizar com você e lhe ensinar algo — algo da alma.

Fonte: ESTÉS, C.P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p.23-24

ANEXO B - Entrevista: Danielle Andrade

Memórias de infância

eu acho que eu começo a contar histórias por uma questão de ter um amor pelas palavras... mesmo... que foi uma coisa que minha mãe me ensinou... a minha mãe tinha muito amor pelos livros... minha mãe lia muito pra gente... minha mãe não teve uma educação formal né? ela só conseguiu terminar o segundo grau quando ela já tava mais velha ... e fazer enfermagem quando eu já tinha até nascido ou ia nascer... ela já tinha 30 anos e depois quando eu já era adolescente... minha mãe voltou a estudar de novo...

então minha mãe... ela não teve uma educação formal muito rica... assim né? mas... ela tinha o amor pelos livros... que ela já trazia do nosso bisavô... que gostava muito de livros... então ela contava várias histórias de quando ela era criança... ela pegava livros e lia... e que depois ela foi morar na casa do outro... e tinha que ler escondido... porque o outro avô achava que as meninas não poderiam ler... mas o primeiro... o pai da mãe dela... ele gostava muito de livros também... e a minha mãe ela tava um valor muito grande assim pra leitura... não para a leitura só... mas pro livro mesmo sabe? pro objeto... ela pegava livros na rua... levava para casa... ela colava os livros... ela nunca botava um livro no lixo... não importava do que fosse aquele livro... se ela não queria ela doava numa escola... se ela pegava um livro com alguém... ela fazia doação em biblioteca... então ela tinha esse valor... mas não era esse valor que a gente vê hoje... que a gente fala assim... olha ler é bom... ler é importante...tem que ler... não era isso... o valor que ela tinha... era um valor emocional... assim... ela amava muito aquilo... então é bom... primeiro... que quando eu nasci minha mãe queria me botar o nome de Sonali ou Majorie... que era o nome de duas escritoras... ela queria que eu fosse escritora... daí eu tenho esse nome... porque meu pai... ele tinha feito um trato com a tia dele que como eles eram muito amigos e se gostavam muito... que o primeiro filho ou filha deles teriam o nome igual... aí eu tinha minha prima Danielle... que eu acho que é 8 meses mais velha que eu... aí eu tive que me chamar Danielle... mas se não eu teria dito nome de autora de best-seller... que era o que minha mãe queria... aí... eu acho que vem assim desse amor pela palavra né porque quando os pais ()... eu acho que as crianças de uma certa forma tentam agradar os pais... como a minha mãe gostava

muito de ler... eu também achava aquilo importante... comecei a achar e gostava das coisas que ela lia... e minha mãe tinha umas coisas que lia... sabe? declamava poesia dentro de casa... aí chegava com jornal da rua com aqueles acrósticos... sabe? e ficava declamando e pegava poesia que ela não conhecia e lia pra gente e contava histórias, lia né? muito e ela não tinha essa relação com poesia que a gente tem... por exemplo... minha mãe ela pegava uma poesia do Drummond... ela mudava o que ela não gostava... se ela queria te mandar uma poesia de aniversário... ela pegava uma poesia clássica... sei lá... “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”... ela botava outra coisa... então era uma relação totalmente íntima aquilo... ali era dela também... sabe? e na minha casa... eu acho que eu só a que mais gosta de ler... mas todos os meus irmãos gostam e têm respeito... na nossa casa tinha uma biblioteca pequenininha... que era uma coisa... a gente era pobre... mas tinha biblioteca... que na verdade... era uma estante com livros... mas a minha mãe tinha essa importância... então acho que vem muito daí... e acho que principalmente daí... porque eu sempre tive quando eu era criança... eu declamava poesia na igreja... EU GOSTAVA... eu ia na igreja eu gostava de ouvir as histórias que contavam...

Início da formação

eu sempre gostei de ouvir as histórias bíblicas... gostava de contar de novo... e eu tinha esse amor pela literatura... e quando eu fui fazer a faculdade... eu queria fazer Letras... só que acabei fazendo... indo pro Curso de Teatro... de Licenciatura... e eu achava que eu ia adorar...

porque tinha uma peça... ()... quando chegou lá...GENTE... eu odiei o Curso de Teatro... que tinha que fazer as peças e representar... eu vi que não era minha praia... vestir mesmo ter um personagem... mas eu achava que eu ia adorar peças de teatro e chegou lá não gostei ... aí eu comecei a contar... eu fiz uma montagem de uma contação na faculdade e chamei minha mãe pra contar uma história comigo... só que invés de eu pegar uma história conhecida... eu escrevi uma história... que era “Maria dos Remédios a Desalmada...” era a história de uma menina que ficava tão triste que perdia a alma dela e sai pra procurar...procurava... procurava ... procurava ... enfim até que um dia ele encontrava né? e...aí... minha mãe aprendeu a história e contou comigo... foi a primeira vez que eu contei uma

história... eu já tava fazendo faculdade de teatro... aí... eu comecei a levar todo o meu trabalho do teatro... tentar... porque têm as provas específicas você tem que fazer peça tal... mas eu tentei levar pra isso né? pra contação de histórias... para narração e pros textos de literatura que era o que mais me interessava... pra poesia e tal...

(...) então... eu acho que essas percepções... que eu tenho hoje adulta de toda a minha infância... tipo minha mãe trabalhava de noite... eu ficava na casa de várias pessoas... eu não foi uma criança que tive essa infância certinha... papai e mamãe todo dia... não... um dia dormia na vizinha tal... no outro dia dormiu na outra... podia dormir na tia... outro dia vem alguém dormir lá... as vezes minha mãe pagava uma babá...muitas pessoas... e por um tempo da minha vida muitas... pessoas diziam... mas não é uma infância ideal para uma criança... porque eu realmente não tinha aquela rotina... minha mãe tinha que trabalhar muito... e nós éramos em muitos irmãos... a gente era 5... e meu pai só casou com minha mãe quando eu tinha 7 anos... então... a minha mãe criou a gente sozinha... ela trabalhava demais... mas eu acho que pra minha vida de contadora de histórias... eu tive infância ideal... porque eu tive muitos repertórios... eu vi muitas coisas... então pra mim... não tem tanta estranheza no mundo eu... acho, sabe? e eu acredito muito nas histórias que eu conto... e não tem nenhuma história que eu conto que eu não acho que é verdade... assim... sabe que eu fico emocionada... mesmo... tipo eu acredito no João Jilo ((emocionada)) eu acho que as histórias... elas estão no plano... assim... dentro da gente... elas são muito verdadeiras... todas... as mais absurdas... elas estão dentro da gente...elas têm essa verdade... então acho que eu tive muitas influências... essa minha tia a que me levava pra visitar o túmulo do filho.

eu foi criada... também... por uma tia que era mais velha... tia Dolores... né? e ela tinha um filho... um filho dela... tinha morrido... e de vez em quando... ela me levava pro cemitério... pra visitar... para limpar o túmulo... essas coisas... então... ela fazia assim... olha essa semana a gente vai visitar o Helio... aí... eu já queria ir pro cemitério... me arrumava toda... ia dormir na casa dela... aí agente preparava salsicha frita... várias coisinhas... e fazia uma marmitinha... suco... no dia seguinte acordava cedo... Curitiba é super frio... a gente botava um monte roupa e ia pro cemitério... aí... ela ia no ponto de ônibus... falando pra todo mundo... ah... essa menina não tem pai... que o pai dela... não sei quando que vai casar com a mãe

dela... porque a mãe dela trabalha... e eu cuido dela... e gente está indo visitar meu filho no cemitério... aí a gente pegava o ônibus... ia minha tia não parava de falar (...) quando a gente descia do ônibus... minha tia começava a cantar... ia me ensinando várias músicas até chegar...quando chegava no cemitério... minha tia quieta... limpava o túmulo... ela era super caprichosa... então ela pintava... colocava flores... (...) eu sou de Curitiba e lá tem muito descendente de ucraniano... de polonês e italiano... e aí minha tia... também... achava engraçado o sobrenome daquelas pessoas... aí ela começava a inventar histórias dessas pessoas mortas... tipo esse aqui era sapateiro e se apaixonou por aquela ali que era meretriz e ficava na rua... ai veio a mulher dele matou os dois... ficava inventando várias histórias...e depois disso a gente saia e fazia o piquenique no cemitério... que era na porta... tinha um gramado... e a gente comia ali.. aí voltava pela rua cantando... entrava no ônibus voltava pra casa... aí eu sempre conto essa história... que quando eu tô na vida assim... eu sempre penso meu Deus que parte do passeio no cemitério que eu tô? será que eu tô na preparação? será que eu tô na hora de chorar? será que eu tô na hora de ser feliz? será que tô na hora de inventar história? porque eu acho mesmo que ela com isso ela me ensinou viver.. isso é a vida... a vida é um passeio no cemitério... mas eu acho que essa percepção... mesmo eu só fui ter mais velha... é claro que isso influenciou mas se você me perguntasse no começo da faculdade pra mim... você gostaria de contar histórias? eu já diria.. ah eu gostaria... porque minha minha mãe lia muito... então a referência da minha mãe é como se fosse uma coisa que eu já sabia... essas outras referencias eu foi percebendo (...)

Quando se descobre contadora de histórias.

aí... eu comecei a contar... as pessoas gostavam... eu que não gostava... ficava meio tímida...depois eu fui pra São Paulo... eu fiz umas apresentações no SESC... mas eu acho... que o que aconteceu comigo na real... foi aqui em Salvador... porque me chamaram pra contar uma história de um livro chamado a História da Cazubinha... você conhece? (...) era uma história de uma menina que viveu no quilombo... e eu fiquei super angustiada porque não sabia que era um quilombo... e eu não queria falar de uma coisa que eu não conhecia... não sei... é uma coisa que

mexeu muito comigo... e eu lendo a história... e vendo pessoas aqui e tal... NOSSA... eu pensei... eu estou num outro mundo... eu fiquei muito assim... e aí... eu fui no quilombo pra conhecer.... Aí... chegou o dia de contar a história dessa mulher... a Marie Cazumba... ela sentou... na minha frente... e eu esqueci a história... eu esqueci... não contei nada...eu tinha estudado essa história tanto... eu fiquei tão nervosa que eu esqueci totalmente história... e fui inventando... (...) depois disso... voltei pra casa e falei a partir disso eu tenho que continuar... agora é isso mesmo... eu sou contadora... antes eu falava pras pessoas que eu era contadora... mas não com certeza... com a clareza que tive naquele dia... aqui em Salvador eu só vivi de contadora de histórias... nunca trabalhei de outra coisa... em Curitiba eu contava história e trabalhava em outra coisa... eu não acreditava que podia viver só de contar histórias... depois daquele dia eu ganhei segurança...

Sentidos educacionais

eu acho que a coisa mais legal da educação é quando a gente consegue... assim... esse choque de ideias entre os mais velhos e os mais novos... eu gosto de ser o mais velho quando eu estou com as crianças...e de eu ser de um jeito e elas serem de outro... eu não tento ser iguais as crianças... e não quero que as crianças sejam iguais a mim... eu acho que esse choque de quem... eu sou adulta... e de quem eles são... crianças... se a se gente conseguir se aproximar... brigar... se separar... chegar perto... esse vai e vem... que é eu acho que isso que é a coisa mais legal da educação... eu acho que ali... que a gente acaba aprendendo as coisas... quando eu vejo uma ideia diferente da minha... quando eu vejo alguma coisa... que eu não conheço... acho que a gente não pode perder esse papel de ensinar...

e eu acho que a gente nunca pode contar de uma forma didática... mas... as histórias elas contam pros mais novos como era o mundo antes da gente...como era esse mundo? até porque... a criança ela chega no mundo... achando que o mundo é dela... todo mundo olhando para ela... aí todas as atenções são para eles... Eles acham que o mundo já era assim e a gente vai contando para eles que não... que ninguém comia Carambolas...mas uma tartaruga... GENTE... que fez a gente comer Carambola até hoje... NOSSA... como era o mundo quando os animais falavam com

os homens...será que existiu esse mundo? então a gente vai contando para eles como era o mundo antes deles e antes da gente... aí gente começa a construir coisas novas... contar histórias é reinventar o mundo... esse é o nome de um projeto meu...

(...) eu não dou técnicas de histórias... porque eu não tenho...não sei como que eu conto histórias...e eu não sei ensinar você a contar uma história...tem algumas técnicas de teatro que a gente usa...mas quando a pessoa vai contar... por exemplo... Waldeck... eu comecei a dar umas oficinas para o pessoal do Sarau da Onça e ele participou...você ouvindo ele falar diria que ele prende a atenção das crianças? nunca... Waldeck tem uma voz monótona e baixa... vocês não imaginam como que as crianças ficaram ali? eu conto para 500 crianças sem microfone... eu tenho uma potência vocal... mas ele prende as crianças... é totalmente diferente... no dia que contamos em Susuarana... o lugar aberto... pensei... o Waldeck não ia conseguir... ele fala tão baixinho... as crianças abaixaram o corpinho para ouvir ele contar... cada um tem um jeito... e vai segurar se tem uma boa história... nas oficinas eu tento fazer com os professores... fazer eles perceberem a importância que as histórias tiveram na vida deles... eu conto minhas histórias... eu escuto... e tento falar disso... daí dispara uma coisa... que se foi importante para mim... vai ser importante para meus alunos.... quando você sente amor... você diz... NOSSA eu tive esse amor... ai você que dar amor também... algumas pessoas dizem... vou te ensinar isso para você segurar as crianças... para elas ficarem calmas... quietas...para você atrair a atenção deles... mas não é por aí... porque cada um vai encontrar sua forma de atrair... e não que a gente quer... como a gente toca... como a gente é tocado para a gente conseguir tocar também... porque atrair... segurar... prender... tem tanto jeito... será que precisa? Mas o professor... a professora está tocada pela história que vai contar aí funciona... tipo... não adianta contar uma história sobre preservação ambiental... se você não é uma pessoa que se preocupa com isso.... a gente tem que falar o que toca a gente... o que mexe com a gente... é uma coisa que eu faço muito com as professoras... que é tentar preservar o silêncio... quando eu faço em escola com um montão de crianças... eu faço várias vezes aqueles momentos de silêncio... eu tinha muita implicância com as crianças... porque eles se mexiam... que inferno não ficam quietos... e eu foi uma criança muito obediente...então eu já ia com essa energia... as crianças iam se mexer... ai eu

falava um pouco mais alto na história... mas eu tinha essa fé no silêncio... aí... eu comecei... a fazer um exercício... que é imaginar a história antes de contar... eu fico imaginando...imaginado... aí... eu acho que parei de contar a história e comecei a imaginar a história...então... ali quando estou procurando a galinha... eu não estou contando... eu estou realmente procurando... quando eu acho a galinha eu fico muito feliz... isso me deu muita tranquilidade... outro dia... contei no interior e tinha 600 crianças e era um silêncio...

eu sou escritora... eu gosto é de escrever... escrevi um monte de histórias que eu conto...-- uma coisa que eu queria falar... é uma coisa que a gente tá perdendo das narrativas... que é importante... que antes a gente participava das famílias... a gente tinha essas narrativas das famílias... a gente tinha um sentimento de pertencimento... tipo... eu tenho um irmão que é super brabo...briguento... minha mãe sempre contou que ele era igual ao um tio... que quando bebia derrubava uma rádio patrulha com 5 policiais dentro... que era briguento... e que meu irmão tem esse espírito... então... eu nem lembro direito... dessa tia... mas na minha família meu irmão é cópia desse tio... eu já sou mais bagunceira igual a minha avó... então tinha essas narrativas de família... que dava pra gente o sentido de pertencimento... uma professora que falou pra mim... um dia numa oficina... ela falou que a avó dela... toda noite contava uma história pra eles com um livro... e que ela falava a importância de leitura e de estudar... e eles eram super pobres... todos os netos se formaram... quando a avó morreu... foram mexer nas coisas da avó... encontram o livro de histórias... que na verdade era uma lista telefônica... e descobrem também que avó era analfabeta e nunca tinha frequentada a escola...

(...) e... aí... agora a gente é tipo assim... ninguém mais quer ser velho... a gente não quer envelhecer...todo mundo quer ser jovem...ninguém quer ocupar esse lugar de ser velho... de ser o mais velho... de ensinar coisas... de falar sobre o passado sobre o futuro... de conhecer as histórias das famílias... as crianças não sabem quem que é mãe... quem que é a avó... porque tinham esses papéis... ninguém se confundia sobre isso... tipo o respeito que você tinha com uma avó... com uma madrinha... não estou dizendo que era perfeito.. eu gosto desse sistema... porque foi criada nele... pra mim foi bom... mas hoje a gente está passando por algumas mudanças... que acho que a gente não se encontra tanto ainda como sociedade nisso... nesses papéis... do mais velho... do mais novo... da criança... ai eu acho...

que a gente perde muito... quando não sabe essas narrativas... as crianças não sabem... mas as histórias das famílias... a gente tinha orgulho... a gente vinha de famílias pobres... e a gente tinha heróis... não era só esse mundo de consumir... consumir... a gente tinha heróis...

(DANIELLE ANDRADE. Entrevista concedida em 19/06/2016)

ANEXO C – Entrevista Keu Apoema

MEMÓRIA DE INFÂNCIA

eu tive contato... em minha lembrança... pela primeira vez com histórias narradas... quando eu tinha 9 anos de idade... meus pais moravam numa cidade bem pequena do interior da Bahia chamada Ipupiara e a gente tinha uma secretária... uma menina que cuidava de nós... muito jovem na época... chamada Romilse... ela contava para nós... três histórias... versões populares que ela tinha escutado... a “Princesa da Cara de Pau” que é uma versão da história “Pele de Asno” que o Perrault também conta... mas é uma versão que eu nunca vi escrita e nunca encontrei nenhuma versão ... dessa forma... da forma como ela contava... a outra história é os “Compadres Corcundas” e a “Moura torta” são histórias que você pode encontrar em várias coletâneas... inclusive na do Câmara Cascudo... então essas eram histórias que eu escutei... ela só sabia essas três histórias... mas ela repetia várias vezes... então na minha infância a relação com as histórias vem dessa relação com Romilse... não foi uma infância repleta de contos... mas essa foi uma experiência que eu chamo de tradicional... porque Romilse era alguém que tinha aprendido histórias de ouvido e ela passava de ouvido... essas são de fato as primeiras histórias que eu contei em minha vida... então elas integram meu repertório como contadora de histórias... (...) minha mãe introduziu na leitura... na literatura... em livros... na questão da literatura mesmo... minha família é camponesa...meu pais foram os primeiros a terem uma certa condição e tal... então a experiência de ler veio através da minha mãe e a experiência da narração de histórias...veio de fato com Romilse...(...) uma vez eu fiquei em casa com dois primos... que na época eram bem pequenos... e eu fiquei tomando conta deles... foi a primeira vez na vida que eu contei história e eu contei exatamente aquela três histórias... que Romilse tinha me contado... quando eu era criança...aquela foi minha primeira experiência como contadora de histórias...e na época marcou muito porque meus primos ficaram doidos... aí todas as vezes que eles me encontravam sempre queriam que eu repetisse aquilo... que eu contasse histórias para eles... foi uma experiência da minha adolescência... Entre a experiência da minha adolescência e eu entrar num processo formativo... de fato como narradora de histórias... foram dez anos... depois foi que eu fui fazer oficina com Gislayne Matos... aí... eu fui de fato começar uma trajetória como narradora de histórias...

MEMÓRIA DE FORMAÇÃO E MEMÓRIA DE DESCOBERTAS

...) em dois mil, eu tava morando em Minas Gerais... fui quando eu me mudei para Minas Gerais... e em Minas tinha uma coisa... como ainda tem até hoje... uma coisa que na época eu fiquei enlouquecida... que são os festivais de inverno. ... e... aí... tava tendo os festivais de inverno em Minas... eu enlouqueci porque eu queria ir pra algum festival e eu não tinha a menor ideia do que eu ia fazer nesses festivais... mas eu queria ir pra algum... tinha várias oficinas de arte... de tudo que você imaginar... literatura... contação de histórias... vídeo... fotografia... essa coisa toda (...) quando veio o festival de São João Del-rei tinha uma oficina de contação de histórias com a Gislayne Matos... eu me escrevi às cegas... assim não tinha muita (noção)... na época eu tinha um site de literatura chamado Casa de Arabela... então... de um modo geral... eu me interessava por tudo que diz respeito à palavra e tava lá essa coisa de contação de histórias... Gislayne Matos... e eu falei... uai a grana chegou... vou me inscrever e vou... e assim aconteceu... então nessa brincadeira eu fui fazer com a Gislayne uma oficina de 40 horas... e não é que eu tenho me descoberto contadora de histórias... mas eu saí de lá contando histórias... eu contava tantas histórias... que era uma coisa assim que tava tão impregnado em mim... a experiência com a Gislayne foi uma experiência muito forte e toda minha experiência de escuta dela e de escuta das histórias durante a oficina... que depois da oficina eu encontrava... assim uma pessoa e qualquer brecha aproveitava pra contar alguma história que eu tinha aprendido lá na oficina... (...) então eu sai contando histórias... isso é uma coisa assim... um impulso natural...eu tinha um desejo tão grande... que eu tava conversando com alguém e começava a falar... falar... falar... e de repente... eu começava a contar histórias... e aí nessa época... eu fui pra Recife...eu fiz isso em Minas... eu tava morando em Minas na época... mas foi pra Recife pra resolver o problema da faculdade e cheguei lá encontrei uma amiga querida... que não vejo a muitos anos... a Rosa... eu comecei a conversar com Rosa... conversamos... conversamos... e lá no meio do caminho... como era meu hábito de ultimamente... eu taquei uma história no meio da conversa... e aí... depois que eu contei a história... que eu acho até que era Fátima a Fiandeira... nem lembro... ela falou assim...NOSSA... Kelly... que é como ela me chamava... que coisa boa te encontrar... assim... porque eu sabia que você ia contar uma história...porque você sempre conto histórias... e aquilo foi assim... HAM? do que você tá falando? porque não era mais uma experiência que tivesse num nível... que eu soubesse o que eu tava fazendo... acho que era mais das conversações espontâneas... mesmo... e aí... depois disso eu passei a contar a história pra todo mundo que encontrava... uma coisa natural...

(...) por essa época eu trabalhava com formação de camponeses no interior de Minas... eu dava treinamento de empreendedorismo rural... de empreendedorismo social... cooperativismo... essa coisa toda e... rapidamente... eu descobri que se eu contasse histórias antes de começarmos treinamentos... eu conseguia ter os alunos na minha mão... porque inicialmente... eu era sempre... assim... uma menina muito jovem... na época vinte e três anos... dando formação para pessoas muito mais velhas do que eu... Sempre tinha uma desconfiança... naquela época tava me apropriando de uma forma... muito grande... das dinâmicas... das brincadeiras que era uma dimensão importante da minha vida... na época... e das histórias... e... aí... comecei a contar a história nos meus processos formativos... comecei a contar... contar... e aquilo pra mim era uma ferramenta chave do trabalho... eu me lembro... que uma vez... eu peguei uma turma de empreendedorismo social em que fui chamada pra substituir o facilitador... que não tavam gostando muito dele... a coordenação me chamou para substituir... Só que a turma já tinha criado um laço afetivo com aquele outro facilitador... e... aí.. eu cheguei pra trabalhar e eu percebendo aquele negócio atravancado... aquele negócio que não rendia...e durou um dia... no segundo dia... eu resolvi contar “O Homem Sem Sorte”... que é um conto muito conhecido... tá no livro da Gislayne, a Inno Sorsy conta... o Roberto Carlos Ramos também conta... e eu contei...quando eu contei “O Homem Sem Sorte” foi uma coisa... assim... impressionante... foi de fato abrir uma porta... assim... porque dali em diante o grupo se entregou pra mim... eu conseguir realizar o trabalho... então durante muitos anos... eu usei a contação de histórias só como uma ferramenta de trabalho... mesmo... durante muito tempo...

em dois mil e dois... eu coordenei um programa de formação de professores lá no interior de Minas chamado projeto (Xeremoa)... que foi uma coisa assim é feita na raça e na coragem... porque a gente não tinha recursos... mas a gente decidiu fazer.... e aí nesse processo de formação a gente levou a Gislayne Matos...(...) aí eu comecei a trabalhar com essa coisa de formar contadores de histórias... na época teve uma turma grande da Universidade Federal de Viçosa... e... aí... a gente foi pra o campo pra trabalhar contação de histórias com professores...teve um ano que a gente trabalhou seis grandes seminários com quase quatrocentas pessoas... em cada seminário... e já vindo dessa experiência com a Gislayne...eu comecei a trabalhar com formação de contadores de história... nesse momento... em dois mil e

quatro... mas você vai vendo... tudo isso que eu tô te contando... nessa primeira etapa da minha vida... ela vai bem devagar... porque ao mesmo tempo... nessa época eu sou gestora... eu trabalho com gestão... então... eu trabalho com outras coisas... a cada ano sempre acontece alguma coisa... mas não é o que realmente me dedico... em cada um desses... eu tô trabalhando em diferente organização... Em dois mil e quatro, assumi meu nome... meu nome é Kelly né? Kelly Cristina Ribeiro... eu adotei o Keu Apoema... Keu foi inicialmente pela minha prima, Apoema foi dado pra mim em sonho... eu sonhei com o nome... aí eu passei a adotar Keu Apoema... isso foi dois mil e quatro, mas ao mesmo tempo eu continuei muito vacilante... meses sem trabalhar... meses sem contar histórias... eu acho que o princípio... mesmo... assim... da minha da trajetória... de uma forma mais consolidada... começou em dois mil e nove... (...) sim... uma outra coisa antes chegar em Salvador... eu fiz uma especialização em arte-educação com a Gislayne Matos... uma especialização com foco na contação de história. Final de dois mil e dez... eu fui aceita no mestrado em educação... E o mestrado em educação foi assim um momento fundamental na minha vida... porque ali eu pude fazer pesquisa em contação de histórias e tive o apoio... assim... lindo da Mary Arapiraca... e fiz aquela disciplina... né? Vamos Contar Outra Vez... eu dei um semestre como estágio supervisionado. Meados de dois mil e onze, eu decidi fazer uma residência artística em contação de histórias... em algum país... fora do Brasil... e... aí... esse foi o outro grande momento da minha vida... porque... aí... eu apliquei pra um projeto de pesquisa... eu não sabia para onde eu queria ir primeiro... e comecei a conversar com um monte de gente... querendo orientação e soltando a ideia... e a única coisa que eu dizia... é que não queria ir para um lugar frio... mas eu queria fazer uma residência artística... e o programa da Bahia é realmente um programa muito bom, da Secretária de Cultura... Então eu apliquei... eu me inscrevi no período de dois meses em Burkina Faso e... aí... eu fui aprovada... e essa experiência... é o outra experiência que marco na minha trajetória... porque... aí... eu vou... eu passo dois meses lá... e nesses dois meses... eu fiz dois cursos... eu ouvir muita história... eu conversei muito... (...) tive a oportunidade lá de conhecer um griô muito famoso chamado **Hassane Kouyaté**... que... já... teve aqui inclusive no Boca do Céu... acho que algumas vezes... tive a oportunidade de sentar... assim... na mesa no botequim... lá na beirada de uma rua... comendo cuscuz... e de ouvi-lo pessoalmente e a força que ele passava... assim... da história de vida dele como griô e da

responsabilidade de ser herdeiro de um grande griô de **Burkina Faso**... naquela noite eu me lembro que eu falei assim pra mim... eu não posso mais me dar o luxo de não seguir meu caminho e meu caminho com as narrativas... e aí foi isso...

(...) dois mil e catorze... dois mil e quinze... eu fui pra o Timor-Leste e lá eu fui... não como contadora de histórias... eu fui como professora... trabalhei temas de arte e cultura... mas a minha grande ação em Timor-Leste foi apoiar um grupo que já tinha sido criado... por um professor antes de mim... um grupo de contadoras de histórias... eu trabalhei lá nesses últimos dois anos com várias coisas em Timor, mas entre as várias coisas esse grupo... é o grupo **Haktuir Aiknanoik**... que significa exatamente contar histórias... e depois disso... bem agora estou eu aqui... eu tô fazendo agora doutorado em educação... mas sempre as minhas pesquisas e as minhas indagações também nesse Campo passam pelo campo da narração oral... (...) eu pesquisei no doutorado uma figura chamada **Lia Na'in**... que em Timor-Leste é considerado o mestre da tradição... é sobre eles falam muitas coisas... contador de história... só que mais do que o contador de histórias... ele tem uma função... em principio e a partir de constatações iniciais... muito semelhante ao do **Jeli** africano .Ele sabe a genealogia... ele é responsável pelas grandes negociações... casamento pelas negociações envolvendo bens da família...

OS SENTIDOS EDUCACIONAIS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

(...) toda história ensina e por que toda a história ensina? porque as histórias... todas elas falam...e tem um mito que eu gosto muito que tá no livro mitologia dos orixás...do Prandi e ele conta como é que surgiu o jogo de búzios lá na África na tradição iorubá... e o mito diz que um dos deuses maiores (...) tava muito preocupado com os humanos... é porque os humanos tava com muitos problemas... e com muitas questões... (...) e... aí... exu sai pelo mundo colhendo histórias... ele ouve planta... ele ouve bicho... ele ouve gente e ele junta essas histórias e essas histórias passam formar os odus... e lá nessa tradição africana... quando alguém ia jogar os búzios essa pessoa na verdade... voltava para casa com uma história... cada combinação de búzios... pra aquela pessoa saiu uma história que era uma história da vida daquela pessoa... daquele momento... então...assim... as histórias falam sobre experiência humanas... e falam de uma forma que nos agrada ouvir... porque não é um conselho explícito... porque a gente não gosta de conselho

explícito... não é uma forma didática... é uma forma que a gente gosta de ouvir... que é pela experiência de outras pessoas... muitas vezes no mundo da fantasia... no mundo da imaginação... então... ela sempre nos traz alguma coisa... agora... a história não funciona para o aluno aprender aquele conteúdo... porque cada pessoa... cada sujeito... ela vai escutar uma história... e ela vai aprender aquela história de acordo com as próprias experiências de vida e de acordo com o momento de vida que ela tá vivendo... então cada história... ela tem caminhos singulares em cada pessoa... então ela é educativa? é... mas não se pode pensar na educação desse ponto de vista de que ele chega mais ou menos igual... mais ou menos parecido para todo mundo... agora tem um papel que a contação de história pode exercer num ambiente educacional... eu descobri isso na experiência com adultos... mas... eu acho que com crianças também rola... eu tive algumas experiências que só me confirmaram isso... que a história permite a criação de vínculos afetivos e vínculos de confiança... entre professor e aluno... e se você cria esses vínculos fica muito mais fácil você trabalhar qualquer conteúdo depois... então... a história não necessariamente... ela tem que estar associada a algum conteúdo... a história pode ser contada no início da aula... e pode ser uma história sobre qualquer tema... para depois você então ensinar o que você quiser... esse exercício de narração e escuta... ele primeiro cria vínculos... vínculos de confiança... ele segundo possibilita essa coisa tão difícil nos dias de hoje que é a escuta... e terceiro ela vai trabalhar a imaginação e a criatividade... uma criança que escuta histórias ela vai ter um Imaginário muito mais aberto... sem qualquer sombra de dúvida...

(...) eu me lembro que uma vez eu tava no estágio supervisionado com a Dinéia... eu tava acompanhando os alunos dela... e acompanhei uma dupla de alunos... de meninas para dar aula no colégio à tarde(...) elas eram menininhas com a voz calminha e tal... e esses meninos começaram a pintar o sete na sala... eles começaram a pular nas cadeiras... foi uma loucura... até que elas pediram socorro... e aí eu resolvi contar João Jiló... quando eu contei... foi tão impressionante... eu lembro que tinha um menino que estava correndo... correndo e correndo... ELE PAROU... assim em posição de corrida... ele parou e aí ele escutou a história... no final todo mundo tava em minha volta... escutando histórias e pedindo mais... (...) então... tenho muitas críticas com histórias que sejam direcionada para conteúdo... acho que em alguns casos funcionam... em outros não... mas... eu acho... que de

modo geral... para trabalhar o espírito Imaginário a relação... a afetividade... que é uma coisa tão árdua assim...nos dias de hoje... a história pode ser fundamental....

(KEU APOEMA. Entrevista concedida em 18/10/2016)

ANEXO D – Entrevista Regina Alfaia

MEMÓRIA DE INFÂNCIA

chama mãe de umbigo... é a história que minha mãe contava do meu nascimento... só que ela já está aqui numa marcação toda de escrita... já passou por vários processos de oficinas literárias para eu escrever... antes eu contava isso (...) uma coisa que eu entendi sobre essa coisa de relatar memória... é que é difícil separar o que é fato... o que é lembrança... daquilo que alguém testemunhou e escolheu e tomar para si como história... que é o seu passado... mas eu relativismo... porque se todo passado é memória esquecer ou lembrar é todo parte da mesma coisa... então essa é uma memória querida. ((começa a ler o texto sobre o nascimento)).

“tenho uma lembrança sépia dos pés descalços da minha mãe sobre o chão de terra batida da cozinha que tivemos quando fomos morar em terra firme... pois... a primeira infância passei quase que completamente dentro de um batelão de uma casa flutuante no Rio Solimões entre (...) a uns 500 quilômetros de Manaus... enquanto empurrava a barriga... sempre prenha... sob o balcão da pia... arrastava os pés na terra fresca e apoiava as tampas ariadas nos elásticos da parede de tábua da nossa cozinha... minha mãe repetia a história de como eu nasci.. naquele dia dizia ela... havia madrugada para bater a trilha pelo meio da mata... desde a sua pequena e isolada tapera velha até o roçado... tinha o proposto de torrar uma última fornada de farinha antes de parir... dizia que naquela madrugada úmida a fumaça da terra (inudia) as vistas... por isso... ela sai vestida com todas as roupas rotas que tinha...daquele jeito que as mulheres da roça usavam...umas por baixo das outras... a blusa... o vestido... a calça comprida que protegia as pernas das picadas dos carapanãs... um chinelo de dedo arremendado de arame... completava o arranjo...quando chegou no roçado já ia manhã alta e logo montou o fogo embaixo do forno... a casa de farinha era um lugar bem quente durante a torração...o forno de torrar farinha de mandioca era uma construção de barro arredonda com 1 metro de altura que sustentava um enorme tacho de ferro...mas até chegar a torrar era preciso descascar a mandioca... ralar e prensar para formar uma massa bem seca que ela esfarelava bem nas mãos... tudo isso fez sozinha... a quantidade de quilos de mandioca variava de acordo com os ouvidos as quais contava... tinha muita pressa que suas contas dava como certa aquela lua para que eu chegasse ao

mundo... o certo é que lá pelas onze de acordo com o sol... que outro relógio não tinha ali... começou a sentir as primeiras dores do parto... o que ela dizia... era que com a barriga encostada no forno não deu para sentir o comecinho das contrações... que quando deu pela coisa já estava bem adiantado... não dava mais para retornar o caminho por terra e não tinha canoa para voltar para a tapera... nenhum alma para acudi-la em sua dor...valendo-se do calor da hora... minha mãe contava que agiu sem quase pensar... apanhou água com uma panela no Rio... que dava para ver do forno... pendurou num gancho sobre o forno... cortou com seu facão umas folhas da bananeira que rodeavam a casa de farinha... que aliás não tinha parede... forrou o chão... apoiou-se nas roupas... que neste altura já tinha tirado quase todas... e então começou a gritar bem alto... já que ninguém escutaria mesmo... minha mãe dizia que se sentiu só naquele momento... que maldisse meu pai e minha avó... sua mãe... por estarem longe... que rezou para nossa senhora do Bom Parto... bem rápido... entre suas queixas e que desesperou... afinal era apenas seu segundo parto... e ela sabia de bem uns dez casos de amigas e conhecidas... parentes e cunhadas que havia padecidos com suas vidas na hora de parir... mas um milagre aconteceu... quando ao longe... na curva de um Rio... ela avistou uma canoazinha... na canoazinha uma cabeça coberta com um pano bem branquinho... reconheceu dona Soba... mãe de umbigo de todo que era cria de parto bem sucedidos daquelas paragens... ela gritou com mais força ainda...levantou e começou a chorar de alívio quando percebeu a canoazinha mudar a direção... dona Soba tinha vindo... dizia ela sempre que nos contava essa parte... somente para aparar sua cria... que tinha começado a contar as luas ao saber da barriga dela... trazia tesoura preta envolta em panos bem branquinhos...então foi todo muito rápido... ao meio dia minha mãe já me tinha nos braços... nos esforços da primeira mamada... veio a tarde... ela dormiu mais dona Soba... agora também minha mãe de umbigo... na madrugada do dia seguinte... seguiu pela mato sozinha... dona Soba tinha ido pelo Rio...minha mãe não sabia nadar... Eu ia (embruladinha) nos molambos de suas roupas (suadendas)... como um charutinho... seguindo os silêncios da mata em minha primeira travessia... essa história sempre me deram ares de aventura... principalmente quando recebia à visita de dona Soba ou quando a via de passagem... com seus paninhos alvíssimos... levando a lendária tesoura preta... admirava aquela mulher pequena com pele cortida de sol e sorriso fácil... tanto que sabendo da sua morte... anos depois... lamentei a perde daquele nome

tão singular ao que minha mãe azeda respondeu... o menina besta... Soba é apelido o nome ela é Sobastiana..."

...ela contava essa história do meu nascimento repedidas vezes... aí... ela dava detalhes... como que ela tava naquele dia... quando tempo ela tinha calculado para chegar até o roçado... como que na hora que ela começou a sentir as dores ... ela achava que ia nascer muito rápido... porque ela já tinha dito o primeiro parto e foi muito rápido... MESMO...embora o neném já tivesse até morrido naquela ocasião... aí... ela calculou que não dá para voltar de jeito nenhum para casa... e aí ela começou a ter medo... ela aumenta um pouco as coisas...

(...) a bisa era que contava histórias... a mãe dela não era muito de contar histórias... a bisa foi... Já o nome dela tinha outras coisas... ela se chamava Maria de Nazaré...mas todo mundo chamava ela de Nazinha... menos os filhos...os filhos chamava de Mazinha... que esse era o outro lado da minha mãe...minha mãe era adapta de castigo físico... então... a gente chamava ela de Mazinha... porque ela arrancava nosso couro... dava mesmo peia... mas a gente achava engraçadão... até hoje... eu e meus irmãos...porque tinha esse lado que ela contava todas essas histórias... e costurava fazia bastante coisa de retalhos... bordava.. seu bordo hoje? e eu bordo... vou te mostrar o que eu bordo... porque todo isso para mim tem a ver com renda... com a contação de histórias ((ela me mostra o que ela borda)) (...) minha mãe nunca quis me ensinar a fazer essas artes... que ela fazia... que ela praticava... ela queria que eu fosse doutora...advogada... fizesse faculdade... que nem aquela tia que era sabida... que era a tia que falava bem português... que ela me mandou morar com ela para aprender... e não ir mal na escola... e ela entendeu que se ela me ensinasse as prendas domésticas eu não iria estudar... então... o que ela fazia? ela não me deixava ver ela cozinhando... nem eu...nem minha irmã... e quando ela tava bordando... ela me ensinou a fazer pesponto... então ela me punha para fazer os alinhavos... me punha para fazer coisas que não é um saber...mesmo... nunca me ensinou um ponto... (...) Escondido dela... eu fazia meus próprios paninhos... tudo errado... não conseguia fazer... porque eu não entendia bem...porque ela não fazia questão de me ensinar... isso... nem cozinhar... nem bordar...ela achava que isso ia resultar em casamento e a gente ia para de estudar...porque uma parte dela não ter estudado... era ter casado com um marido machista... que era um pai muito bacana... que contava histórias para os filhos...

mas não deixava sobrar tempo para ela ir fazer o Mobral... que era o sonho da vida dela...aprender a ler e a escrever... resultado? eu aprendi escondido... mas nunca aprendi que nem ela...

(...) as histórias que ele ((o pai)) contava era de outra natureza... a de minha que era de beira de rio... a do meu pai não era tanto de beira de rio... ele contava de memória as histórias de cordel...essas pessoas que escreviam o cordel na verdade diziam de memória... (...) Meu pai foi analfabeto por bastante tempo... ele aprendeu a ler e a escrever mais velho...o que era outra história... de como ele aprender ler e a escrever... rudimentarmente... ele morava com a avó... a avó morava numa beira de rio... e ele ficou com ela... ele foi deixado com ela pra cuidar dela... quando o pai dele foi parar na cidade com esta família... ele ficou até a avó morrer... a avó morreu com ele sozinha era uma das coisas que ele me contava... ela plantava Malva e malva você planta na beira do rio... que nem arroz... dá muita cobra... ele foi picado de cobra várias vezes... dizia ele... nas histórias dele... porque nesses campos de malva as cobras brilhavam...elas eram iluminadas... como que ela ensinou ele escrever? ela comprava produtos dos regatões... que passava na beira do rio e eles embrulhavam naquele papel pardo de embrulho... ela pegava aquele papel cortava... costurava e fazia caderno pra ele... e ali era as cartilhas dele... os regatões são assim... eles viajam... meu pai também foi regatão... quando eu nasci... eles viajam com os barcos... levando sal... açúcar... óleo de cozinha... produto industrializado... eles vão passando pelas paragens... que a gente fala... e eles vão trocando esses produtos por banana... farinha... pelos produtos que os que os ribeirinhos faziam... (...) depois que eu fui pra cidade junto com ele é aquele foi fazer Mobral... que é um movimento que tinha de alfabetização no Brasil...acho que ele também foi o Mobral... aí ele se alfabetizou... fez um curso por correspondência de contador... pelo Instituto Universal Brasileiro... (...) Já a minha mãe não podia... porque ele não deixava... era um regime machista... mas como é que ele não deixava... não é que ele dizia não vá... não era isso não... ela tinha sempre muito trabalho a fazer e um filho para cuidar... sempre ela tava parindo um menino... quando o menino chorava... eu lembro... GENTE... você imagina que meu pai me mandava chama... vá lá chamar sua mãe na igreja... era na igreja que tinha o posto do Mobral... provavelmente... vá lá com sua mãe e avise a ela que o menino tá

chorando... ASSIM MESMO... imagine a vergonha da mulher... na hora que eu batia lá para dizer ... mãe o pai tá chamando... porque o menino tá chorando...

(...) Como ela foi parar com meu pai? a mãe dela que era adepta castigo físico... castigou ela por uma razão lá... e ela fugiu para o barco do meu pai... Ela foi perseguida por um tio dela no meio do mato... coisas bem horrorosas na vida dela... e quando ela foi contar pra mãe... a mãe bateu nela... que achou que ela tinha (...)... o que ela fez? ela levou uma surra ela se jogou no rio... num lago que tinha jacaré... porque ela queria morrer... conseguiu atravessar sem jacaré nenhum matar ela... aí ela encontrou esse barco do regatão... que tava parado lá... era meu pai.. meu avô... índio... foi armado buscar ela... quando soube que ela tava lá... naquele barco... meu pai nem sabia que ela tava no barco... contavam eles... meu pai não sabia... porque ela estava escondida no meio dos farnéis lá de coisas dele... Meu Vô... sabia porque só tinha ele lá... o barco do meu pai... e quatro ou cinco casinhas na localidade.. meu vô não encontrou minha mãe em lugar nenhum... minha mãe tinha apanhado uma surra... todo mundo tinha ouvido... ninguém tinha achado... ele foi lá no barco armado... pro meu pai devolver a minha mãe...meu pai disse que não sabia de nada... quando minha mãe apareceu... ele viu que minha mãe tava lá... minha mãe tinha uns 15 anos...devia ser é uma moça bonita... meu pai também era metido... tava armado também... ele era bem mais velho... meu pai devia ser uns quinze a vinte anos mais velho que minha mãe... vendo aquilo... entendeu a situação... minha mãe toda lenhada de peia que tinha pego da minha avó...ele disse... pois é ela só sai se ela quiser... se ela não quiser o senhor não vai pegar de jeito nenhum...minha mãe não quis sair... meu pai desamarrou o barco foi embora... e nunca mais minha mãe voltou para a família dela...e foi assim que ela ficou com o meu pai...quando ela foi embora... ela diz que ficou quase um ano no barco ajudando meu pai... trocando por trabalho... cuidava... cozinhava... lavava... fazia essas as coisas... viajando com meu pai...antes deles terem um relacionamento... eles começaram a namorar e casaram...e ela falou que nesse tempo meu pai nunca se engraçou com ela... ele ficou... respeitou ela e tal...

MEMÓRIA DE FORMAÇÃO E MEMÓRIA DE DESCOBERTA

... no final ano de 2001... eu mudei pra Minas Gerais... fui morar em Uberlândia... já tinha morado aqui em São Paulo quase 10 anos... fui para Uberlândia... quando eu

fui pra lá... na escola que eu fui trabalhar eu contava história e aí lá eles começaram achar isso diferente... ah você não lê só, você conta... Conto... Como é que se faz pra contar? Por que você tem tantas histórias na sua memória? Eu comecei a me perguntar isso também...**POR QUE TENHO TANTAS HISTÓRIAS NA MINHA MEMÓRIA?** ...algumas eu ouvi... mas outras eu pesquisei... vi que existiam e fui estudando e conhecendo... eu lia e guardava na minha memória... e ia contando aos meus alunos... pra mim era muito fácil isso acontecer para aquelas as pessoas não... nessa escola tinha também professores universitários... ou era pai de aluno ou era colega... todo mundo da federal de Uberlândia... daí começaram a me convidar pra ir na extensão... na formação... ah faz uma oficina... vem contar alguma coisa... eu dizia... gente oficina eu nunca fiz... mas eu posso ir contar e aí eu conto como é que eu conto...

(...) eu lembro que uma vez eu fui contar histórias num curso de extensão na universidade e tinha aluna cega... isso foi muito fundamental pra mim... eles me disseram quem era o grupo... quantas pessoas eram... e falaram que haveria uma aluna cega... **NOSSA** nunca contei uma história para pessoa cega... pensei... aí eu comecei a contar... uma das histórias que eu contei... eu fiz uma brincadeira que eu soprava... era uma história de vento e chuva... tinha vento e tinha chuva... e eu fiz uma brincadeira... eu levei um tecido... uma coisa meio plástica... quando encostava parecia mesmo uma chuva... e levei esse sopro ((sopra com a boca)) que parecia vento e eu lembro que a moça tava distraída... a que era cega... quando eu comecei a contar essa história... **ESSA MULHER MUDOU ATÉ A POSIÇÃO CORPORAL...** ela começou a escutar... e depois ela ficou muito comovida... e aí ela falou assim... nossa acho que nunca ninguém contou uma coisa pra mim... pensando em mim... eu falei porque você acha que eu pensei em você? Ah... você pensou porque todas as suas histórias... tinha alguma coisa...que me aguçava... dizia ela... não tinha né? só essa que eu achei que tinha... e ela citou isso como exemplo... mas ela soube citar das outras também... aí esse negócio de contar histórias foi ganhando força pra mim... ai falei nossa esse negócio é importante... eu vou me preocupar mais com isso. (...) foi quando eu comecei a ler o material da Regina... "O Acordais"... isso... eu já tinha voltado aqui para São Paulo... aí... eu continuei contando muito lá... mas via que no Brasil existiam coisas... inclusive uma senhora escritora de livro... Martha Pannunzio... me falou do Boca do céu... olha você ia gostar... porque...

aí... as pessoas iam falando comigo... e iam achando que era diferente a minha prática com os alunos... porque eu sempre... comecei o ano contando histórias... sempre... e eventualmente em algum acontecimento que me levava pra contar... ainda não era uma coisa da rotina... mas era muito forte isso... eu preparava... organizava... sentava e contava histórias... era um corte no cotidiano... no rotineiro... naquele momento que contava histórias... o que acontecia? As pessoas ficavam sabendo como por exemplo... a Martha Pannunzio... que o Neto era meu aluno... o Neto falou que tinha uma professora que contava histórias... Ela foi lá ver quem era a professora que contava histórias... Ah... convidou a professora para ir no movimento que ela fazia... um prêmio lá... de escrita com as escolas... você vai fazendo uma teia de relacionamento e atribuindo valor... NOSSA deve ser diferente mesmo... deve fazer diferença para esses meninos isso... de alguém que conta história... de maneira que quando eu voltei aqui pra São Paulo... foi lá no Boca do Céu... a primeira vez que eu foi no boca do céu foi no SESC Pompeia... eu foi com a Martha Pannunzio... nos encontramos lá e ela disse... foi esse evento que eu tinha falado pra você... aí ficamos juntos o evento inteiro... NOSSA... isso abriu um leque para mim...

e... aí... eu comecei a ler o livro da Regina Machado... de como você se prepara pra contar história... e tinha algumas coisas ali que eu falei... NOSSA... imagine se eu fizer isso? porque tinha algumas coisas que eu fazia... esse contato que você tem com a história... coisa de ser um conto da tradição oral... o que é um conto da tradição oral... e aí eu já conhecia o Câmara Cascudo... fui aprofundando... foi conhecendo mais ainda... e o que que aconteceu? eu já entrei no plano da formação... comecei a me preocupar com esse repertório... comecei a fazer isso profissionalmente... por exemplo... em livraria... uma livraria aqui na zona norte... é uma livraria de fomento... chama Companhia Ilimitada... comecei a contar lá... eles tem uma tarde de contos... eu contava nessa tarde de contos... e aí eu comecei a pensar que história que eu vou contar? o que faz parte dessas histórias? AH... eu foi me preocupar com as músicas... as brincadeiras... com tudo que tem a ver com cultura popular... Comecei uma formação... mais intensa e eu via que isso alimentava a profissional contadora e aí fui me formando nisso... passei a frequentar O Boca... foi frequentar o curso da Regina de contadores de histórias... e aí a gente estreitou a relação... passei a ter isso intencionalmente lá na sala de

aula.... aí eu tinha proposições pra mim mesmo... por exemplo... contar uma história por dia... durante um mês... uma história por dia... aí você se imagina o que é você se preparar? durante um mês eu vou contar uma história por dia... que histórias são essas? começo estudar... começo a me preparar... aí vejo que aquilo tem um impacto muito grande com meus alunos... por quê? porque eu via... por exemplo... uma carência imaginativa... eu via... eu percebia isso... falei... NOSSA... eu preciso fazer isso... contar histórias pro meus alunos... imagine uma criança de 10 anos não se encantar... não ter encantamento... quando ouve alguém contar? eu preciso investir nisso...aí eu comecei a fazer isso... de contar uma história por mais tempo... a mesma... repetir... aí que história que eu conto? Aí... eu escolhi umas as histórias que dava pra você ficar mais tempo... NOSSA... isso fazia uma enorme diferença... em muitos aspectos... não é uma... um ponto só... não... é enorme a diferença... qualificava a minha relação humana com meus alunos... era outro patamar de relação... é até hoje... outro patamar... o vínculo que se estabelece... de maneira que os estudantes que não são meus alunos... ainda... mas que já me viram contar... porque ai na escola você começa a entrar na sala dos colegas... teus seus alunos vão contar lá pra eles... as crianças te olham com um outro olho... elas buscam... o olho dela te chupa... assim... elas querem outra coisa... aquela mulher tem encantamento... ela tem coisas encantadas que ela traz pra mim... é um jeito até de se colocar fisicamente para o outro... como que eu me dirijo pra aquela contadora... porque ela é uma contadora... ela tem um encanto até me comove ((chora))...

SENTIDOS EDUCACIONAIS

é o que faz... por exemplo... uma criança que me conhece lá do terceiro ano... eu dou aula no quinto... a criança lá do terceiro... ai ela passa... ei... ei... ei... a Ana Valéria que era uma contadora de história da biblioteca... a Ana Valéria contou a história do sapo (...) mas é diferente... o fulano morria... da onde é a sua versão? olha a qualidade da pergunta da menina... e eu falava... por que você quer saber? porque é muito diferente da dela... eu queria saber em qual livro que tá... ou você terminar uma história... acabar de contar e levanta uma criança correndo que não é tua aluna e fala... em qual livro eu encontro histórias... desse tipo que você contou

que são histórias muito diferentes.... você me diz? e ela ia anotar e ser aquele aluno que segundo a professora não gosta de ler... não tem interesse por isso... era uma pergunta muito sofisticada né? (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em13/07/2016).

(...) eu lembro de uma situação que aconteceu uns 3 anos atrás... eu tinha lido muitos mitos de origem do surgimento do mundo... do homem na terra... antes de chegar nas tais teoria do Big Bang... dessas coisas... um menino chegou na sala de aula e falou... teacher... é uma escola bilíngue... teacher eu criei um mito... eu falei nossa é mesmo? aí tem sempre aquelas sabidinhas... tinha nessa época uma menina... uma menina muito sabida... que nasceu com 35 anos só foi aumentando a idade... Isso é impossível de você ter criado um mito... você não criou um mito... como não? você não pode ter criado um mito... ele ficou indignado... explica para ele... você é um menino sozinho jamais poderia ter criado um mito... eu não falei... mas pensei... já vai ela com aquelas explicações antropológicas... sociológicas... mas eu tinha que insistir ... explica pra ele porque você pensa isso... você jamais pode ter criado um mito... porque quem criou os mitos foram os deuses... foram os deuses que escreveram os mitos... aí... o menino... ah tá... eu escrevi uma história muito parecida com o mito... Ah sim... é possível... pode ler... e quando ele leu... era muito parecido com um mito. (REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em13/07/2016)

(...) então eu comece... desse jeito que eu falei ... contando e de fato todo ano eu começo contando... depois que eu conto... tem isso que eu conto rotineiramente histórias em diferentes situações... eles percebem que eu crio uma situação que diferencia... que eu quebro rotina que pode ser através de uma cantoria... pode ser através de uma fórmula que eu digo... junto com esse fato de eu contar... é o jeito de falar... dizer versos... por exemplo...eu digo muito verso na sala de aula... faz parte... por exemplo... eu quero promover o silêncio... eu não digo... GENTE PSIU... eu não falo isso... eu falo assim... minha gente é o seguinte... eles já sabem o que eles tem de responder... o preço da vaca 120... a primeira vez eles não sabem... depois vai aprendendo... é um exemplo... ensino eles a dizer versos... a fazer versos... tem um profissional que é um professor de educação física... que é muito pesquisador de tradição cultural lá na escola e eu e ele... às vezes... a gente forma uns conluios... ele é rabequeiro... ele faz rabeças... e ele toca rabeça também...

então... de vez em quando a gente faz uma roda de versos... eu trago junto com esse trabalho... com a narração... eu trago o repertório da tradição oral para dentro... dependendo do que eu vou trabalhar... por exemplo... eu passei um ano inteiro trabalhando com essa coisa de dizer verso... de fazer versos de improviso... quando eu tava estudando a história do “Arqueiro Fabuloso”... que tinha um cavalo mágico... eu passei um ano inteiro estudando aquele arqueiro fabuloso e o cavalo mágico... depois eu trabalhei história de vários cantos do mundo... aí eu contei a história do filho do contador de histórias... que eu tava estudando com a Regina... eu também fiz com eles um estudo daquela história... e eu faço tudo da mesma forma... levo ferramentas para eles perceberem... ritmos... Para eles perceberem as palavras que tem importância... pra eles perceberem o sonoridade e musicalidade... que lugares eles visitam... quando eles contam aquela história e como eles expressam isso no corpo... como que isso aparece... como eles trazem... isso e vivificam isso... quando eles vão contar... e eles querem contar... ficam loucos pra contar história... eu mostro outros contadores de histórias contando... aí eles começam... aí... também elevam em evento... chamam os pais pra ir em evento de contadores de histórias... olham como é que eles contam... me contam... aquele contou assim... aquele contou assado... é muito bacana isso... e isso tudo vai fazendo parte do repertoriando... de maneira que quando a gente chega na sala... num dia por exemplo que tem oficina... porque eu faço oficina mesmo... dura minutos às vezes, às vezes dura meia hora, as vezes 40 minutos, as vezes dura 20 minutos... a oficina deles em grupo... brincam com a história... Esse grupo brinca com os planos... esse grupo brinca com os sons... aquele brinca só corpo... e assim vão... Faço aquela caixa... você viu aquela caixa? Faço jogo de palavra... dica uma palavra que tem a ver com história... então a cada dia a gente vai criando um repertório de brinquedos e um universo simbólico... que tem a ver com aquela história... e aí... eles começam a contar diferentes contextos... para criança pequena... os colegas vizinhos e vão se munindo daquilo e vão também pegando outras histórias pra contar... ouvindo outras...

(...) olha o que eu faço... eu procuro... primeiro é numa situação de bastante atribuição de sentido... eu procuro levar coisas bem elevadas... mesmo... porque eles se preocupam em relação se isso compete com os outros conteúdos... mas... olha onde eu ponho... isso vem junto comigo... de maneira que já tá impregnado em

mim... eu vou ensinar sobre a origem da terra... nossa vou trabalhar com os mitos... os meninos vão aprender escrever contos de assombração... vou começar pelos contos de assombração que eu sei contar que são da tradição oral... vou usar a tradição oral... vou ouvir histórias de contos... até os livros que eles vão ler vão ser livros da tradição oral... ninguém vai achar brecha nisso... ninguém vai achar que estava fora do lugar isso... os filhos levam histórias belíssimas pra contar em casa... histórias muito bonitas... mesmo... de beleza e ninguém vai reclamar contra a beleza... isso eu já percebi... quando a coisa consegue ter solidez... e a outra coisa que acontece... o menino repertoriado desse tanto vai ser um leitor que é uma coisa supervalorizada... (...) eu recebi um e-mail de uma aluna me contando o que é que ela já leu nas férias... os livros que já leu nas férias... é são só livros do universo do maravilhoso... do fantástico... mas são livros incríveis que a menina tá lendo e ela me perguntando... se eu li também... porque essa menina... foi uma das contadoras... os pais estão muito IMPRESSIONADOS com o tipo de leitura que a menina anda fazendo e acuidade dela... e eu dei muitas dicas leitura pra ela... como é uma classe bem abastada... o que ela faz? recebe uma dica... vai lá compra pela internet e logo está com os livros... fica desesperada lendo aquilo... e eu levei alguns e emprestei a ela... quando foi chegando no final do semestre... nos últimos dias de aula... essa menina chegou e falou... Regina... uma das coisas que eu faço... eu faço umas rodas de leitura que eu levo as obras do meu acervo e eles podem tomar emprestado depois eles levam o acervo deles... e claro tem um dia que a gente leva também da biblioteca... são vários modelos... essa menina falou assim Regina sabe uma coisa que eu percebi? eu percebi que você dá dicas de leituras para todo mundo... empresta livros da sua biblioteca... e ninguém dá dicas pra você... por isso eu trouxe aqui... esses livros... eu já li e são muito bons... ela me disse... se você gostar você me avisa. (...) então essas famílias tem uma certa solidez... com os anos isso foi ganhando uma certa solidez ... de maneira que vai tendo espaço... que com certeza eles vão sentir é falta... se por acaso não tivesse esse trabalho... aí Já é a terceira Edição do Boca que eu levo esses meninos pra contar história... (...) Tem uma certa autonomia que pela minha experiência... você adquirindo... eu já tenho essa experiência... fui fortalecendo... mas é isso... é o nível que você vai levando das coisas... mas tem que levar coisas bem elevadas... que seja leve... beleza... ninguém vai lutar contra beleza.

(...) eles foram contar para uma turma de quarto ano... uma história indígena...uma criança perguntou... levantou a mão... vocês não acham estranho? uma mulher virar macaco? não é estranho isso? e uma menina que tava contando... levantou a mão... eu respondo... a gente acha estranho porque não é da nossa cultura... a gente não está acostumado com isso... mas isso é muito comum na cultura indígena... só não acontece na nossa porque é outra... aí o outro olhou e disse... isso não acontece em cultura nenhuma... as pessoas não viram coisas... ela falou... viram...viram sim... mas a gente não sabe que vira porque a gente não vive no mundo em que vira ... a menina dizia isso para ele... mas ela dizia com uma segurança... com uma segurança que o outro olhava assim... ah... eu não sabia... eu achava que não virava... aí ela responde não vira porque na nossa cultura a gente aprendeu que era diferente... aí o outro vira e fala... é a gente aprendeu que surgiu o mundo de Adão e Eva... então é outra coisa que aconteceu no nosso... aí... a conversa ia sendo assim... desse nível... dessa natureza... você vai aprendendo num lugar... num respeito... quando ela vai contar isso lá pra família dela... imagine de que jeito que ela conta e de tal maneira que os pais também valoriza... entendem... ah... eles estão aprendendo... Porque que isso também é importante... quando eu levo uma história... eu levo também o lugar de onde essa história vem... eu procuro ajudá-los a pensar de onde vem essa história... quanto tempo ela é contada... quando eu contei o conto do "Cavalo Mágico"... conto Russo... escolhido pelo PROP... na verdade ele usou da coleta de outra pessoa... eu explico isso... olha... esse conto foi traduzido lá na sociedade e na cultura onde ele é contada... ele é contada assim e assim... então tem umas coisas que a gente precisa entender... o que é um Arqueiro...o que será que um arqueiro? o que será um Cavalo Mágico... porque o cavalo que dá conselhos pra ele? porque ele não tinha um amigo que desse conselhos? ah mais o cavalo era amigo dele e ele era mágico... o que significa aquilo? que processo é aquele? eu quando vou contar dentro de mim... não lá... não é explicação que dou para eles... mas dentro de mim... eu vejo aquela história como um processo de crescimento e aprendizado... toda história tem o processo de crescimento e aprendizado... de alguma maneira os meninos se sentem todos orgulhosos e cavalos mágicos...dentro do estudo daquela história... de alguma maneira eles viram isso até conseguir a princesa...casar com a princesa... passar pelo processo de entrar no Caldeirão de água fervente... no qual eu saio pronto... Bonito... Belo... outra pessoa que é preparado pra casar com a princesa...tudo que

eu faço pra que isso aconteça... que eles encontrem a princesa da história... eu quero que eles vivam experiência de conhecer cavalo mágico... de se sentir um arqueiro... que erra mas que nesse processo encontra uma princesa... como transforma num cadeirão de água fervente e se case ou num processo de descoberta... descobrir quem num lugar... numa certa tradição ...de uma certa maneira... as coisas viram outras e que também são processos de transformação e vão levando elas a conseguirem coisas... que eu acho que o conto tem assim a primazia de ensinamento... uma coisa é você aprender que a água ferve a 100 graus... isso é uma coisa que tem lá seu mistério e a sua magia... tem coisas ali que eu não entendo... outra coisa é você aprender que tem um lugar onde você vira... você vira outra coisa... e esse lugar pode ser tão longe é que pode ser aqui... ou pode ser num também tão distante que pode ser agora... isso... pra mim é conversa com o conto... é tão válido...tão estão valoroso... quanto saber que a água ferve a 100 graus... isso qualquer pessoa pode saber... entrar num lugar onde as coisas viram... aí... é o iniciado. Essa é a iniciação... são outros acessos... esse acesso tem a ver com as portas que eu abro também para saber que a água ferve a 100 graus...são coisas que elas podem caminhar juntas.... não precisam estar isoladas... não precisa porque o homem que entendeu que a água ferve a 100 graus ...anular homem capaz de virar...não precisa... mas certos jeitos de comunicar o conhecimento anulam homem que é capaz de virar...e... aí... eu gostaria que meus alunos fossem aqueles que podem conviver com isso... com os dois... a possibilidade de virar... a possibilidade de conhecer o Cavalo Mágico e ficar com a princesa e saber que a água ferve a 100 graus... e que tem uma medida específica para medir a distância entre os astros... uma medida específica para medir a distância entre os as partículas de DNA... e saber que os cavalos podem ser mágicos e que tem uma princesa no final da jornada... a pedagogia vai aprendendo com isso...

(REGINA ALFAIA. Entrevista concedida em 13/07/2016).

ANEXO E – Entrevista Regina Campana

MEMÓRIA DE INFÂNCIA

na infância eu tinha meu pai que contava histórias e tinha uma tia que contava muitas histórias...era a tia que abraçava... era o pai que tava junto... era as histórias com afeto... com carinho...então contar histórias... não era a história em si... mas era o carinho... a (quentura) do pai...o abraço... era a tia... a tia que era aquela tia mais jovem... a tia mocinha... bonita... que a gente queria ser igual... e ela contava histórias... isso marcou a infância.... depois meu pai comprou essa coleção mundo da criança... então tinha essa história do **Peter Rabbit** ... que hoje em dia é um clássico na Inglaterra... **Beatrix Potter**... essa é uma história que ficou mesmo. E qual foi minha alegria quando vi reeditado ((mostra o livro))...

(...) para uma criança gostar de histórias... tem que ter um adulto com disponibilidade de contar... eu tive isso... uma pessoa que contava... (...) e depois é uma coisa que falam agora... você já sabe ler... eu não vou ler mais pra você...aí é um corte... não pode acontecer isso... aí como eu já sabia ler ninguém mais lia para mim...e como eu tive dificuldade para aprender a ler... e eu trocava as letras...tinha desleixa... aí eu pegava o livro ai já não lia tanto... aí eu já não foi tão leitura quanto deveria.... e aí como a criança já sabe ler... eu não vou contar mais história pra você que você já sabe ler... aí dão livros... e como eu tinha dificuldade na leitura... pronto... me afastei um pouco da leitura...

Ele contava histórias orais e também os clássicos... que minha tia contava... da Branca de Neve... da Cinderela... eles contavam de memória...tinha alguns contos... NOSSA me lembro da “Menina Enterrada Viva”... eu ficava com uma pena da menina... do cabelo que virava grama... eu acho triste essa história... eu nunca contei essa história... aí... meu pai também inventava... meu pai inventava as histórias... e tinha minha avó que contava as histórias da família da Itália... então... eu tinha essa avó... que contava as histórias da família...que eu também adorava... ela contando como chegou aqui... como é que ela aprendeu a ler... que ela foi numa escola italiana... é a dificuldade que ela teve com as duas línguas... para ela aprender.... então... no fim... ela não sabia nem ler e escrever direito... porque foram

ensinar duas línguas para ela... ela contava as histórias dela de menina... o que fazia... isso também era muito bom...

meu pai comprava discos... eu ficava escutando as histórias... os clássicos eram todos escutados... eu sabia de cor essas histórias... “Branca de Neve”... “Cinderela”... meu pai tinha esse cuidado... era o contador no disco... Meu pai contando... como tinha também os discos... e as músicas... por isso que eu acho que a história tem que ter música... é uma beleza a história com música... eu gosto de botar música nas histórias... ou música antes... ou no meio... ajuda muito... é muito bom muito bom... porque as histórias que eu tenho da infância era todas com muito música.... eram os clássicos... foi um tempo gostoso...

MEMÓRIA DE FORMAÇÃO E DESCOBERTA

aí... eu fui me distanciando da leitura...mas eu ia muita ao teatro... a concertos... muito teatro... o texto falado... então... tinha toda essa parte cultural... aí... eu vim ser leitora mesmo... voraz... quando meus filhos nasceram... que aí eu fui a mesma leitura.... porque eu queria contar histórias pra eles... e aí um dia... eu querendo contar... eu comecei a olhar livros de literatura infantil... eu tinha uma cunhada que era leitura... ela contava para os filhos... eu falei... GENTE... tá passando o tempo... e eu não tô contando... eu preciso contar pros meninos...aí eu resgatei... eu fui pros meus filhos... o que eu vou contar? eu comecei entrar nas livrarias à procura de livros de literatura infantil... até que eu descobro a Ruth Rocha... que foi... aí... foi quando que já nos anos 70... aí... de Ruth Rocha para Ana Maria... aí eu comecei a ficar empolgado... eu comecei contar histórias... contava os clássicos... eles pequenos... eu já comecei a apresentar os livros... mas era muitos livros estrangeiros...brasileiros não tinham muitos... depois que começou a aparecer... não sei se você sabe... que teve uma revista chamada Recreio... que ela que deu o **Boom** na infantil... até então era tudo muito importado...esse Mundo da Criança eram textos todos importados... não tinha quase nada nosso mesmo...

Primeiro eu contava histórias pro meus filhos... (...) quando eu vim morar aqui em Salvador... Salvador era muito pobre em teatro infantil... Era sempre a história de Dona Baratinha... e era muito ruim... eu disse... eu queria tanto que meus filhos

vissem o teatro... aí disseram que aqui na igreja da Pituba... na missa das crianças... contavam histórias... aí... eu fui... eu tava afastada até da religião... um dia... eu fui ver e disseram que tinha contação de história no meio da missa... que na hora do sermão... não tinha sermão... o padre contava histórias... aí... eu vou à missa... lembro que eu fui de carrinho... porque no Rio de Janeiro... dia de domingo tá todo mundo de carrinho... botei os meninos no carrinho... desci e fui... eu já estava com os três filhos... aí... quando eu entrei eu vi uma moça contando... fiquei maravilhada... aí... no outro sábado eu fui... eu comecei a levá-los como uma forma de distração... a hora da história... aí eu fui levando... aí... pensei... GENTE... eu poderia contar... porque eu não vou contar? eu já contava pros filhos... professora tudo... sempre foi professora do fundamenta I... vou querer contar histórias pros meninos... aí um dia falaram... a moça que vai contar histórias faltou... e o evangelho era aquele que Jesus diz... fazei vim à mim às criancinhas... aí eu já gostava muito... falei... já sei... “O Flautista de Hamelin”... que ele tira as crianças... fica triste... mostrar que a criança é tudo... aí chegou a chegou a contadora... eu fiquei numa tristeza... aí... depois eu comecei a contar história na missa... na missa das crianças... aí dizem pra mim... Regina você só contou história... não deu mensagem nenhuma... eu não dava mensagem religiosa... só contava histórias... o meu era contar histórias... aí me chamavam sempre a atenção... que eu contava a história e não dava mensagem... porque... aí... eu começava a contar as histórias que eu gostava... fazia alguma coisa assim... aí... comecei a participar de tudo que era congresso... fiz cursos com o grupo Morandubeté... onde conheci Celso Sisto e Eliane Yunes... esses cursos tinham contadores muito bons...

(...) eu sou professora... fiz magistério... parei de dar aula um tempo quando os filhos eram pequenos... (...) antes de começar as aulas... eu contava pros alunos... isso já no Colégio São Paulo... eu fiquei 21 anos lá... sendo que os sete últimos só de contadora de histórias... eu contava só histórias... foi uma maravilha... foi um presente... esse foi um convite de Lícia... ela tinha um projeto lá... Educando pela Literatura... aí... um dia Lícia disse... quer ser contadora de história? Aí... eu fui ser contadora de histórias... durante 7 anos... dos meninos do primeiro ao nono ano... era um trabalho conjunto com as professoras de língua portuguesa... aí que eu li muito... tiraram o livro didático... e o livro que era o carro-chefe... era o livro de literatura... e aí você trabalhava por semestre... seis... sete... oito... com aquelas

crianças... ou pelo mesmo tema...ou pelo mesmo autor... os meninos menores do primeiro ano ao quinto ano... era uma vez por semana... eu tinha 30 minutos... ou eles iam numa sala que era um espaço de leitura... era um espaço lindo... chamado espaço ler... todo foi invenção de Lícia Beltrão ou eu ia nas sala... e era assim... ou eu dava um livro que era do mesmo autor ou pelo mesmo tema... por exemplo... estavam dando “O Pagador de Promessas”... o oitava ano... aí... eu ia com os contos religiosos... estavam davam dando “Os Miseráveis”... no nono ano... ou eu lia... ou eu contava...

SENTIDOS EDUCATIVOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

(...) acho que a primeira coisa que se teve pensar sobre a literatura é o que ela vai trazer de prazer... de fruição da criança... agora você lendo um livro... você aprende muito... eu tou lendo esse livro agora sobre a Irlanda... eu aprendi demais sobre a Irlanda... então... ele educa em vários momentos... ela faz você viajar... ela faz você conhecer culturas de outros lugares... ela faz você conhecer outros países... então ela te educa nisso... primeiro de tudo é a fruição... as crianças vão gostar? depois o que eu posso trazer desse livro? que eles vão aprender desse livro? mas primeiro se elas vão gostar...o primeiro olhar é o lúdico é a fruição...

(...) Geraldo falou uma frase que eu acho maravilhosa... “até os 10 anos só boa literatura e noções de matemática...” não precisa mais nada... depois você dá a gramática... para que o menino no inicio vai aprender paroxítona... oxítona... proparoxítona... substantivo... adjetivo... então... só essa leitura boa... mas para isso a escola tem que vim junto... então... tem que tá todo mundo junto...os pais não tiveram essa formação...os pais vão exigir o que? cadê a gramática? cada o conjugar verbos? agora fazer esse trabalho que você leva os pais junto... mas... pera... calma... sabendo que lendo... ele vai tendo toda essa noção... lendo os livros...lendo os textos... lendo poesia... e vai aprender a língua dele... então... todos os conhecimentos envolvidos...

e sabe o que é o gostoso do livro? é quando você tá ouvindo a história... o raciocínio que você faz... será que esse é o pai mesmo... Numa história... será que ele é o pai mesmo dessa criança? esse julgamento... esse pré-julgamento... que você

faz na hora que você tá lendo... então... ser o autor nas entrelinhas... é muito bacana
você ser autor nas entrelinhas... você ficar imaginando o que poderá vir...você
também ser um coautor... isso que é o bacana mesmo... quem fala uma frase
dessas... acho que é a Ana Maria Machado... e nessas entrelinhas que você fica
racionando... será que eles vão viajar de novo? ou não? quem será que matou?
QUE SUSTO... QUE COISA... é isso que o bacana da boa literatura... isso que é o
bonito...

(REGINA CAMPANA. Entrevista concedida em 19/07/2016).

ANEXO F- ENTREVISTA VOVÓ CICI

MEMÓRIA DE INFÂNCIA

eu me chamo Anaci de Sousa... nasci no Rio de Janeiro em 39... e a primeira fase da minha vida eu passei com meus pais... até os cinco anos... meu pai trabalhava fazendo sapatos... a minha trabalhava de copeira em pensão... e eu tinha uma tia de consideração... que ela trabalhava numa casa de uma família alemã... então... é o primeiro momento da vida que me vejo com a minha infância... ela me levava... então... eu sou criada com duas famílias alemães... (...) então... ali... eu fui conhecer brincadeiras... primeiro... aprendi a brincar... antes eu não brincava... apesar de que eu tinha muitos brinquedos... mas quando você às vezes... não tem quem brinque com você... você não tem muito interesse...- - claro que a criança cria brinquedos... ela cria ideias... às vezes aqueles brinquedos que ela tem... não era aquilo que ela queria... eu vejo isso numa neta de coração... que eu tenho...eu reparo que ela brinca sozinha com uma bolinha desse tamanho((desenha a bola na mão))... ela bate aquela bolinha... só a noite... é o único momento que eu vejo essa menina brincar...-- então é nesse momento... que eu começo a brincar de correr... de esconde-esconde... de pular com as crianças alemãs...-- depois acaba a guerra... eles voltam à Alemanha... depois voltam ao Brasil... voltam à Alemanha e a gente ficou completamente separados... porque ela queria me levar e mamãe não deixou... aí eu voltei a minha casa... dia de domingo o meu pai me levava... às vezes... para ver minha avó... aí... lá eu tinha meus primos... que tinham o nome Ronald... mais velho do que eu... Nice que vinha depois... a gente chamava Nicinha...Leila era muito pequena... Ricardo muito pequeno...-- e na casa da minha avó... tinha uma pessoa que acompanhava a família... e ela então tinha ido para casa da minha avó quando era muito jovem... ela que contava histórias... então quando eu estava na casa da minha avó... ela contava histórias... minha mãe vinha cansada...não contava histórias nenhuma... e meu pai tinha umas cantigas muito chatas...o humor dele era um humor muito sarcástico... um humor negro... então ele gostava de uma cantiga... que eu não gostava... de roda que dizia... “Pai Francisco entrou na roda tocando o seu violão”... ((canta)) (...) por que Cici não gostava disso? Cici não gostava... por que minha família era misturada... eu tinha primos que tinham o cabelo lour...o que não penteava... ficava em pé... assim liso... e olho azul... olho verde... mistura

demais... então... essas crianças eram todas criadas juntas... então por que Pai Francisco apanhava? o que foi que pai Francisco fez? porque ele não podia se exhibir? tocar a violinha dele? que incomodava os outros? eu daquela idade... eu não gostava... agora meu pai cantava essas coisas... “no alto daquele morro passa boi passa boiada, também passa Ronaldinho com a cueca caçada” eu não SUPORTAVA isso... mas Ziza contava muita história... ((moça velha que acompanhava a família da avó dela)) as histórias daquele tempo eram histórias que metiam medo às crianças... eram totalmente diferente das histórias de hoje... então... eu me lembro que tinha uma história... que todo mundo acha engraçado quando eu conto... “uma gata muito bonita... ela tinha uma porção de filhinhos... os filhos dela eram lindos... eles eram tão lindos que os outros bichos, tinham ciúme dela... porque eram os mais lindos que existiam... e todo mundo... todo muito gente... davam coisas... e agradava a gata...aquela coisa toda. a gata morava na floresta... mas quando ela vinha a cidade... ela vinha acompanhada daqueles gatinhos... todo mundo fazia carinho... dava as coisas... ora... ali perto morava uma onça... e onça via quando a gata passava com os gatinhos... um dia... ela disse... eu vou descobrir onde é... que essa gata mora... aí ela seguiu a gata e descobriu que a gata morava no alto de uma árvore... e gata era bonita... era bonita... era feroz... e a onça...não tinha coragem de atacar... então... o que ela fazia? ela ia e pegava os gatinhos um por um... botava no alto da árvore... e ia pescar coisas para os gatos comerem... e ela deixava os gatinhos sozinhos e de tarde ele voltava... e os gatos cada dia mais lindos e onça cada dia com mais ciúmes... um belo dia... ela reparou que a gata tinha um código... então... o código era uma música e a onça ficou escondida e ouviu quando a gata cantou (ja oe maragatingue benle) (vou buscar garoa pra vos me ce)... aí os gatinhos iam e abrim a porta.... quando ando a onça ouviu aquilo... ela disse... será? então esperou a gata sair ...e quase encima do rastro subiu e tentou empurrar a porta...bater.... eles não abriram... aí ela lembrou da cantiga... no outro dia... a mesma situação... a gata saia e cantava a cantiga... quando voltava... aí nesse dia... que a gata saiu... a onça foi...minha filha... cantou... e os bichinhos abriram a porta... ela foi pegar os gatinhos... alguns fugiram e outros ela levou pra dentro da floresta.... quando a mãe subiu a porta estava aberta... ela não achou um rastro de um gatinho... então... ela passou a cantar... muito triste... essa cantiga toda vez que ela ia para a beira do rio...nunca mais ela ouviu falar dos gatinhos dela...” agora contam que tempos depois... apareceu o gato do mato... e

outros contam que onça comeu os gatinhos que não escaparam... eu não posso contar isso... que a onça comeu os gatinhos... os que não escarpavam... a onça comeu... entendeu? ela dizia pra gente... mas eu não sei se a onça comeu ou criou eles...porque ela tinha ciúmes... porque ela não tinha as oncinhas dela... ninguém sabe... isso vai de você... eu digo que tempo depois apareceram os gatos do mato... então essa foi uma das primeiras histórias que eu aprendi... mas ela contava um bocado... minha fase de criança na casa da minha avó foi essa... tive muitos brinquedos... mas aprendi a brincar com meus amiguinhos alemães.

(Vovó Cici. Entrevista concedida em 01/08/2016)

FORMAÇÃO

(...) minha mãe teve temporão... minha mãe na menopausa ficou grávida... engraçado que minha mãe tem a pele bem clara e meu pai tinha a pele bem escura... a menina nasceu com a pele branca... o menino nasceu um ano depois com a pele preta... preta... muito engraçado os dois... (...) Para fazer eles dormirem... aí era que Cici cantava... “boi... boi... boi da cara preta... pega esse menino que tem medo de careta... boi... boi... não... não... por que esse menino tem bom coração”... ela fica me olhando... a menina... tinha outras... as outras mamãe não gostava... “ eh nana... eh...eh... nagô... iemanjá...” isso é cantiga de praia... porque eles só dormiam embalando(...) Eu contava histórias e não podia ser repetida... tinha que ter sempre uma história antes deles dormirem...estes eram meus irmãos....

(...) eu vim... definitivamente... para bahia em 72... aí eu fui trabalhar com Pierre Verger... aí... fui trabalhar nas onze mil fotos... fazendo legenda... aprendi com Pierre Verger o que não aprendi em escola nenhuma... conheci gente... Conheci monumento... fui conhecer raça... conhecer cultura... foi tudo nessas 11 mil fotos... fazendo legenda... ele me ensinando... isso é isso...isso é aquilo... isso é aquilo outro... aí eu foi aprendendo mais ainda (...) trabalhei em ônibus como cobradora... aí foi lidar com gente de toda a espécie... de toda forma...e de todos os humores... que bota a pessoa... para cima... para abaixo... eu foi aprendendo todo com a vida... foi quando a Ângela... diretora daqui... veio estudar no Brasil e ganhou uma bolsa de estudo para fazer doutorado... foi quando ela me conheceu e me trouxe pra cá... ela

é (etnomusicóloga) e antropóloga... a tese dela foi sobre música e trânsito... não por que ela fez com Cici não... não é porque eu mostre a ela não... uma das coisas mais perfeita... sabe? porque quando você botar na sua língua... ela é alemã... mas quando eu peguei a tese dela para um germânico brasileiro ler... ele leu exatamente o que eu falei... compreendeu?-- Ela teve os filhos dela e esses são meus netos... eu contava para eles (...) depois veio um outro meu neto do coração... o que fez essas arraias...((aponta para o teto onde estão as arraias) esse mora no céu... agora... meu neto do coração... foi embora com 17 anos...(...) ele adorava soltar arraias...

(...) aí eu fui contando histórias... mas... eu contava histórias da Europa... histórias da China...cada uma tem uma corrente... uma linha... por exemplo... China tem histórias com os provérbios... Esopo... animais... a gente começa ver as espertezas dos animais... A China faz charada com os animais... aquela história... do jardineiro é uma das histórias mais lindas que eu conheço...pra ensinar a criança a falar a verdade... muitas outras... não é tão desenhada... é encantada... o encantamento entra quando entra os dragões... o que é o dragão para você? são dois... o que voo... e o que anda na terra... o que voo é a ancestralidade... são os espíritos ancestrais... que veem no céu na forma de um dragão e vem proteger... aí você começa a entrar na espiritualidade com as crianças... se você ensina desde de pequeno a respeitar... porque cada um desses povos... ele vai focar numa determinada coisa das culturas antigas... eu não tenho sua cultura... eu não estudei... o que você estudou... é a vida que me ensina...eu começo a ouvir... começo a prestar a atenção... e minha cabeça começa a fazer eu entender... porém eu sou negra... não é minha cultura... então... eu conto um pouco... respeito todas as raças...mas eu tenho que contar da minha... por que eu tenho que contar da minha? Porque a minha que é a pisada... aqui... nesse país... ela é pisada... o negro não tem valor nenhum... aqui... nesse país e pior que eles não dão oportunidade ao negro.

(...) fui trabalhar com Pierre e dou um pulo na minha vida... e lendo e lendo...lendo... eu ficava com meu pai Fatumbi... quando ele tava dormindo eu ia para biblioteca dele... aí começava... Índia... Etiópia... isso... aquilo... aquilo... África... (...) aí eu começo a aprender muito... minha memória acende de coisas que eu tinha ouvido... desde os 18 anos de idade... eu fiz santo com 32(...) aí você começa a ativar a memória... e ele muito perspicaz... tudo isso... tem história...((fala apontando para as fotos de feitas por Pierre Verger)) eu te conto as histórias... então... tudo isso para

mim tem histórias... você olha... assim... pode não te dizer muita coisa... mas... quando eu te disser as histórias.. aí... você vai saber... ele prova... a gente é uma raça só... é daí que a gente vem ((apontando para as fotos)) você sabe o que é isso? aqui a mulher tá em transe de (ibeije)... o menino... também... tá... então... foi isso que eu comecei a trabalhar... foi isso que eu comecei a fazer... legendas... ele me explicava e eu aprendia... olha a história de novo... olha aquela outra história que ninguém havia me contado... a história da minha Raça... do meu povo... da minha cor... da cantiga... dos contos... que na língua de vocês... acadêmicos... são épicos... eu também tenho minha raça... também tem... minha raça teve reis... existem outros países que dão (...) eu na minha ignorância... contando histórias da cultura afro-brasileira... eu consegui botar 200 alunos dentro do auditório da UCLA... você já ouviu falar na UCLA em los Angeles eu consegui contando histórias... é um auditório grande... nesse dia no fundo tinham 04 estudantes nigerianos...porque antes deles fazerem um programa com você... ele bota lá no currículo tudo... no dia que eu cheguei tinha 04 nigerianos... eu não sabia o porquê... então... todo mundo com roupa normal... mas eles não... eles estavam com um chapéu... que quer dizer que eles tem um posto alto... na Nigéria... são estudantes graduados... eles tem que botar a roupa e o chapéu... faz isso... sentou no fundo... ficou os 04 juntos (...) eu contei uma história e cantei... no final todo mundo veio me cumprimentar... inclusive os 04... o que foi que eles fizeram? eles se ajoelharam... porque isso é costume de lá... tomara a benção... como mãe e eu tomei a benção a eles... então... ninguém aqui me deu esse valor...-- eu deixei na minha casa um livro que conto histórias da cultura afro brasileira... em Francês... eu foi homenageada por duas meninas... que vieram trabalhar comigo(...) o primeiro livro que tem o nome de Cici é o Cozinhando a História feito em Francês.

(Vovó Cici. Entrevista concedida em 10/08/2016)

MEMÓRIA DE DESCOBERTA

... você é aquilo que seu orixá te destina a ser... não adianta... se você é uma professora... é porque seu orixá disse que você ia ser... se você é uma doutora... é porque seu orixá disse... se eu conto história... é porque o meu orixá disse que eu ia

contar história... e essa confirmação eu só tive em 2014... eu vim trabalhar com meu pai **Fatumbi** nos anos 90. foi...aí... que voltei para minhas origens... para minha raça... pro meu povo... contava histórias... porque eu lia muito... eu lia... eu contava...devorava livros direto (...) numa viagem que fiz aos Estados Unidos em 2014... quando tava perto de eu vir embora... eu viria embora numa terça- feira... numa segunda-feira... no domingo a moça... que eu fico na casa dela... disse... olhe... na segunda... amanhã... a gente vai acordar cedo, porque vai ter uma cerimônia na casa de (babá faxe ogum)... aí você tá convidada... eu botei minha roupa branca e fui... quando eu cheguei mandaram eu sentar...descansar... veio umas pessoas que falam espanhol conversar comigo... ai falou de orixá... eu comi... depois minha filha... ele veio me botou numa sala... fiz minha preparação para receber isso ((aponta para uma pulseira que está usando)) isso daqui diz que eu sou apetebi... Apetebi é a mulher que toma conta das coisas de Ifá... o contador de histórias... aí sim você pode dizer ela é contadora de histórias... porque orixá me deu esse direito...

nesse momento... que eu recebi isso... ((aponta para a pulseira))...no momento que eu recebi Ifá na minha mão... eu disse... eu tenho que contar histórias... o que pode... e o que não pode... aí você vai perguntar para Cici... mas porque não pode? aí... é que está a ciência... quando você fala porque não pode... você tem que contar a história... acredite ou não acredite... ali está a resposta...(...) quando o babalaô joga que sai o Ifá para você... ele tem que lembrar uma história que resolveu aquele problema que você está passando naquele momento...isso é contar uma história... quando uma pessoa está com um problema muito grande... o que ela vai fazer... aí ele lembra da história... aí ele conta a história e ajuda a resolver... isso é contar história... eu conto história deste lado... afro-brasileiro... toda história tem uma mensagem ali dentro para o bem da pessoa (...)

(Vovó Cici. Entrevista concedida em 10/08/2016)

SENTIDOS EDUCACIONAIS

preste bem atenção... você vai ser uma criança para mim... “contam os antigos... e também Ziza contava... que tinha acabado a escravidão e que muitos tinha ficado

livres... mas tinha ficado dentro da suas fazendas... trabalhando alguns para seus senhores... então o que é que acontece... ela chega e conta que tinha um casal de ex escravos... eu chamo libertos... que trabalhava na fazenda para ganhar algum dinheiro... era uma plantação de cana... todos os dias eles iam e voltavam... e esse casal só tinham tido uma filha... quem cuidava da filha era a madrinha... saiam de manhã para o canavial e voltavam quando o sol estava morrendo... só tinha deixado de ser escravos. então... conta a história que numa dessas idas e vindas... esse casal cortando a palha da cana... pra botar no pé da cana... no meio do trabalho eles encontraram uma cestinha... quando eles abriram o que era que tinha dentro? [...] um menino lourinho de olho azul [...] quando o casal de libertos viram pegou a criança e foi primeira a igreja... chegou lá mostrou o padre da cidade e disseram que aquela criança tinha aparecido dentro de uma plantação de cana... aí ele diz... amanhã vou convocar toda a cidade para saber de onde teria vindo essa criança...mas essa noite vocês fiquem com ele...aí eles pegaram o bebê e levaram para casa...quando chegou aí chamaram a menina de nome Francisquinha...e diz... olha eu achei esse menino no canavial e não sei de quem ele é filho... mas... essa noite ele vai passar com a gente... aí a menina ajudou a mãe a arrumar uma cesta para botar o menino... aí... eles fazem uma papa para a criança comer... aí... você pergunta para as crianças como é feita uma papa? por incrível que parece eu contei essa história a alguns anos atrás e todas as crianças sabiam como se faz a papa... oh minha avó... pega a farinha de guerra... coa na fralda... depois bota leite...mexe... e bota um pingo de sal... se não tiver leite bota água... eu disse... é isso mesmo... e coloca no dedo... e a criança come certinho. deram a papa para o menino... o menino comeu direitinho e botaram o menino para dormir. Porém... quando estava se aproximando de meia-noite... o menininho começou a se bulir na caminha... e quando o sino da igreja começou a tocar bennn...bennn... aí... eu chamo todas as crianças bennnn...bennn... até formar as 12 badaladas... e quando deu 6 badaladas... o menino deu um voo... ele deu um voo... subiu na cumieira da casa... botou as mãos... assim ((coloca a mão na cintura)) mas vocês sabem o que aconteceu com o menino? alguém sabe me dizer? pois é... o menino ficou preto e em cada braço se criou uma asa de morcego... então ele se pendurou na cumeira e cantou... Zumbi que Zumbé... ie... Zumbi... que... Zumbé.. ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê ... aí... eu digo... todo mundo vamos cantar... ai as crianças ((batendo palma)) Zumbi que Zumbé... ie... Zumbi... que... Zumbé..

ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê ... e dar uma umbigadinha... quando deu a última badalada... ele se deitou e voltou a ser lourinho dos olhos azuis... MENINA... você precisa ver a reação das crianças... quando chegou no outro dia... a mãe saiu... chamou a filha e disse...olha eu vou dar o mingauzinho dele... a papa do menino... quando for meio... dia você chama sua madrinha pra dar... porque a menina era pequena... não mexia em fogo... ai ela deu... ensinou a menina... o menino comeu... soou...dormiu... quando deu meio-dia... a menina chamou a madrinha... a madrinha fez a papa... pegou... o menino comeu... dormiu... um verdadeiro come e dorme... quando chegou de tarde... a madrinha foi... fez a papa... o menino comeu e dormiu... mas quando o sol começou a baixar... ai o menino começou a chorar... coen, coen... ((imitando a criança chorando)) todo mundo chorando e fazendo o bebê... o menino berrava tanto que do canavial eles escutaram e vieram ligeiro e disseram... esse menino tá com fome... Francisquinha não deu a comida do menino... isso é fome... aí ligeiro deram comida para o menino... e ela disse... você não deu comida? eu dei... não... quer ver que não deu? aí... fizeram rapidamente um pirãozinho... abanaram... abanaram... e quando esfriou o menino comeu... como estivesse esfomeado. aí o pai disse... se amanhã... eu encontrar esse menino com fome... você vai cair na peia. alguém sabe o que é peia? é um pedaço de couro que você pode pendurar no prego atrás da porta... ele nunca tinha feito isso com a menina... a menina começou a chorar... quando foi a meia-noite... o menino começou a mesma cantiga... na última badalada ele dormiu... quando foi no terceiro dia... e nada de aparecer pai e mãe... todo dia o padre chamando.... no terceiro dia... a menina começa a chorar e fala com a madrinha... a madrinha disse... hoje quem vai cuidar desse moleque sou eu... quando ela tava dando papa para o menino... ela disse... hum... bem que eu estava desconfiada... aí... deu papa para o menino e ficou calada... aí disse... olha... hoje... eu vou dar um jeito nessa história... (...)aí ... quando chegou de tarde... que sol desceu... olha o moleque gritando... e a madrinha escondida... e a menina com ele no colo... (...) O que foi que eu lhe disse? se você não desse comida ao menino... ia levar uma surra... pois você vai cair na peia... quando ele disse isso... a madrinha veio e disse... alto lá meu compadre... hoje quem cuidou desse moleque fui eu... vamos pegar esse moleque e vamos batizar... mas minha comadre tem que esperar o pai e a mãe... não ele vai batizar é hoje... é agora... aí pegaram o moleque... botaram... o moleque vestido de branco e levaram para igreja... aí todo mundo da aldeia foi para

o batizado do moleque... aí quando chegou dentro da igreja... o padre levou o moleque para pia batismal... e encheu a concha de água benta... e disse eu te batizo em nome... quando ele jogou a água benta o moleque deu uma explosão... soltou uma bufa... incensou todo mundo de merda e saiu voando e cantando... Zumbi que Zumbe... ie... Zumbi... que... Zumbe.. ah... eu tava no meu cazumbi... num mandei me apanhar êê ... até hoje ele tá voando..."

you entendeu? é assim quando a gente pega o que não é nosso... eu não preciso dizer nada... é história africana... é do meu povo... a nossa concepção e conscientização do certo e do errado é dessa forma... entendeu? ai num instante todo mundo entende... enquanto fica assim ((fala pegando minha mão)) filhinho... não faz isso... o moleque tá fazendo... como eu te disse a minha pedagogia é diferente... às vezes os meninos chegam aqui com umas histórias... eu digo vem cá por que você fez isso? eu não digo que ele tá errado não... aí conto minhas histórias... eles tem que aprender... é assim a cultura africana... o mais velho conta uma história... ai a gente diz que não ouve ai... ouve ai ai....

que outro dia você vem aqui? porque eu vou de ler um texto de Pierre Verger... é um dos textos mais lindos... quando eu conto histórias... eu gosto de ler, antigamente os orixás eram homens... homens que se tornaram orixás... pelo seu saber... pelo seu comportamento... pela sua inteligência...pelo seu amor... foram venerados pelo seu povo...mas aquele que nada fez caiu no esquecimento... mas aqueles que fizeram até hoje sua memória... é lembrada... hoje se lembra de ogum... o orixá que desceu do céu... ensinou o homem a lutar... ensinou a trabalhar... ensinou o homem a plantar... ensinou o homem a ser homem... então a gente rende valor a essas histórias... que dá força para você acordar todo dia e fazer a gente chega aqui... escravos para enriquecer o colonizador... mãe menininha dizia... que o ouro estava escondido no fundo da lata... a lata é a gente... a lata é o mundo... o ouro é nós... e trabalhamos para enriquecer... quantos povos o negro trabalhou como escravo? muitos mas ninguém se lembra disso... então às vezes a gente passa as histórias que ouviu dizer... a gente aprende com a vida... às vezes você quer uma informação... pede a um... pede a outro... olha e e ver alguém varrendo a rua e você pergunta... onde fica tal lugar? sim eu sei... fica ali... então... essas são coisas da vida... porque a vida... o seu cotidiano lhe ensina... mais ainda do que na universidade... nas escolas... então com o passar do tempo das situações... eu foi

amadurecendo... mas nunca esquecendo... sempre olhando... a criança é o amanhã... vamos contar histórias...tem gente que diz... oh ficando contando mentiras... mentira é o que você tá falando... aí... agora... se você está dizendo que estou contando mentiras... porque eu estou contando histórias... a vida é feita de histórias... você sabe os povos... eu digo para pessoa... os primeiros povos... eles eram iconografos, contavam suas histórias... fazendo desenhos... aí começa a contar através de desenhos... sempre ela vai ser fantástica... sempre ela vai ser mítica... porque a bíblia diz que você foi feito de uma costela de adão... e Deus criou um homem e uma mulher... você pega a bíblia... você abre e vai ler gênesis... vai ver quantas histórias fantásticas tem ali? acredite se quiser... mas a gente vem de uma história... que a gente chama mítica... quando eu vou contar das minhas histórias... dos orixás... que eu começo a fazer aquele transição de contar... de chegar nas escolas... aí eu sou convidada pros projetos... Ângela me bota nisso... me bota naquilo... aí eu começo a aprender com vocês... eu começo a ver como vocês fazem... como é que vocês escrevem um projeto... como é que vocês ensinam na escola... não é nada daquilo que eu sei... então se eu fui chamada... eu tenho que falar aquilo que eu aprendi na vida... aí você começa a perguntar... vocês querem histórias de que? aí você já sabe as histórias que eles querem... ultimamente... eles queriam historinhas dos heróis que eles veem na televisão... aí você vai ver que criança não ler... ela não ler um livro... e eu foi aprender isso como? assim... eu conto uma história e digo será que vocês são capazes de desenhar uma parte da história, que vocês mais gostaram? ah eu não sei desenhar...sabe sim... faz como você quiser... vovó vai entender, aí eles fazem (...) escreve seu nome... ah vovó eu não sei...

(...) Quando a nossa caixa de histórias tiver vazia a gente inventa... pega um pedaço de cada uma... mais bota coisas do cotidiano... coisas que eles usam... coisas que eles conhecem. [...] ((voltando a falar da escola)) vocês querem história de que? Aí... eles chamam todos os heróis da televisão... aí... eu digo... mas vovó não sabe contar essas histórias... vovó trabalha o tempo todo, de de manhã até de noite... vovó não pode ver televisão... eu conheço outras... servem? Ah... SERVE... então... eu vou contar a história de uma mulher misteriosa que é metade peixe... metade mulher... um olha para outro... alguns sabem... outros não sabem... alguns começam a sair... os que saem são os crentes... quem é? vocês sabem o nome dessa mulher?

a gente faz tanta festa para ela no dia dois de fevereiro... sabe onde ela mora? no Rio Vermelho... alguém conhece o Rio Vermelho? Aí... vovó Cici diz... é um antigo bairro de pescadores... cujo as casas eram usadas para veranear... quem veraneava era o povo que morava na Graça... no Campo Grande... você tem que contar a história... e tem que botar a história de um bairro... porque ele é assim... porque ele é assado... ai a criança observa... e ela vai lembrar.. ah... porque o Rio Vermelho é lindo... tem casas antigas... então... sabe por que aquela casa é assim? Porque ela foi feita nessa época... não é só o encantamento... você tem que abranger a outra história... e diz que lá... a muitos anos... vamos dizer 1890... alguém sabe o que aconteceu em 1888... sempre tem alguém que sabe... que levanta a mão... pode falar... a lei áurea. e o que aconteceu com os escravos libertos? AH... eles não sabem... aí... você tem que dizer... tudo isso para contar uma história... é a história...

vovó vai contar uma história para vocês... "Iemanjá vivia no palácio... na sua forma humana... e ela tinha muitos filhos... cada um na sua natureza... porém ela tinha um que estava sempre com ela... e ela dengava muito ele... porque ele era dengoso com ela...fazia... pintava... fazia estripulias... mas sempre via a mãe... minha mãe você quer alguma coisa? minha mãe você está precisando de alguma coisa? e a mãe hum... hum... não. esse menino se chamava EXU... um dia ela no seus afazeres viu que essa criança estava encostada numa parte do palácio... ele já era um jovenzinho... adolescente... e segurava sua barriga... cruzava as mãos e tava zangado... aquilo chamou atenção da mãe ela perguntou **(omodemi) (kiloche)**? e ele vira para mãe e diz... **(laiá) (ajehum) (laiá)**. Ela perguntou em iorubá... meu filho o que é? e ele respondeu... comida... mamãe... comida... então ela vira-se pra ele e diz... **(omodemi)**... meu filho... **(akiko)**? um galo? **(beni)**...**(beni)**... sim...sim... aí a mãe... vai manda vim o akiko... ele come... ela vai fazer as coisas dela... ai daqui a pouco... ela passa pelo mesmo lugar e ele tá lá... ela vira para ele diz... **(omodemi) (kiloche)**? E ele **(laiá) (ajehum) (laiá)**... **(Omedemi) (akibo)**? Ela faz a mesma pergunta... ele diz que tá com fome... ela pergunta se ele quer um carneiro... ele diz que sim... ele um adolescente... ela manda preparar o carneiro... ele come o carneiro tudo... ela diz... bem agora eu enchi a barriga do meu filho... demora... quando ela demora... pela terceira vez ele está no mesmo lugar...-- na cultura iorubaá três significa um positivo... o moleque tá zangado... ela diz **(omodemi) (kiloche)**? **(laiá) (ajehum) (laiá)**... ele já está mal criado... ela diz **(malu)** ele diz... **(beni)**...**(beni)**... ela

pergunta se ele quer um bezerro... ele diz que quer... ela mandar dar o bezerro... e pensa agora eu estou livre dele... vai fazer tudo... aí... quando está escurecendo... ela volta... ele está no mesmo lugar... mas a barriga dele não enchia... ele continua com a barriga vazia... ai ela chega para ela... e diz... **(omodemi) (kiloche)**? e ... aí... ele se levanta abre uma boca muito grande... levanta as mãos... estica as mãos e vai para frente da mãe e diz... **(laiá) (ajehum) (laiá)** e abre a mão e vai em direção da mãe... a mãe vai... pega ele pelo cabelo... ele tem uma cabeça compridinha... porque na ponta... ele tem uma faca...pra não trabalhar para ninguém... então ela vai... segura a trança dele e choco...choco... e bota ele ajoelhado... e diz **(omodemi) (iaeni)** meu filho eu sou a sua mãe... e ajoelha ele... ai diz depois de hoje em diante... se quiser comer você vai pra rua trabalhar... ai pega ele pelo cabelo... faz assim(pega no cabelo) e joga ele na rua... e ele fica na rua pra sempre... e por isso que Exu faz aquilo que você pede... seja bom ou ruim...ele quer é comer..." aí eu viro para criança... pergunto... o que você achou dá história? você sabe o que a criança diz pra mim? ora minha avó, a senhora sabe por que ele fez isso? Porque ela deu ousadia... a criança é que diz para vovó... eles não acham que Exu está errado... eles são adolescentes... eles acham que é mãe que deu ousadia... por isso... eu te digo a criança me ensina todo dia... Iemanjá é a mãe que provem... aí... você ver a mãe deu ousadia até um certo momento... então tem muitas mães que são Iemanjá... sabe qual é a mãe que é Iemanjá ? () é duro dói no coração... porque dói no meu... é quando o filho faz errado e a mãe chama a polícia e entrega o filho a polícia... isso dói muito... dói muito...

você já contou história em escola primária? então... já observou que a maioria dos professores deixa você contando para as crianças e saem... nem sempre ouvem a história que você vai contar... é difícil... por incrível que pareça ... sabe onde eu encontrei professores que me acompanhassem nas histórias? no colégio pago... eu conto história onde alguém quiser me ouvir contar história... não precisa me pagar... não... eu conto histórias a quem quiser ouvir minha história... eu conto história diz que eu sou griô... o griô conta história em qualquer lugar...para quem quiser ouvir...

(Vovó Cici. Entrevista concedida em 16/08/2016)